



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO ANTROPOLOGIA SOCIAL
PPGAS/UFAM

ANA MARY MELLO DE AZEVEDO

DANÇA DA CUTIA: MINHA CULTURA, MINHA IDENTIDADE NA ESCOLA MURA



MANAUS

2022

ANA MARY MELLO DE AZEVEDO

DANÇA DA CUTIA: MINHA CULTURA, MINHA IDENTIDADE NA ESCOLA MURA

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida

MANAUS

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A994d Azevedo, Ana Mary Mello de
Dança da cutia: minha cultura, minha identidade na escola Mura /
Ana Mary Mello de Azevedo . 2022
130 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: João Pacheco de Oliveira
Coorientador: Alfredo Wagner Berno de Almeida
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Dança da cutia. 2. Mura. 3. Murutinga. 4. Cultura. 5. Identidade.
I. Oliveira, João Pacheco de. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

ANA MARY MELLO DE AZEVEDO

DANÇA DA CUTIA: MINHA CULTURA, MINHA IDENTIDADE NA ESCOLA MURA

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas – PPGAS, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira – Orientador/Presidente

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida – Coorientador

Prof^a. Dr^a Ana Flávia Moreira Santos

Prof. Dr. Jaspe Valle Neto

DEDICATÓRIA

- ❖ *In* memória de minha mãe, Cérvola Mello de Azevedo por ser meu exemplo de mulher guerreira e persistente;
- ❖ Ao meu pai, Solon de Souza Azevedo por se alegrar comigo por esta grande conquista;
- ❖ Às minhas filhas: Raísa de Azevedo Siqueira, Raiana Victória Cabral Santana e Elenita Rhanna de M. Azevedo Cabral que de alguma forma buscaram me compreender quanto aos dias, meses e anos ausentes por conta dos estudos e trabalho;
- ❖ Às minhas netas: Alana, Geovanna, Helena e Aninha por me alegrar nos momentos que estava exasta, precisando recarregar as baterias;
- ❖ Ao meu neto: Víctor Emanuel por ser o sonho materializado, o curimim da casa;
- ❖ Aos meus irmãos: Charles, Gutemberg, Ricardo, Adilson, Hudson, Daniel, Solânge, Mara, Jânia, Célia.
- ❖ Dedico este estudo ao povo Mura de Autazes, em especial aos parentes e lideranças da Aldeia Murutinga que sempre me abraçaram em todos os estudos realizados na aldeia.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. João Pacheco de Oliveira;
Ao professor Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida;
Professor Edilson Martins Melgueiro - povo Baniwa;
Dr. Justino Justino Sarmiento Rezende - povo Tuyuka;
Dra. Marta Amoroso;
Ao professor Walcimar Araujo da Silva;
A professora Ellen Cabral;
Ao professor Marcelo Barbosa
Professor e Pastor Elias Nunes Barbosa;
Professora e Pastora Alcimara Lopes Barbosa;
A professora indígena Nazareth Barroso Monteiro;
Ao professor indígena Allean Braga Silva;
A professora indígena Amélia Braga Mura;
Tuxaua Antonio Batista Mota;
Tuxaua Estelio Matias Pereira;
Tuxaua Martinho Mura; e
CIM – Conselho Indígena Mura;

RESUMO

A presente pesquisa aborda sobre o povo Mura, em destaque da Aldeia Murutinga e sua manifestação cultural a dança da cutia, retrata um pouco de minha trajetória de vida na Aldeia Murutinga, no movimento indígena e na prática do exercício etnográfico, mostro minhas experiências durante as aulas presenciais na academia UFAM no período de 2019-2020. Apresento uma análise sobre os Mura e os impactos pelo Projeto Potássio Autazes, demonstrando a empresa Potássio do Brasil e como será o empreendimento de extração de recursos naturais para a produção de fertilizante Cloreto de Potássio no município de Autazes. Apontando o Protocolo de Consulta e Consentimento do Povo Indígena Mura de Autazes: Trincheiras: Yandé Peara Mura e como foi o processo de sua elaboração pelas lideranças. Foi de suma importância abordar nesse estudo como os Mura buscam resistir para existir. Focando o principal contexto desta pesquisa. Evidenciamos uma discussão de pensamentos e contextualizando nossa realidade com a temática da educação escolar indígena e cultura numa perspectiva antropológica interdisciplinar valorizando a manifestação cultural da Aldeia Murutinga, a Dança da cutia e seus significados simbólicos, identificando a Dança da cutia como minha cultura e minha identidade, destacando a Dança da cutia na escola Mura e o processo de inclusão da Dança da cutia na escola Mura, em conclusão apresento uma proposta de utilizar as letras das músicas da Dança da cutia para elaboração de uma cartilha e utilizando-as como textos paradidáticos em Língua Portuguesa e *Nheengatú* na sala de aula, com a interação de conhecimentos professor/estudante; estudante/professor; estudante/estudante e professor/professor, possibilitando com essa ação a tão ideia da contextualização de realidades e a interdisciplinaridade da antropologia com outras áreas de conhecimento.

Palavras- Chave: Dança da cutia, Mura, Murutinga, Cultura, Identidade.

ABSTRACT

This research approaches the Mura people, in the highlight of Murutinga Village and its cultural manifestation the cutia dance, portrays a little of my life trajectory in murutinga village, in the indigenous movement and in the practice of ethnographic exercise, I show my experiences during the face-to-face classes at the UFAM academy in the period 2019-2020. I present an analysis of the Mura and the impacts by the Potassium Autazes Project, demonstrating the company Potassium of Brazil and how it will be the development of natural resources for the production of potassium chloride fertilizer in the municipality of Autazes. Pointing out the Protocol of Consultation and Consent of the Mura de Autazes Indigenous People: Trenches: Yandé Peara Mura and how was the process of its elaboration by the leaders. It was of paramount importance to approach in this study how the Mura seek to resist to exist. Focusing on the main context of this research. We evidenced a discussion of thoughts and contextualizing our reality with the theme of indigenous school education and culture in an interdisciplinary anthropological perspective valuing the cultural manifestation of Murutinga Village, the agoutis Dance and its symbolic meanings, identifying the agoutis Dance as my culture and my identity, highlighting the Dance of the agoutis in the Mura school and the process of inclusion of the agoutia Dance in mura school, in conclusion I present a proposal to use the lyrics of the songs of the Dance of the agoutis to elaborate a booklet and using them as paradidactic texts in Portuguese and Nheengatú in the classroom, with the interaction of teacher/student knowledge; student/teacher; student/student and teacher/teacher, enabling with this action the idea of contextualization of realities and the interdisciplinarity of anthropology with other areas of knowledge.

Keywords: Agouti dance, Mura, Murutinga, Culture, Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de conclusão do mestrado.....	44
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Localização do Município de Autazes.	58
Figura 2 - Localização Regional do Projeto Autazes.	59
Figura 5 - Desenho do Tamborim e Gambá feito por professores Mura.	88
Figura 6 - Couro de viado no tamborim sendo esquentado no fogo.	88
Figura 7 - Urucum	89
Figura 8 - Dona M.F.debulhando o urucum para fazer o coloral, tempero típico do povo Mura.	89
Figura 9 - Tuxaua A.B. M. e esposa dona M.	90
Figura 10 - Crianças sendo pintadas com urucum.	90
Figura 11 - Chapéu, colar, cocar e enfeites da dança da cutia.	91
Figura 12 - Saia, sutiã, brinco/ flecha e arco.	91
Figura 13 -Figurinos da Dança da cutia, Feminino e Masculino.	92
Figura 14 -Caso 1- aluno “A”	94
Figura 15 - Caso 2 – Aluno “B”	95
Figura 16 - Caso 3 – Aluno “C”	96
Figura 17 – Cutia.	100
Figura 18 - cunhantã do Murutinga.	100
Figura 19 - Dança do cutia.	100
Figura 20 - macaco/banana.	101
Figura 21 - Índio Mura.	101
Figura 22 - Dança do macaco.	101
Figura 23 - Jacaré açu.	102
Figura 24 - Dança do jacaré-açu.	102
Figura 25 - Carão.	103
Figura 26 - Dança do carão.	103
Figura 27 - Papagaio Real.	104
Figura 28 - Dança do papagaio real.	104

LISTA DE ABREVEATURAS

ACP	Ação Civil Pública
ALEAM	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas
ANM	Agência Nacional de Mineração
APIMA	Organização de Produtores Indígenas Mura de Autazes
CEE-AM	Conselho Estadual de Educação do Amazonas
CF/1988	Constituição Federal de 1988
CIM	Conselho Indígena Mura
CMA	Câmara Municipal de Autazes
CNEEI	Coordenação Nacional de Educação Escolar Indígena
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
DOU	Diário Oficial da União
ECI	Estudo do Componente Indígena
EEI	Educação Escolar Indígena
EENCÉU	Escolar da Escola Estadual Novo Céu
EIA-RIMA	Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental
FAPEAM	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
FEI	Fundação Estadual do Índio
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GEEI	Gerencia de Educação Escolar Indígena
GTP	Grupo de Trabalho do Potássio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IPA	Instituto Pacto Amazônico
IPAAM	Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas
IPHAN	Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
KM	Quilômetros
LP	Licença Prévia
MEC	Ministério da Educação
MPF	Ministério Público Federal
OASIM	Organização de Agentes de Saude Indígenas Mura

OEIM	Organização de Estudantes Indígenas Mura
OIMMA	Organização Indígena de Mulheres Mura em Autazes
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OLIMCV	Organização de Lideranças Indígenas Mura do Careiro da Várzea
OMIM	Organização de Mulheres Indígenas Mura
ONG's	Organizações Não Governamentais
OPIM	Organização dos professores Indígenas Mura
OS	Organização Social
OSIAMAT	Organização Social Indígena Antonio Mota da Aldeia Tauari
PETROMISA	Petrobrás Mineração
PIB	Produto Interno Bruto
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPP	Projeto Político e Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
RH	Recurso Humanos
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
SEID	Secretaria de Estado para os Povos Indígenas
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SPILTN	Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais
UBS	Unidade Básica de Saúde
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Aldeia Murutinga – Campo de Pesquisa	14
Dança da cutia – objeto de pesquisa	20
Minha trajetória acadêmica na Aldeia Murutinga, no Movimento indígena e na academia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) UFAM.	24
Campus antes do campo	26
Disciplinas obrigatórias - Prática de Pesquisa	27
Teoria Antropológica I	32
Disciplinas optativas - Formação do Pensamento Amazônico	35
CAPÍTULO I – Os Mura e os impactos pelo Projeto Potássio Autazes	52
1.1 Os Mura – Resistir para existir	52
1.2 – Chegada da mineradora em Autazes - Histórico	55
1.2.1 Impactos sociais e ambientais	57
1.3 Trincheiras: Yandé Peara Mura – Protocolo de consulta e Consentimento do Povo Indígena Mura de Autazes.	60
1.3.1 Constituição do Protocolo de Consulta do Povo Mura	61
1.4 Movimento Popular Silvinita Autazes	69
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E CULTURA NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA	73
2.1 O olhar antropológico na educação escolar Mura	73
2.2 A dança da cutia e seus significados simbólicos	76
2.3 Dança da cutia: minha cultura, minha identidade	81
3 CAPÍTULO III - CONHECER A DANÇA DA CUTIA E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA MURA	86
3.1 Aquisição, Organizadores, Instrumentos, Figurinos, Série de danças	86
3.2 Dança da cutia na escola Mura	93
3.2.1 O processo de inclusão da Dança da cutia na escola Mura	93
CONCLUSÃO	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A: CARTILHA	114

INTRODUÇÃO

Aldeia Murutinga – Campo de Pesquisa

A aldeia fica localizada em uma ilha, onde moram aproximadamente de 600 famílias do povo Mura, com uma população superior a três mil pessoas, segundo dados do Polo Base que atende a saúde na região. Está a menos de dois quilômetros (KM) da Vila do Novo Céu. Com o aumento populacional da aldeia, aumentam também as necessidades básicas: água encanada, rede de esgoto, fossa.

A Aldeia Murutinga era localizada em uma ponta de barranco onde atualmente é o cemitério da aldeia. Sem data específica, os Mura migraram do lugar em que moravam atravessando o rio para outro lado de terra, passando a fazer moradias e permanecerem até os dias atuais, isto mostra que a aldeia Murutinga não nasceu no lugar que está atualmente.

Os parentes vieram de algum lugar, na época eram vinte e nove famílias, viviam da caça e da pesca, os jogos, crenças, ritos e contos de lendas todos se divertiam de modo singular. Os parentes viviam na Aldeia Murutinga de modo pacífico na organização de vida social, em que faziam suas plantações na vazante, na beira do rio para seus sustentos, como macaxeira, cará, banana, milho, mandioca (com qual é produzida a farinha), biju, tapioca, a goma, o tucupi, e assim buscavam viver de forma peculiar.

Porém, por volta do ano de 1916 com aparição do não nativo começaram a surgir conflitos sobre a terra preta¹ a qual os Mura trabalhavam na agricultura, devido a isso, os parentes lutaram em defesa de suas terras e conseguiram expulsar os invasores em um primeiro momento. Mas, a insistência em tomar posse da terra que detinha um dono, persistência por parte do não indígena, dando assim, início a grandes conflitos entre indígena e não indígena, relatos esses registrados no livro Aldeias Indígenas Mura (2008), os invasores referidos eram os capangas do Francisco Barroncas, pois era o maior proprietário de terras naquela época em outra margem, pois aonde ele chegava tomava e comprava terras.

¹ Terra preta para os Mura são áreas de terra que a mesma é preta e serve para fazer plantios diversos para o próprio consumo e/ou como lugar de moradia, por exemplo, Aldeia Terra Preta/Murutinga.

De acordo com a professora A.B, 66 anos (2022):

A terra preta onde morava os indígenas ele (Francisco Barroncas) chegou para tomar de conta fazia plantio de cana e aonde os próprios índios trabalhavam lá mesmo, ele pagava os índios para trabalhar na mesma terra, ele começou a domar os índios através de dando alguma coisa naquela época era dessa forma agradava, tomava, depois agradava os próprios indígenas pagando pelo plantio e colheita. Como agente sabe a família do senhor Dedé Arigó é um deste fruto que ficou por aqui, o pai do senhor Chico Arigó veio nessa mesma emoção ai do trabalho que ele (Francisco Barroncas) pegava as pessoas lá do Pará para trazer para trabalhar no canavial, ele era português.

A professora Mura ouvia de sua avó D.B.S. (óbito em 2001), as histórias dos conflitos sobre a terra preta, a família Barroncas trazia homens de outros lugares para trabalhar no plantio e colheita para produção do açúcar, e com o tempo o Mura se tornará empregado da família Barronca em suas próprias terras. Em 1944 os invasores entraram nas terras indígenas, nessa época o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) demarcou as terras limitando-as e com isso protegendo a área indígena da aldeia Murutinga. Nesse período, os conflitos entre os indígenas e o não indígena o SPI construiu e fundou o Posto Indígena chamado Manoel Miranda.

De acordo com Melo (2007, p.72):

Em 1910, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), primeira medida de política indigenista do Governo Republicano, por meio do Decreto nº 8.072, de 20 de junho, no governo de Nilo Peçanha, inicialmente como Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, cujo titular era Rodolfo Miranda. Em 1918, por meio da Lei nº 3.454, de 6 de janeiro, a Localização de Trabalhadores Nacionais passou para o Serviço de Povoamento do Solo, permanecendo o órgão que seria responsável pela proteção dos indígenas apenas com o nome de SPI (MELO, 2007, p.72).

Então, com o intuito de proteger o patrimônio público, o Posto de Saúde indígena foi necessário o SPI nomear um morador da aldeia chamado Alberto Andrade, tal como chefe do posto, significando com isso, uma função em destaque na aldeia. *“Só assim nosso povo teve sossego para trabalhar, caçar, pescar, vender e trocar os produtos para sua sobrevivência”*².

Assim, através do SPI na aldeia Murutinga, em coletivo procuraram se organizar para se protegerem dos invasores imprevistos, pois de acordo com os

² SILVA. Aglair Gomes da. [et al]. Aldeias Indígenas Mura. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.

relatos da professora A.B, 66 anos (2022) desde época de suas bisavós que falavam para seus avós, como também, o Sr. J.F. e o Sr. P.P. os anciãos relatavam que os primeiros habitantes em nosso território sempre foram os Muras e, e enfatizou que:

Minha avó D.B.S. dizia que, tinha um nome que naquele tempo os indígenas eles colocavam os nomes das pessoas, ela chamava o avô dela de Acarí. Meu avô Acarí contava que naquele tempo a gente não encontrava ninguém nesse lugar, e eles foram às primeiras pessoas a chegarem aqui, quando chegava alguma embarcação todos corriam para o mato não ficavam nenhum Mura ficavam dias sem retornar, depois enviavam um parente para ver se poderiam retornar, era assim que funcionava.

Pelo visto, nessa época, não tinha nenhum contato direto com o não indígena, por isso, tinham uma vida pacífica pescava nos lagos e rios, era um período de muita fartura de caças grandes e pequenas. O primeiro Tuxaua na aldeia Murutinga foi o Sr. J.B. e o primeiro presidente da aldeia foi o Sr. M.R. B. lideranças que contribuíram para o desenvolvimento social da aldeia.

Segundo Pereira (2009, p. 57), diz que:

“a Aldeia Murutinga, como tantas outras, conjuga em um mesmo espaço grupos que teceram trajetórias diferenciadas, característica que tem implicações na própria forma de conceber a história do lugar ou a própria construção do espaço”.

Na década de quarenta (1940), poucas famílias moravam na aldeia, as casas eram cobertas e cercadas de palhas, chão de barro batido, por conseguinte, após anos as casas mudaram de estruturas, agora cobertas com alumínio ou telhas, as paredes de madeira e o chão de madeira ou alvenaria.

Na época, para iluminar as casas utilizavam lamparinas, para cozimento dos alimentos utilizavam fogão constituído de barro e fogo a lenha, nesse período, a aldeia foi crescendo em tamanho e população e sua organização estrutural foi se formando de acordo com as construções das casas. Algumas mudanças foram marcantes na aldeia Murutinga, conforme abaixo, de acordo com o professor Mura A.S. (2008):

Em 1929 a 1930 - surgira o primeiro comerciante na aldeia, o Sr. A. M. no barco vendia mercadoria, tempo de descoberta e utilização do sal pelos Mura; Em 1946 a 1959 - Período de designação dos chefes do Posto M.M.; Entre 1947 a 1949 - Chegada das professoras indígenas para lecionarem na aldeia; Em 1962 - extinção da função de chefia do posto. A aldeia passou a ser administrada pelo Posto Indígena B.R.A.S.F.; Em 1968 - chegada de professores não indígenas na aldeia enviados pela prefeitura de Autazes; Entre 1967 a 1968 - Conflitos envolvendo posseiros na terra

indígena tracajá; Em 1968 – Começam a chegar à aldeia mais professores não indígenas contratados pela prefeitura; De 1973 a 1976 - Novos conflitos sobre terras do tracajá entre indígenas e fazendeiros e em 1978 - novos professores não indígena foram contratados.

Pode-se dizer que o posto indígena foi o ponto fundamental para as mudanças na organização social da aldeia Murutinga, pois os chefes que assumiram a função contribuíram no processo de transformação social na aldeia, trazendo professores para lecionar abrindo espaço para mais adiante a construção de uma escola na aldeia e na troca de produtos com mercadores. E assim, conheceram a utilidade do sal para conservação das carnes de caças e pescas, uma vez que, as enterravam para acondicionar, entretanto, referente ao processo de preservação dos alimentos enterrados, de acordo com a professora Mura A.B., 66 anos (2022):

No meu tempo quando criança e já tinha entendimento das coisas como não tinham geladeira, via a minha mãe e minha avó sempre faziam um buraco fundo na terra, salgava os peixes já capados e as carnes de caça e colocavam dentro do buraco e tampavam o buraco com o barro. Para ferrar o buraco minha avó colocava folha de cacau e isso durava no máximo três a quatro dias ficavam lá conservados.

Em realidade, atualmente com o avanço da tecnologia e muitas perdas de nossa cultura, entretanto, a pequena parte do nosso povo continua na prática das atividades mencionadas, preservando ainda com o tempo seus hábitos e costumes de pescaria, caça e plantio.

Outras famílias buscam outros meios de trabalho para o sustento da família e geração de renda na própria aldeia, também existem famílias que se sustentam somente com os benefícios do Programa do Governo Federal como o Auxílio Brasil. Quanto às atividades agrícolas, os plantios na beira do rio na vazante não são mais praticados como antigamente, encontram-se motores de rabeta e canoas nas margens do rio.

Para tanto, mediante aos informes no portal da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) a Aldeia “Murutinga/Tracajá³, fica em terra indígena, de etnia Mura, com a fase de procedimento “Declarada”, tradicionalmente ocupada, com superfície (Ha) de 13.286,0000”. No atual panorama, a aldeia Murutinga é uma referência a outras aldeias, pelo tamanho geográfico e populacional.

³BRASIL. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Disponível em:<http://funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 16 jan. 2021.

Quanto aos processos próprios de aprendizagem, o professor Mura procura repassar as atividades afins com a natureza de diversas maneiras por meio de seu mito de origem, tais como, as lendas, grafismo corporal. Pelo relato da professora A.B. 66 anos (2022):

Para utilização tradicional da pintura corporal os Mura utilizam o urucum e não o jenipapo como estão usando hoje em dia, essa cultura já é de outro povo. Os Mura utilizavam pintura corporal somente para os momentos de lutas, que são a pintura dos rostos todos de urucum, atualmente, nos movimentos em reivindicações pelos nossos direitos constitucionais ou em alguma apresentação cultural. Fora disso, os Mura não têm o hábito de se pintar. Como veste sagrada, nosso povo busca também através da pintura corporal o reconhecimento diferenciado de nossa cultura e o resgate de nossa história.

Os seus rituais e alimentação, expressam o quanto essas vivências estão relacionadas, diante disso, é preciso compreender as experiências educacionais no cenário das culturas muras em que se destacam dois princípios imprescindíveis: a diversidade cultural entre as aldeias e a interculturalidade⁴ como práticas pedagógicas contextualizadas.

A formação de professores Mura em Autazes destaca o programa de formação de docentes indígena, o Projeto Pira-Yawara⁵, coordenado pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/AM) e pela Organização dos professores Indígenas Mura (OPIM) em parceria com a Prefeitura Municipal de Autazes-Am e apoio da FUNAI/MANAUS, formou na época 47 (quarenta e sete) professores Mura, atualmente estão cursando a pós-graduação em nível de especialização em Educação Escolar Indígena (EEI).

Esse processo sinalizou o fortalecimento da militância dos Mura de Autazes-AM na busca por uma educação escolar específica e diferenciada. De acordo com o

⁴ Interculturalidade – o diálogo respeitoso entre a realidade dos próprios alunos e os conhecimentos vindos de diversas culturas humanas (RCNEI/Indígenas, 2002, p. 60).

⁵ Projeto Pira-Yawara trata-se de projetos acompanhados e executados pela SEDUC-AM em parceria com as Organizações Indígenas, ONGs e Prefeituras Municipais. *Educação Escolar Indígena: um direito, uma conquista tornou-se a política pública de maior envergadura no âmbito do governo estadual em atenção aos índios. Foi se expandindo em virtude da crescente demanda advinda das comunidades e municípios para a formação de professores indígenas. Hoje, a atuação do projeto abrange: (Projeto Mura-Peara II)-Autazes, (Projeto Kabia'ra)-Borba, (Projeto Wuh-huehe)-Carauari, Eirunepé, Envira, Ipixuna, Itamarati e Juruá, (Projeto Indata'Hua)-Humaitá, Manicoré, FUNAI/Porto Velho-RO, região do Alto Madeira, (projeto Educação Tikuna)-Benjamim Constant, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Iça, Amaturá e Tonantins, (Projeto Educação Indígena Alto Rio Negro)-São Gabriel da Cachoeira, (Projeto Makumakamay)-Atalaia do Norte, Médio Madeira, Médio Solimões, (Poranting/Porantin)-Maués. Ramos citado por Azevedo (2014, p.17).*

(SEEM⁶ apud AZEVEDO, 2014, p. 17), foram trinta e nove (39) cursistas de magistério no Projeto Mura Pira-Yawara (*Mura-Peara*), formados em 2018, como também, 41 (quarenta e um) professores (indígenas e não indígenas) concluíram em 2014 o Curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), curso este, fui uma das concludentes. Ademais, é importante destacar que 48 (quarenta e oito) professores indígenas concluíram no ano de 2013 o Curso de Licenciatura Específica para a Formação de Professores Mura/UFAM.

Sendo assim, observa-se que o professor Mura busca através da educação continuada se qualificar cada vez mais, recebendo uma formação adequada e específica para contribuir na educação escolar indígena de modo crítico, analítico e com alteridade na prática docente nas escolas Mura do município.

A garantia à educação escolar diferenciada e específica possibilitou pela Portaria Interministerial nº 559, de 16 de abril de 1991 no art. 4º, no Ministério da Educação (MEC) a criação da Coordenação Nacional de Educação Escolar Indígena (CNEEI), constituída por técnicos do Ministério e especialistas de órgãos governamentais e Organizações Não Governamentais (ONG's), com a finalidade de coordenar, acompanhar e avaliar as ações pedagógicas da EEI no país.

Assim, a Resolução nº 99/97 do Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE-AM), de 19 de dezembro de 1997, cria a Gerencia de Educação Escolar Indígena (GEEI) na SEDUC, órgão este responsável pela educação escolar indígena no Estado do Amazonas, com a participação da FUNAI, ONG's e Organizações Indígenas. Em sequência, a Portaria 559/91 do MEC e a Resolução nº 11/99 do CEE-AM, determina que seja criado nas Secretarias Municipais de Educação, Setores de Educação Escolar Indígena, com a finalidade de apoiar e assessorar as escolas indígenas.

Nessa perspectiva, foi criado na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), o setor específico para coordenação da Educação Escolar Mura. Setor este que é responsável em programar as ações das Políticas de Educação Escolar Mura no Município de Autazes, o qual tem como linha de trabalho representar, fiscalizar e nortear as Políticas de Educação Escolar Indígena junto à SEMED às escolas Mura.

⁶ Setor de Educação Escolar Mura. Secretaria Municipal de Educação - SEMED/ Autazes, Am.

Nesse viés, o professor⁷ Mura busca praticar a docência voltada para a conscientização de nosso povo, cada um contribuindo para alcançarmos nossos objetivos e metodologias específicas, assim, os professores Mura, por meio da educação escolar diferenciada e específica firmamos que a educação escolar Mura é um verdadeiro elo de conhecimento e fortalecimento da cultura de nosso povo.

Dança da cutia – objeto de pesquisa

Em 2012, juntamente com uma equipe de professores Mura realizamos pesquisas de campo na Aldeia Murutinga do Curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia intercultural/UEA com o título "*Educação escolar indígena Mura e a orientação pedagógica para a proposta curricular da escola municipal indígena Manoel Miranda*", pesquisa de cunho participativa, a qual me possibilitou conhecer a realidade do processo didático e pedagógico da escola supracitada.

Durante a pesquisa de campo percebemos que “a Dança da cutia” tomava destaque na aldeia, nas atividades sociais e programações culturais tanto na aldeia, como em outros lugares. Esta observação me estimulou averiguar a possibilidade de realizar um trabalho pedagógico interdisciplinar, envolvendo a cultura da aldeia no processo educativo escolar indígena.

Então, analisando todo o material coletado em sala de aula durante meus anos letivos surgiu o Projeto de intervenção “Minha cultura, Minha identidade” que foi executado no período do terceiro estágio supervisionado. Projeto este, o qual foi objetivado para a experimentação da inclusão da manifestação cultural nas ações didática e pedagógica da escola Mura, durante nossos encontros pedagógicos, os professores Mura que participavam da equipe de pesquisa reconheceram e destacaram na época, a importância e o significado da dança da cutia para o fortalecimento da cultura e identidade Mura.

No Curso de Antropologia Social aprofundei esta temática e construindo novos conhecimentos, devido, por meio da antropologia posso interdisciplinar e contextualizar a cultura e a educação escolar indígena, exercitando a visão antropológica⁸, buscando alinhar a manifestação cultural com o processo educativo

⁷ O termo usado em todo o corpo desta dissertação “Professor Mura”, “Professores Mura” serve tanto para o gênero masculino quanto para o feminino.

⁸ O trabalho de pesquisa constitui de estratégias na construção do conhecimento antropológico,

diferenciado, isto é, visando à antropologia interdisciplinar, uma vez que, a antropologia torna-se interdisciplinar quando interage e dialoga com outras áreas de conhecimento, nesse caso, a cultura em diálogo com a prática educativa na escola Mura, a qual enriquecerá e diversificará o currículo escolar, pois, não se pode separar a educação da manifestação cultural de uma aldeia.

Segundo Bourdieu, (1996, p.23) "a cultura é conteúdo substancial da educação, sua fonte, sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura, e sem ela [...]". Com isso, é interessante observar que qualquer manifestação cultural de uma aldeia ao ser inserida na prática didática escolar não perderá de modo algum seu valor cultural, ao contrário, também firmará o diálogo entre a realidade dos próprios estudantes e os conhecimentos vindos de diversas áreas de conhecimento.

A nossa cultura varia de aldeia para aldeia, revelando que cada aldeia possui seus modos particulares de ser e de viver. Por sua vez, a dança da cutia, como cultura Mura mostra as realidades e a especificidade da aldeia Murutinga, como exemplo, suas tradições, costumes, rituais, arte e seus significados simbólicos, esses são instrumentos eficazes que são inseridos no processo ensino e aprendizagem na educação escolar indígena da aldeia.

Mediante ao exposto, esta pesquisa científica tem o propósito de responder a seguinte problemática: Em que momento a dança da cutia, como manifestação cultural contribui de modo interdisciplinar na educação escolar Mura?

Para desvelar o questionamento têm-se como objetivo geral apresentar o uso de recursos paradidáticos no processo ensino e aprendizagem na escola Mura valorizando a manifestação cultural da aldeia. Para isso, os passos realizados para alcançar os objetivos específicos, foram os seguintes: Os Mura e os impactos pelo Projeto Potássio Autazes; Educação escolar indígena e cultura numa perspectiva antropológica; conhecer a dança da cutia e sua relação com a escola Mura.

Para o desenvolvimento foi utilizado uma pesquisa etnográfica, pois se constitui fonte primária do conhecimento antropológico e se situa no começo de toda análise da cultura.

Sendo o estudo de campo etnográfico, surgiram novos registros sobre a dança da cutia, a qual contém uma série de outras danças e músicas, através da

observação participante e utilizando fontes em consultas bibliográficas de pesquisas voltadas ao povo Mura, como, o livro Aldeias Indígenas Mura, minha monografia do curso de Pedagogia Intercultural; teses; entrevistas com os próprios parentes da aldeia e, para que fosse possível realizar essa minha nova fase de pesquisadora.

Atentei para o diálogo entre autores antropológicos e sociólogos da educação para todo o processo do desenvolvimento desta dissertação, isso foi necessário e de grande importância inserir essas duas visões. Digo, foi o ponto fundamental, o alicerce, a base central que fundamentou minha pesquisa no mestrado e o resultado final dela.

Continuei a envolver a participação de professores Mura para me ajudarem na pesquisa de campo e coletar dados quando eu estive ausente no campo e os mesmos presentes, através do recurso de mídia, pois, desde início da pandemia até o momento o aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz *whatsapp* foi o nosso principal instrumento de comunicação.

Meu maior desafio foi no período da pandemia causada pelo vírus Covid-19 que dificultou minhas idas a aldeia no ano de 2020, devido aos decretos Estadual e Municipal. Vírus este, que se agravou também no ano de 2021. Contudo, os professores Mura A.B. 25 anos e N.B. 48 anos estiveram envolvidos no processo dos estudos sobre a Dança da cutia em 2012, atualmente, ambos continuam dando suporte para o meu enriquecimento de informações necessárias para coleta de dados que serviram para a construção e conclusão de minha dissertação.

Como também, atentei para a questão da ética na pesquisa, ao processo indutivo de análise dos dados, dentre outros, realizei o trabalho de campo exercendo o olhar antropológico em busca nos detalhes das evidências culturais que antes com o olhar do senso comum, eu não exercia.

Nesse viés, para Oliveira (2009), o ato de olhar e de ouvir do antropólogo durante a pesquisa deve ser peculiar à antropologia, nisso busquei interpretar nossa cultura com o olhar científico. Surge o questionamento interno, o olhar científico ou o olhar pelo senso comum? Por isso, busquei realizar de modo científico este estudo, pelo nível de grau de ensino que este estava sendo conduzido, no entanto, não significava que estava diminuindo ou desvalorizando nossos conhecimentos empíricos, mas sim me permitindo experimentar e desenvolver outras habilidades no campo da pesquisa.

Para tanto, este estudo atentou para dois valores centrais que inspiram o

estudo antropológico (OLIVEIRA, 2009). O primeiro o rigor e a acuidade crítica na produção dos dados, logo, o respeito e lealdade com as pessoas (meus parentes, minha etnia) e a coletividades estudadas (Aldeia Murutinga e Dança cutia).

Em sequência, depois de todos os processos realizados nos estudos em campo, juntamente com os professores Mura que estavam envolvidos no processo deste estudo e a Diretora Escolar Mura professora A.B. da Escola Indígena Manoel Miranda apresentamos para a comunidade escolar e para as lideranças da aldeia o resultado do Projeto de Intervenção Minha cultura, Minha identidade mostrou que a Dança da cutia como manifestação cultural da aldeia contribui no processo educativo da escola Mura de modo contextualizado.

Então, em resumo, através do Mestrado em Antropologia Social, a qual a área de conhecimento que me identifiquei, com isso, fui aperfeiçoando, enriquecendo, fundamentando, alicerçando e construindo novos saberes do objeto em estudo que é a Dança da cutia, com base fundamentada no estudo da antropologia. Para questão de informação, abaixo apresento a organização dos capítulos deste estudo:

Capítulo I – Os mura e os impactos pelo Projeto Potássio Autazes: 1.1 Os Mura: resistir para existir, 1.2 Chegada da mineradora em Autazes – Histórico, 1.2.1 Impactos sociais e ambientais, 1.3 Trincheiras: Yandé Peara Mura – Protocolo de Consulta do Povo Mura, 1.3.1 Constituição do Protocolo de Consulta do Povo Mura, 1.4 Movimento Popular Silvinita Autazes.

Capítulo II – Educação escolar indígena e cultura numa perspectiva antropológica: 2.1 – O olhar antropológico na educação escolar Mura, 2.2 – A Dança da cutia e seus significados simbólicos, 2.3 – Dança da cutia: minha cultura, minha identidade;

Capítulo III – Conhecer a Dança da cutia e sua relação com a escola Mura: 3.1 – Aquisição, Organizadores, Instrumentos, Figurinos, Série de danças, 3.2 – Dança da cutia na escola Mura, 3.2.1- O processo de inclusão da Dança da cutia na escola Mura.

Minha trajetória acadêmica na Aldeia Murutinga, no Movimento indígena e na academia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UFAM.

Quanto a minha trajetória de formação e experiências vividas na Aldeia Murutinga deve-se pelas oportunidades que surgiram e contribuíram para grandes mudanças em minha vida. Assim, quando decidi em iniciar a minha pesquisa de campo na Aldeia Murutinga foi um processo desafiador, pelo fato do tempo que é preciso para conquistar a confiança dos parentes e provar para eles a sua verdadeira intenção de sua estadia na aldeia.

A Aldeia Murutinga fica próxima a Vila de Novo Céu e por está na ativa como professora/SEDUC no horário noturno e já tendo um início de contribuição de trabalho na área da educação na Escola Manoel Miranda, no momento, visei à possibilidade de realizar minhas pesquisas científicas em campo dos cursos de nível de graduação que na época eu estava cursando e, de modo estratégico buscar conciliar ambos para meu crescimento profissional através de minha formação continuada e com isso, contribuir com minha etnia de modo mais consciente, obtendo o conhecimento preciso para se chegar ao que almejamos para nosso povo.

Portanto, treze anos depois residindo e lecionando em Vila de Novo Céu, entre 2009 a 2010 dei início ao trabalho como docente na Escola Municipal Indígena Manoel Miranda com Ensino Médio com mediação tecnológica turma esta, era anexo a Escola Estadual Maria Emília Medeiros/SEDUC localizada na cidade de Autazes, esse período de trabalho contribuiu para minha aproximação com os parentes da aldeia Murutinga, nesse período, eu trabalhava no horário noturno.

Todos os dias da semana saía do porto do Novo Céu às 17h30min para ligar os equipamentos na sala de aula dez minutos antes do início das aulas às 18h e encerrava às 22h. Constantemente, chegava a minha casa aproximadamente às 23h:30min ou às 00h, devido o tempo de permanecer na escola tirando dúvidas dos alunos em questão de conteúdos, houve casos, dormir na escola devido o tempo chuvoso com temporal me deixando impossibilitada de retornar para casa, meu transporte era canoa de madeira com o motor rabeta, pagava os serviços de um dos parentes para me buscar e deixar na Vila do Novo Céu.

Logo, comecei a ser convidada para os eventos sociais na aldeia e para reuniões de lideranças locais e assim fui conquistando meu espaço confiável para

com todos os parentes, principalmente das lideranças. E até hoje tenho meus parentes professores como cooperadores em pesquisas realizadas dentro da aldeia, mesmo pertencente à mesma etnia, a pessoa sendo de outro lugar/e ou aldeia (quando consideram estranhos a eles) teremos que passar por três processos: primeiro, de rejeição, segundo adaptação e por último, pode durar longo prazo ou curto prazo a aceitação, no meu caso foi de curto prazo, e tudo isso, foi visível quando estive *in loco*.

Mesmo encerrando em 2010 o contrato do processo seletivo de professor assistente pela SEDUC, ainda continuei freqüentando a aldeia para realização de minha pesquisa do curso de graduação em Educação Física/ UFAM, o qual resultou o trabalho "*Educação escolar indígena e a prática da educação física na escola municipal da aldeia do Murutinga*", dando com isso iniciação a minha vida acadêmica. Durante o Curso em Educação Física realizamos pesquisas sobre os jogos tradicionais e brincadeira de roda que aconteciam na aldeia Murutinga envolvendo a comunidade escolar, a dança da cutia foi identificada como uma brincadeira de roda na época.

No mais, ainda no futuro bem próximo, como mencionado, juntamente com uma equipe de professores realizamos outra pesquisa de campo do Curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia Intercultural/UEA buscava alinhar a proposta curricular da escola à manifestação cultural e o processo educativo diferenciado. Assim, o Projeto Pedagógico de Intervenção: "Minha cultura, minha identidade" tomou uma dimensão diferente do que eu projetava para o momento no Curso de Pedagogia com ênfase na Interculturalidade".

Então, cinco anos depois de minha segunda graduação, tive a oportunidade de ingressar no curso á nível de mestrado que alinhou com as minhas expectativas quanto às pesquisas científicas previamente iniciadas, e assim, a Dança da cutia como manifestação cultural se tornou o ponto motivador para o meu projeto apresentado no processo seletivo do PPGAS/UFAM em 2018.

Durante este período no Mestrado apreendi muito, construí novos conhecimentos, e fiquei maravilhada com tantos conhecimentos e sabedoria dos professores doutores os quais tive a honra de ser aluna. Agora é praticar as mudanças boas que houve em mim, ajudar meus parentes e meus líderes, ajudar no movimento indígena de modo diferente, de modo mais racional, digo, saber o que fazer e saber aonde quer chegar.

Campus antes do campo

Já na Universidade tão almejada, cursando o curso desejado aprendi que a Etnografia não é um método, é arte de inscrever sobre o outro, e com ousadia digo que até de nós mesmos. Podemos considerar também que a etnografia é a ferramenta de conhecer a realidades não invisíveis aos olhos do senso comum. No mais, como uma descrição densa, a etnografia busca conhecer a vida tal como é vivida e experimentada por um povo, em um lugar específico e em um tempo determinado. Enquanto que a antropologia, em contraste, é uma investigação sobre as condições e possibilidades dos seres no mundo.

Então, ao pensar em fazer esse exercício etnográfico foi decorrente às explanações da professora A.C.B. na aula de hoje, dia 30 de abril/2019 no horário vespertino, enquanto ela estava realizando sua esplêndida explanação sobre os Teóricos Nigel Barley, "*El antropólogo inocente*"; Roberto Cardoso de Oliveira, "O trabalho do antropólogo" e "Os Diários e Suas Margens"; Darcy Ribeiro, "Diário Índios", no momento, nós os alunos, tivemos a oportunidade de ver o livro do autor "Diário Índios", pois a professora havia levado para a sala de aula, e citou também Bronislaw Malinowski, "Um diário no estrito sentido do termo" fazendo suas considerações sobre o diário íntimo do autor, comparando-o a estrutura e a forma de registro dos diários de campo entre os autores. Nisso, meus "pensamentos" começaram a fluir, então na hora resolvi fazer o diário "Campus antes do campo - exercício etnográfico", descrever ao leitor a minha visão no mini campus enquanto Mestranda em Antropologia Social.

Com o intuito de exercitar a etnografia, não para minha vanglória, e nem tão pouco provocar más interpretações aos leitores de minhas colocações, observações e registros nesse diário, afinal temos o exemplo de Malinowski (1967) em "Um diário no sentido estrito do termo", aproximadamente entre 1915 e 1918 junto aos mailu e aos trobriandeses, na Melanésia. Diário este em que fez registros de seus pensamentos, sentimentos e ações "reprováveis" provocando a alguns leitores indignações, espantos ou até mesmo se sentirem escandalizados pelo quê e do que ele fez registro em seu diário de campo. Não quero aqui ser uma defensora nata do antropólogo Malinowski, e nem o condenar, mas destacar a importância da segurança que se deve ter de nossas anotações.

É de suma importância trazer a discussão o nosso comportamento quanto profissional/pesquisador no campo, de acordo com o dicionário *Houaiss* uma das primeiras definições de “ética” se refere a um “conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade”. Segue logo o exemplo da “ética profissional”, da “ética psicanalítica”, dando a entender que cada profissão tem sua ética.

No meu caso, estou no rumo da formação em antropologia. Na praticidade desta “ética” é aconselhável então àqueles registros que não forem para aproveitamento acadêmico, melhor evitar acúmulos de “anotações” não é correto em campo o pesquisador sair da linha acadêmica, melhor não fazer o que não se deve, do que fazer e depois arcar com sua consciência, se tiver consciência, lhe fazer a confessar em umas simples anotações aquilo que lhe causará futuramente dano moral. Afinal, a imagem da pessoa correta ainda é o que a sociedade espera de cada um.

Assim, o antropólogo procedeu, fez seus registros sem o cuidado de filtrar suas anotações, foram momentos cruciais em sua vida, que ao decidir inscrever tudo em seu diário o que se passava em sua vida, sem a intenção de publicação [meu grifo], sentiu-se na liberdade de se expressar de modo bem claro, servindo assim como uma válvula de escape, como diz o próprio Malinowski. O diário “Campus antes do Campo - exercício etnográfico” busca se referir a minha trajetória de vida acadêmica, no 1º semestre em que passo no Campus e no Campi - PPGAS estudando as disciplinas obrigatórias e optativas. Apresentarei de modo sucinto minhas dificuldades em algumas situações que me conduziram a desafiar meus limites e reconhecer a necessidade de dedicação aos estudos e praticar muitas leituras nesse período preparatório antes de ir a campo.

Disciplinas obrigatórias - Prática de Pesquisa

[23/05/2019] No dia 12 de março/2019 iniciamos o estudo desta disciplina, no qual iniciei o curso fiquei maravilhada pela gama de conhecimentos que a professora A.C. apresentava. Em fazer parte do Programa de Pós-graduação me deixava eufórica de alegria e “fome” para conhecer o “novo” e construir conhecimentos, mas, é necessário haver uma desconstrução do cursista, e até hoje tenho que desconstruir para aprender e apreender. E ao vê-la abordando os conteúdos e

falando dos autores, meu coração palpitava de tanta alegria, pela oportunidade de estar no Mestrado, ainda mais na área de Antropologia Social.

De acordo com o plano, a disciplina tem o objetivo de fornecer uma reflexão crítica sobre o trabalho de campo e estratégias metodológicas utilizadas na construção das pesquisas antropológicas; discutir e problematizar a relação pesquisado-pesquisador, e assim essas ações são visíveis em sua aula. Na prática, a professora A.C. proporcionava um ambiente propício para fazermos discussões teóricas sobre a pesquisa de campo no decorrer da história da antropologia. Discutimos sobre as técnicas de pesquisa: observação participante, entrevistas, histórias de vida e sua relação com as diferentes perspectivas de interpretação antropológica. Possibilitava-nos analisar e problematizar as relações entre sujeito e objeto de pesquisa.

Em atenção ao processo de avaliação da disciplina tomava muito o cuidado de participar das discussões, então lia os materiais e formulava minhas observações sobre o conteúdo lido e para depois partilhar com a turma. No entanto, em um desses momentos quando estava me referindo ao texto de João Pacheco sobre “mal-estar” do pesquisador, eu trouxe essa sensação de “mal-estar” para o campo de pesquisa, quando o pesquisador não alcança o que se havia esperado, ou planejado, um “mal-estar” de insatisfação, ou decepção.

Nesse momento, a professora Dr^a A.C. educadamente, diz que eu havia interpretado errado o texto, pois o autor estava se referindo a outra coisa. Nesse momento, tive a sensação do “mal-estar” da maneira que eu interpretei, como um balde d’água gelada jogada em minha cabeça. Então, eu também mansamente, confirmei minha má interpretação. Pelo plano, acredito que aconteceu na segunda aula dia 13 de março esse fato.

No momento, levei a situação naturalmente, afinal, todos estavam participando da discussão, a qual trouxe muitos ensinamentos e reflexão sobre a etnografia na pesquisa. Mas, fiquei intrigada com minha “má interpretação” referente ao “mal-estar” e decidi que um dia vou perguntar do autor, o qual é meu orientador, sobre a profundidade do mal-estar referido em seu texto “Etnografia enquanto compartilhamento e Comunicação: Desafios atuais às representações coloniais da Antropologia”. E com isso, a desconstrução acontecendo dentro de meu “eu”.

As aulas de Teoria Antropológica são bastante discursivas, e então, a partir desse fato comecei a me fiscalizar, prestar atenção no que dizer, deixando de falar

como antes, de verdade, por um tempo me senti “travada”. Decidi em falar somente quando o silêncio se manifestar. Já perceberam quando chega uma hora em que todos ficam calados? É esse momento, mas acho que até essa hora permaneço calada (risos). Em nossa 4ª aula, no dia 2 de abril, cuja temática era sobre “A construção da Observação Participante: Malinowski e Radcliffe Brown e seus discípulos- Construção do Objeto. Essa tarde eu participei das discussões e contribuí com minhas análises sobre Malinowski.

A minha graduação é alinhada da educação, em pedagogia e para mim tudo é novo no mestrado, principalmente os autores, e quando eu li o texto “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*” de Malinowski fiquei encantada pelo modo que a pesquisa foi desenvolvida, e como foi relatado sem filtro, observando o outro e fazia seus relatos, pelos detalhes e descrições dos acontecimentos no decorrer de sua pesquisa em campo, enquanto eu lia, me contemplava in loco em minha pesquisa, fora a sugestão de uma tabela de datas que Malinowski apresenta como controle do pesquisador em suas viagens ao retornar ao campo de pesquisa.

Então, todas essas impressões eu compartilhei com todos na sala, e por um momento, houve risos e eu até me expressei que estaria “apaixonada” por Malinowski, [risos]. Até aquele momento eu não conhecia nenhuma outra obra do autor, e com isso, passei por uns dias com a impressão de ser vista de maneira “estranha” por me identificar com aquele trabalho do autor. Decorrente disso, tudo o que era relacionado a Malinowski até em outra disciplina, alguns colegas ligavam a mim, somente para tirarem graça com a minha cara (meus risos). Eu interpretava todas essas situações como brincadeira, mas também me sentia constrangida.

No dia 30 de abril, pesquisa de campo (condições, coleta, análise dos dados etnográficos) Diários de campo foi a temática que trabalhamos na 8ª aula e um dos textos para discussão era “Um diário no estrito sentido do termo” de Malinowski, e outros como está citado na Introdução deste ensaio, para tanto, eu já havia feito uma leitura bem analítica do texto em casa, uns dias antes, em que ocorreria a aula em sala.

Pensei comigo mesma: “vou me preparar para defender minhas ideias sobre o autor e o que havia assimilado do texto lido”, caso houvesse algum momento de confronto na discussão do texto do autor Malinowski com minha pessoa. Mas, a professora Dr. A.C.com sua sabedoria soube coordenar as discussões, a qual deu

bastante ênfases as experiências de outros pesquisadores, como exemplo, Darcy Ribeiro e o Malinowski ficou “apagado” nas abordagens discutidas em aula.

No entanto, obtive bastante aprendizado com a leitura do texto do autor, o diário íntimo de Malinowski, nos traz reflexão sobre o comportamento do pesquisador em campo, apesar da leitura ser cansativa, pelo fato do texto está de modo desorganizado, tem grande importância no campo científico, digo que todo pesquisador deva ler as obras de Malinowski, principalmente seu diário íntimo, porque nele refletiremos nosso comportamento em campo, e a reflexão do tempo que chegarmos, o tempo como nos mantermos e principalmente de que maneira vamos sair do campo, que imagem deixaremos naquele local? Confesso que, ao ler o diário íntimo do autor, e conhecer seu conteúdo, minhas considerações construídas sobre sua pessoa como pesquisador, não houve nenhuma alteração, mas me levou a entender e compreender os “risos” recebido nas aulas anteriores desta disciplina.

Visualizo a importância de registrar minhas análises finais da leitura do diário íntimo, não foi uma leitura muito agradável, muito cansativa, os registros não estavam muito organizados, ocorreu um momento da leitura que me deu um ataque de risos, pensei: “se esse texto foi publicado dessa maneira, (com segredos revelados) a minha dissertação e de meus colegas também poderão ser”, um texto sem coesão e coerência. Mas, para os que já leram, sabemos que não era a intenção de publicação pelo autor, nisso, justifica-se sua estrutura descritiva.

Nesse viés, como citei na Introdução através das discussões em sala, na aula da professora Ana Carla me veio à mente como uma “luz” e me impulsionou a construir esse exercício etnográfico, o qual fiquei impressionada comigo mesma, nunca pensei que poderia ter tanto para escrever ou não. Depois da Atividade de Campo no dia 09 de abril no Mercado Adolpho Lisboa, o qual foram formadas equipes por temas de pesquisa, no meu caso fiquei na equipe do Artesanato, e até criamos um grupo no *WhatsApp* para nos comunicarmos, faziam parte da equipe, J.M., parente da etnia Mura; Fátima; Rafael; Jonilda e eu.

Realizamos essa pesquisa participante *in loco*, das 9h às 11h:30m, nós coletamos os dados necessários naquele momento e na próxima aula da disciplina apresentamos os resultados a turma em sala, as impressões desta atividade nos permitiram obtermos experiências com o objeto de estudo, em observação tiramos a conclusão que é necessário conhecermos o limite daqueles que queremos

investigar, respeitar esses limites e exercer a paciência para conseguirmos dados importantes para nossa pesquisa.

Para o desenvolvimento da disciplina em questão, foi necessário alguém está no comando, coordenando os debates analíticos, as discussões e nos enriquecendo de informações. O questionamento é; “Quem é a Dra A.C.B.?” Eu já havia visto seus dados na página do PPGAS, quando eu buscava conhecer os professores que trabalhavam na linha de pesquisa de meu projeto. Mas hoje vou revê-lo e fazer registros nesse ensaio dessa grandiosa mulher que está contribuindo na minha jornada acadêmica. Gente! o curriculum da professora é muito vasto.

Em resumo, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2019 está descrito através de acesso no link <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4799967A7> assim:

Graduação em História Licenciatura pela Universidade Católica de Pernambuco (1994), mestrado em Lingüística - University of Arizona (2000) e doutorado em Antropologia e Lingüística - University of Arizona (2003). Atualmente é Pesquisador Titular II do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Professora e Orientadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Antropologia Social da UFAM. Tem experiência na área de Antropologia Linguística, com ênfase em Lingüística Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: revitalização e manutenção de línguas indígenas, Antropologia Linguística, Língua e Ideologia, Língua e Desigualdade Social, e Relação Língua, Cultura e Sociedade. Comunidades e Povos Tradicionais. **(Texto informado pelo autor)**

Observamos pelo Curriculum o seu grande profissionalismo e competência. No entanto, além de tudo isso, a professora A.C. tem demonstrado ser uma pessoa muito segura e um coração quebrantado, e isso tem me ajudado a compreender e a enfrentar meus desafios, tanto pessoal quanto em minha jornada acadêmica.

A sua beleza interior somente conhece àqueles que tenham sido agraciados com a oportunidade de conviver com ela. Ao partilhar conosco suas lutas, desafios, e obstáculos para se tornar quem ela é hoje nos ensina muito. No mais, seu relato de vida, nos traz reflexão. Eu e a turma podemos dizer que somos agraciados! Estamos a três aulas somente, com a previsão do término desta disciplina para o dia 14 de junho, antes de finalizar vou me esforçar para concluir esse ensaio que ficará guardado como lembrança de minha trajetória no PPGAS/UFAM. Não posso deixar de destacar a presença dos professores: Dr. J.P.O.; Dra. P.F. e professora Dra. M.H., que também contribuíram e ainda contribuirão na partilha de seus conhecimentos em nossos momentos de discussão. Por fim, esta disciplina tem

quatro de crédito e sessenta de carga horária.

Teoria Antropológica I

[15/05/2019] - Ontem esqueci meu caderno na UFAM com as apostilas da aula da professora A.C. da disciplina Prática da Antropologia que havia realizado nesse dia, e do professor I.S. - Antropologia I que irá acontecer somente dia 17 numa sexta feira, detalhe o texto está em espanhol. Agora mais um desafio, aprender espanhol também, mas é projeto para o futuro, minha meta atual é o inglês. E nesse caderno estavam todas as minhas anotações de todas as disciplinas que estou estudando e as que finalizei. E agora? Pergunto para mim mesma.

É importante frisar o motivo a qual a aula da disciplina Teoria Antropológica I foi transferida para sexta feira dia 17. No dia de hoje, está tendo a paralisação na UFAM e em outras universidades em todo o país em protesto a favor da educação e devido também a contingenciamento de verbas feita pelo governo federal para a educação, de acordo com a Revista EXAME, por J.P.C., publicado em 16 de maio de 2019, 17h33, para R.V., economista especialista em contas públicas, define da seguinte forma: “contingenciamento é a ameaça de corte, ou um bloqueio temporário para ver se será possível não cortar”.

Devido a esse “corte” os universitários, professores e também colegiados saíram a rua para participarem desta mobilização. E eu? Não pude ir, então nesse dia chuvoso, observo pela janela do quarto, muita chuva mesmo, decido dar continuidade nesse exercício etnográfico, traduzir mais textos, da Disciplina Domesticação Amazônica para mais tarde fazer resenhas, mas as vezes, vem aquela luta de pensamentos, desisto ou não de fazer o curso com o professor Gilton e cia?

[23/05/2019] - Dia 13 de março de 2019 tivemos a apresentação do programa do curso pelo professor Dr. S.I.G.B. que ministrara as aulas da disciplina supracitada. Com 60 horas de carga horária e quatro créditos a disciplina tem como objetivo discutir obras que se tornaram referenciais para a constituição da história da antropologia entre meados do século XIX e o início da década de 1970.

Devo destacar também a relação da antropologia com outras áreas de conhecimento, como a sociologia, história, filosofia, e por que não dizer, a pedagogia, da área em que venho. Em suma, estudar esta disciplina favoreceu-me

muito em adquirir conhecimentos, conhecer novos autores, que fizeram da pesquisa um campo do “desconhecido” para descoberta do “novo”, pois suas experiências, suas obras em estudo mostraram para nós os acadêmicos a relevância da prática da leitura de suas obras, que contribuem na produção de nosso trabalho final, seja a dissertação ou a tese.

Pela primeira vez vi pessoalmente o professor S.I., foi na entrevista da seleção do curso, eu não o reconheci, pois a foto do que está no seu perfil no ambiente do PPGAS ele está totalmente diferente, a foto é de quando ele era mais moço e na entrevista os que faziam parte da mesa não se apresentaram, mas eu já tinha menção de quem eles eram, estavam presente os seguintes professores Drs. S.I., S.A., B.R. percebi que o professor B. não é brasileiro, pois para eu entender o que ele falava tinha que prestar bastante atenção em seus comentários, confesso que não compreendi tudo o que ele falava pois, ele não falava muito bem nossa língua portuguesa.

Em sala de aula, quando o professor I me identificou na sala de aula, se eu não me engano foi na terceira aula, e até fez comentário dizendo que eu estava muito nervosa na entrevista, então liguei os pontos e fui rever sua foto de antes como agora, como ele mudou! Ficou um coroa bem enxuto, e de notória inteligente. Conforme o CNPq, 2019 o Dr. S.I.B.:

Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1982), Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1986), Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987) e Doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2001). Desde 1991 é professor e pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor Titular com Dedicção Exclusiva do Departamento de Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM. Foi Diretor do Museu Amazônico da UFAM (junho de 2009 a outubro de 2011) e Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Estado do Amazonas (outubro de 2011 a outubro de 2012). Tem experiência na área de antropologia, atuando principalmente nos seguintes campos de investigação: antropologia urbana, culturas populares, identidades, patrimônio material e imaterial, consumos culturais e vida urbana, festas religiosas e populares na Amazônia. Líder do grupo de pesquisa NAURBE - Cidades, culturas populares e patrimônios. Membro da Rede Brasil Portugal de Estudos Urbanos. Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). **(Texto informado pelo autor)**

Tal curriculum condiz com o profissional que o Dr. S.I apresentou em sala de

aula, uma pessoa bastante culta. No decorrer das discussões, todos os alunos, acho que menos eu quando participo, falam de tom baixo, pois o próprio professor é educado no falar, no entanto, eu já venho de uma família que quando estão reunidos, para quem não nos conhece pensam logo que estamos brigando, devido o tom das vozes serem alto. Mas, estou tentando desconstruir-me nessa área e aprender a falar de modo calmo e de tom bem condizente ao local.

Na aula do dia 03 de abril falei sobre o *Edward Burnett Tylor*, cujo texto era sobre o “A Ciência da Cultura in: Celso Castro. Evolucionismo Cultural”, mediante a leitura e análise aproveitei esse material e outros para produzir o trabalho parcial da disciplina. As informações apresentadas no trabalho parcial estão contidas nos textos: A reivindicação da sociedade primitiva transformação de um mito de Adam Kuper e Evolucionismo cultural de Celso Castro. E para o trabalho final, ainda estou pensando no que produzir, nisso de acordo com o enunciado (TYLOR, 2005).

Para aula do dia 08 de maio, havia dois textos de Malinowski para fazer leitura em casa e depois partilhar com a turma as análises do texto. No momento que o professor perguntou quem iria ficar com os textos, eu percebi que a turma olhou para mim e propondo que eu ficasse com os textos (risos e até eu ri também) mas, disse que não, pois eu já havia participado das análises dos textos anteriores.

No entanto, meu objetivo de negar no momento, foi para permitir que outros colegas também se deleitassem na leitura dos textos de Malinowski, e disse comigo mesma: “agora eles terão a oportunidade de falar de Malinowski”. E foi isso que aconteceu, os colegas responsáveis pelos textos naquela aula, falaram da contribuição de Malinowski na pesquisa e o professor Dr. S. fez suas excelentes complementações sobre o texto em discussão sobre o autor.

Em nossa aula do dia 17 de maio, numa sexta feira eu estava responsável em expor o texto em espanhol do autor Marcel Griaule (1996) - “Dios de água”. Porém, no dia 14 de maio, numa terça-feira, acabei esquecendo meu caderno de anotações na UFAM e o bendito texto estava dentro dele, com isso, eu não fiz nenhuma leitura prévia do material, e como explicar na próxima aula? Ainda nesse dia 17, o mototáxi se atrasa em me pegar em casa e com isso não chego a tempo, digo na hora de início da aula. Fiquei agoniada! Ao chegar à sala de aula, o professor já estava fazendo suas considerações sobre os autores pautados para aquele dia.

No momento que me sentei na cadeira em sala de aula, comecei a orar pedindo a Deus misericórdia que o professor não lembrasse que eu tinha ficado

responsável pelo texto, que Deus me livrasse da vergonha que iria passar quando o professor perguntasse alguma coisa de mim sobre o texto, que Deus colocasse conteúdos nas mentes dos colegas e do professor para expandir as discussões.

E isso, as horas iriam passando, e as discussões ampliando. Ufa! O professor e os demais colegas se esqueceram de que eu havia ficado com o dito texto para expor, então com sua sabedoria o professor falou sobre o Marcel e o Deus da água, eu agradei a Deus pelo livramento. A questão de tudo isso, foi o medo e insegurança que eu me encontrava no momento, pois não sabia nada do que se referia o texto, devido a minha perda do material nos dias anteriores.

[03/06/2019] - Estamos a três aulas para findar a disciplina, procurei participar das discussões direcionadas pelo professor Ivan Sérgio em suas aulas e desenvolver os trabalhos escritos para tentar conseguir alcançar o que era exigido pelo professor e continuar desenvolvendo as habilidades das leituras técnicas, da escuta, e da escrita.

Disciplinas optativas - Formação do Pensamento Amazônico

[29/05/2019] - Uns dias antes de iniciar a aula desta Disciplina com o professor Dr. A.W.B. eu ouvi muitas comentários sobre seu "Gênio"/"Humor". Como meu objetivo era conhecer autores abordados no curso que viesse contribuir com bases teóricas no desenvolvimento do estudo e na produção da dissertação, eu relevei todos os comentários contrários à sua pessoa, no entanto, também ouvi pessoas falarem dele de modo respeitador e bastante carinho, esses sim meus ouvidos se inclinaram a ficar atentos a comentários que edificaram sua pessoa, seu profissionalismo e mais ainda seu caráter.

Então, dia 18 de abril dei início a cursar a disciplina optativa, nesse dia cheguei atrasada, foi um dia provação para mim, pois nesse dito dia eu havia saído meia hora antes do horário previsto de início da aula, peguei um mototáxi que já estava prestando serviços para me conduzir até a UFAM, mas desta vez o curso da disciplina em questão iria se realizar na UEA na Praça 14.

Devido à distância e a hora que se passava, o mototáxi decide se apressar, passando pelos carros quando parados, nisso, ao trocar de faixa, uma outra moto que também vinha com velocidade se confronta conosco, ainda bem que pegou na parte da frente da moto que eu estava, então cai em cima do mototáxi que estava

comigo, e meu joelho bateu no asfalto, gente, eu não vi nada, minha visão escureceu e quando eu percebi já estava me levantando de cima do mototáxi, tirei o capacete de minha cabeça e eu estava preocupada com o outro rapaz que estava na moto que nos chocou.

E fiquei olhando bem sério para o mototáxi que estava comigo, pois digo que o erro foi dele, o homem sem prudência mudar de faixa enquanto o rapaz que vinha estava na faixa certa, e fomos nós que passamos sem perceber que vinha outra moto logo adiante. Mas graças a Deus que ficou tudo bem com todos.

O resultado disso, que saímos do local do acidente e o rapaz ficou com sua moto com algumas peças quebrada e com seus pés machucados, mas antes de irmos o mototáxi que estava comigo perguntou se estava tudo bem com o rapaz e se ele poderia da continuidade a sua rota, por parte do rapaz falou que tudo ficaria bem com ele, e isso as pessoas que estavam no carro faziam somente olhar, ninguém se manifestou para prestar socorro naquele momento. Eu fiquei com vergonha daquela situação!

Ao chegar à sala do professor Alfredo Wagner todas as cadeiras que ficavam distantes dele estavam lotadas, e somente uma restava, a qual estava do lado esquerdo dele, e agora? O único jeito foi eu me sentar nessa cadeira, e eu ali com meu interior abatido, nervosa com o que se passou comigo, e com ficava olhando para ele, no entano, meu pensamento no acidente.

Mas, ao mesmo tempo pude contemplar o quanto ele é um homem culto, eu fiquei maravilhada com sua sabedoria, mas também com seu jeito de ser “exigente”, pois ele espera um retorno intelectual dos alunos mestrandos e doutorandos, exige que todos em curso ministrado por ele, tenham conhecimento suficiente em fundamentações teóricas que venha contribuir nas discussões em pauta, e ali não era meu caso e nem da maioria dos alunos em curso.

Nesse mesmo dia, com os meus olhos fitados para ele, o mesmo me fez uma pergunta sobre o tema o qual estava em discussão que eu não lembro qual era, ao me fazer o questionamento, eu fiquei sem ação e disse a ele que naquele momento eu não estava prestando atenção, devido de eu ainda está um pouco abalada com o acidente que havia me acontecido, então ele gentilmente me ofereceu água e propôs que eu me sentasse um pouco, então disse que aceitaria a água e permaneceria ali com todos em aula.

E no decorrer das demais horas observava sua solidez oral, sua exposição da

vasta bibliografia postos a mesa de estudo como referências de suas falas, de seus conhecimentos, digo que o homem é uma “enciclopédia ambulante”. Depois disso, compreendi os tais comentários desfavoráveis a sua pessoa, não como profissional, mas pelo seu jeito de ser no decorrer de suas aulas.

Mas como citei, essas impressões ficam somente para aqueles cursistas que não concluem o curso, pois deixam de conhecer realmente quem é o Dr. A.W. como pessoa e profissional. A luz do CNPq, 2019, o professor e Dr. A. W.B. de Almeida:

Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é bolsista de produtividade CNPQ 1A, pesquisador sênior da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, professor nos seguintes Programas de Pós-graduação - Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Pós - Graduação, Cidadania e Direitos Humanos em Segurança Pública e na Pós Graduação mestrado interdisciplinar em Ciência Humanas na Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas - UFAM e coordena os Projetos ?Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências? (UFAM /Fundação Ford); o projeto "Centro de Ciências de Saberes: experiências de criação de Museus vivos na afirmação dos saberes e fazeres representativos dos povos e comunidades tradicionais" - MCTI/CNPQ/SECIS, realizado pela UEA em parceria com o Museu de Astronomia/MCTI; projeto? Cartografia Social como Estratégia de Fortalecimento do Ensino e da Pesquisa Acadêmica: Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia e Projeto Mapeamento da Região Ecológica do Babaçu? (Fundação Ford) e o ?Projeto Nova Cartografia Social: Quilombolas do Brasil(SEPPIR/PNUD).? Trabalha principalmente com os seguintes temas: povos tradicionais, etnicidade, conflitos, movimentos sociais, processos de territorialização e cartografia social, Amazônia. **(Texto informado pelo autor)**

O próprio curriculum a legitimidade como cientista e pesquisador na Antropologia, contribuindo com as lutas territoriais dos povos indígenas, quilombola e outros mais, muitos de seus artigos publicados têm trazidos suportes para o campo acadêmico, mostrando muitas realidades sociais ocultas e abrindo com isso, a ampla área que a antropologia possibilita à construção do conhecimento para os novos antropólogos que surgem com o tempo.

Com tudo, explica-se a sua dedicação nas aulas e o que ele almeja dos cursistas, produtividade, pensando nessa produtividade que me vi incapaz de estar fazendo o curso por não ter o mínimo de base teórica voltada para a disciplina em estudo.

Como havia mencionado em outro momento deste ensaio, minhas origens

são de uma área de conhecimento totalmente diferente da antropologia, com isso, tenho enfrentado muitos obstáculos em entender e compreender os contextos das temáticas, eu vim da pedagogia, da área educacional, estudei a disciplina de antropologia na graduação, mas foi resumidamente, e uma única vez durante quase duas semanas de aula, Freud e Paulo Freire foram mencionados em uma das aulas. Isto quer dizer, que eu estava como um peixe fora d'água.

Como peixe fora d'água me senti durante uns três dias, quando o professor se referia ao fazer exercício pensava eu que era para responder algumas questões do texto. Mas não era nada do que eu estava imaginando, ele estava solicitando fazer fichamento dos textos, exercício de pontuar as partes significativas que achávamos dos textos lidos, e para que na hora da discussão das temáticas pudéssemos participar efetivamente.

Então me espertei a fazer os exercícios mencionados pelo professor, como eu ficava “boiando” nas primeiras discussões procurei em ler os textos em casa e fazer os fichamentos dos textos, eu não dormia, pois tinham que dar conta de quatro disciplinas simultaneamente, as duas obrigatórias: Antropologia I, Prática de Pesquisa; e duas optativas: Antropologia da Música e da Dança com a professora Dra D.L.M e Formação do Pensamento Amazônico, a disciplina a qual estávamos em pauta.

Então meu tempo estava limitadíssimo, cheguei a ficar com esgotamento mental, apareceram umas dores em minha nuca, nos ombros, eu acordava de madrugada para fazer os exercícios solicitados, foi um dos cursos que mais houve dedicação além dos meus limites para tentar acompanhar no mínimo as discussões coordenadas pelo professor Dr. A. W.

No dia seguinte, todo o meu joelho direito estava dolorido, procurei chegar antes do horário de início do curso, sai mais cedo de casa, e nesse dia fui com o meu dedo da mão direita ferida, pois no dia do acidente machuquei esse dito dedo. Nesse segundo dia de aula, eu ainda não poderia me sentar longe do professor pois, as cadeiras mais distantes estavam ocupadas, percebi que os demais cursistas também tinham o mesmo pensamento que eu.

Era o jeito ficar do lado do “homem” [risos]. O fato não era incômodo, mas pelo modo dele querer um retorno constante de conhecimentos igualitário ao dele que nós não estávamos conseguindo acompanhar sua sabedoria, então, eu ficava muito receosa, e de vez em quando ele dava umas broncas em alguns doutorandos

e até eu levei. Mas, todos ali o respeitavam e buscávamos nos empenhar mais em leituras para que no decorrer das discussões, as aulas fossem bastante proveitosas para construção do conhecimento que ali nós, os cursistas buscávamos.

Conseguindo chegar cedo à aula, no terceiro dia aconteceu mais um fato “doido” comigo ao sair do prédio, eu estava com o celular novo de meu pai que eu havia emprestado, então, na caminhada do prédio para o portão dei de olhar o celular e não olhei para baixo, dei uma topada numa grade do pequeno córrego que tem na passagem do portal de ferro a porta de vidro na recepção do prédio, o celular caiu da minha mão, o celular estava sem capa protetora.

E o que aconteceu? Sim. Quebrou a carenagem do celular e a partir daquele momento eu estaria com o celular de meu pai com a tela quebrada e ele nem soube do que aconteceu. E, para completar as provações, em uma viagem para a UFAM acabei esquecendo o dito celular no banco de trás do *Uber* e foi preciso utilizar o celular de outro mestrando para solicitar um Uber para retornar para casa a noite, e logo, para eu conseguir o contato do taxista através da empresa foi preciso também emprestar celular de outra pessoa, ao entrar em contato com o motorista o mesmo me passou a informação que não viu o aparelho no carro, e logo que ele me deixou na UFAM ele havia estado com outro passageiro, então entrei em desespero, e ficando incomunicável com a família e os demais colegas do curso.

Para resolver o problema situação, mais uma vez pedi ajuda de um desconhecido para solicitar um Uber e fui até Amazonas *Shopping* e utilizei meu limite pessoal que tem disponível na conta bancária para comprar um aparelho telefônico. Assim, realizei o bloqueio do aparelho perdido e recuperei meus dados do antigo aparelho telefônico.

Concluindo o segundo semestre/2019 retornei para Autazes, e já consciente de minha situação problema no trabalho em setembro/2019 em saber que o requerimento solicitado em março/2019 para afastamento do trabalho para fazer o mestrado ter sido indeferido pela SEDUC, o motivo alegado foi que eu ainda estava em período propabatório que duravam três anos após a posse, e eu havia tomado posse em 2017 e por isso foi indeferido meu pedido.

A questão que o resultado saiu no mesmo mês solicitado, mas a Coordenação Regional em Autazes foi me comunicar deste resultado somente em setembro/2019 e como eu não estava ciente do resultado até setembro, preferir continuar cursando o mestrado, haja vista, que eu não tinha culpa se a coordenação

gavetou o resultado do requerimento pela SEDUC para tentar me prejudicar de alguma forma no meu trabalho, foi desta forma a minha interpretação, mas o mal que tentou me fazer serviu para me ajudar mais tarde.

Por um lado, foi até bom isso acontecer, caso contrário, se eu tivesse recebido esse resultado em março/2019 eu iria perder a minha grande oportunidade de cursar o mestrado, pois eu iria parar o curso devido o medo de perder o concurso.

Posso dizer que nessas horas difíceis sempre aparece um amigo, e assim surgiu o colega que estava no doutorado J e por ele ter “amigos” na SEDUC e me conduziram até o setor do Recurso Humano (RH) e ali conversei com o coordenador geral e falei de minha situação da data que recebi o resultado de meu requerimento, o mesmo olhou no sistema e viu que eu estava com a minhas atividades normais e não constava que eu estava afastada, me orientou a solicitar minha transferência para Manaus para evitar possíveis constrangimentos por supostas denúncias por parte de próprios colegas de profissão. Então, ainda tentei articular por meio de políticos que dizem “qualquer coisa me procure” e nessa hora todos sumiram. E eu com toda a pressão, eu continuei a desenvolver minhas atividades acadêmicas sem a hipótese de desistência.

Para tentar armenizar a situação quando o RH/Autazes me enviou o resultado indeferido e observei que a o resultado havia saído em março/2019 e ao assinar dando ciência registrei a data que recebi o documento em setembro/2019 provando com isso, que a falta não foi por minha parte e sim pela coordenação regional.

Logo, enviei para a coordenação duas propostas de reposição de hora/trabalho assim que retornasse para Autazes aproximadamente no dia 19 de novembro/2019 quando terminasse o segundo período e o início do recesso do curso no ano. Primeira proposta, eu iria iniciar a trabalhar no meu turno noturno e acrescentaria mais o turno diurno iniciaria dia 20 de novembro/2019 e findaria em março/2020, segunda proposta, iniciaria dia 01 de dezembro/2019 a abril/2020.

Então, eu fiz a reposição das horas/trabalhos com a primeira proposta, trabalhando nos três turnos e no mês de março/2022 findando minha reposição de hora/trabalho os casos de covid aparecem em Autazes e como grandes massas de neve que se encontram nos declives de montanhas uma avalanche de mortes de pessoas próximas e conhecidas ocorreu trazendo pânico no nosso município e todo o trabalho presencial foi substituído pelo remoto.

E eu e minha família (filhas, neto e genro) ficamos sessenta dias em casa, somente o meu genro sai para trabalhar e trazer o que precisássemos, colocamos uma torneira na entrada do portão de casa para quando ele chegasse fizesse a desinsetização e adentrar em casa, eu nem fazia visitas para meu pai, pois eu tinha muito medo do que estava acontecendo e não queria ser transmissora do vírus para o meu pai idoso, e mais tarde ele acabou adquirindo o vírus por conta provável de visitas de meus outros irmãos, mas pela graça de Deus ele resistiu ao vírus, fez todo o tratamento e está vivo até hoje.

E por conta de tudo esse reboiço meu estudo ficou pendente de minha participação presencial em campo, até que normalizasse nossa vida novamente, buscamos trabalhar de modo que não pudesse deixar meu trabalho acadêmico parado, utilizei o *Whatsapp* como recurso principal nesse período para eu enviar as demandas e receber os dados solicitados aos professores Mura que me ajudaram nesse processo para eu produzir a dissertação. Somente no ano de 2021 nossa vida retornou a normalidade, eu pude ir até a Aldeia Murutinga participar do estudo em campo juntamente com os colaboradores deste estudo, fazer visitas às lideranças e aldeiaidos fazendo a coleta também de dados de modo presente.

Atualmente, estou Diretora Escolar da Escola Estadual Novo Céu (EENCÉU), localizada na Vila de Novo Céu, zona rural no Município de Autazes, atendemos o Ensino Médio Regular no horário vespertino e, no horário noturno Ensino Médio com Mediação Tecnológica, atendemos alunos não indígena e indígena. E, automaticamente me torno presidente do Conselho Escolar EENCÉU.

Na função como Diretora Escolar, também paralelamente sem ônus, tenho a função de pedagoga na escola por conta de não termos este profissional lotado na escola, com isso, meus trabalhos eram tanto administrativos quanto pedagógico e assim meu tempo era bastante carregado sem tempo durante a semana de eu ir a campo somente nos finais de semana. Foram tempos desafiadores, pois tinha que cumprir meus compromissos no trabalho em uma nova função e também procurar desenvolver minha dissertação.

Quando foi o período para a qualificação solicitei dias de afastamento do trabalho para me preparar para a explanação e obtive indeferimento por parte da SEDUC via coordenação regional, assim optei em realizar minha qualificação na Aldeia Murutinga por conta da localização da aldeia ser próxima a Comunidade Novo Céu, porém aconteceu o inesperado, o sinal de internet não contribuiu naquele dia,

não consegui apresentar o resumo de meu estudo em campo de pesquisa na Aldeia Murutinga sobre a Dança da cutia, a situação ficou tão complicado que fiquei incomunicável com a banca examinadora, por video conferência apenas dava para visualizar os participantes mas não dava para ouvir-los e nem eles a mim, então mediante a situação problema o meu orientador professor Dr. J.P. informou através de *e-mail* da coordenação do programa o ocorrido:

Prezada. Tivemos uma parada na qualificação de Ana Mary em função da impossibilidade de comunicação dadas as precárias condições de internet no campo, no local onde está atualmente a aluna. Tive uma conversa longa com a profa Flávia descrevendo o ocorrido e solicitando uma flexibilização das normas para evittar a interrupção do trabalho de campo de Ana Mary. Agora a coordenação aprovou uma resolução para que em situações excepcionais o exame de qualificação possa ser realizado mediante o envio de pareceres escritos pelos examinadores, que seriam respondidos (também por escrito) pela aluna. Como a profa. Ana Flávia (UFMG) e o professor Jaspe (UFAM) haviam mencionado estarem com os pareceres redigidos, solicitem que me enviem para que eu remeta a Ana Mary e ela responda no prazo de uma semana. Se o prof. Alfredo, coorientador, quiser mandar algum comentário por escrito, eu poderia juntar aos meus próprios e aos pareceres dos examinadores. Agradecendo mais uma vez a participação de vocês neste exame de qualificação, fico na expectativa do material para que possamos dar andamento ao exame de qualificação segundo as novas orientações recebidas. Abraços, João Pacheco, 4 de jul, 2021.

Ao receber as orientações dos examinadores, procurei observar e analisar as suas considerações e fazer os ajustes necessários para corresponder positivamente suas expectativas. Como meu tempo no diurno é limitado por conta de meu trabalho na escola como diretora escolar, comecei a dormir na escola para cumprir minhas obrigações acadêmicas no tempo determinado pelo meu orientador, e responder a cada examinador individualmente de acordo com suas solicitações e orientações, indicando a página que continha suas considerações.

Fiz as leituras propostas e acrescentei autores indicados e que foram importantes para embasar as mensagens almejadas as quais desejei transmitir no estudo. Nisso, retifiquei algumas frases e /ou parágrafo que trouxe dúvidas no entendimento da mensagem que eu gostaria de transmitir no texto. Então, procurei de modo ágil responder os pareceres apresentado de modo bem claro e específicos. Em respostas, mencionei a página do texto que se encontrava as possíveis respostas em retorno as suas observações sobre o texto da Qualificação.

Manaus, através de uma atividade virtual, os profs Ana Flavia Moreira Santos (UFMG), Jaspe Valle Neto (UFAM), Alfredo Wagner Berno de Almeida (co-orientador/PPGAS-UFAM) e João Pacheco de Oliveira (orientador/PPGAS-UFAM), sob as coordenações deste último, se reuniram para debater o material apresentado pela aluna Ana Mary Mello Azevedo, que se encontrava realizando trabalho de campo nas aldeias Mura. Devido a precariedade da internet, não foi possível realizar uma conexão que permitisse realizar o Exame de Qualificação da aluna. Os examinadores posteriormente disponibilizaram para o presidente da banca os seus pareceres escritos, que foram enviados conjuntamente para a candidata, que após ler e refletir sobre os comentários e sugestões apresentadas, as respondeu através de arquivos individuais referentes à arguição de cada examinador. Como a aluna segue em campo, tendo avançado bastante na pesquisa e na redação de sua dissertação, os membros da banca de comum acordo consideram o Exame de Qualificação como realizado, tendo tido os efeitos acadêmicos desejados sobre a pesquisa da estudante, e assim subscrevem presente Ata. Manaus, 04 de outubro de 2021.

No mais, deixei claro a minha disposição para receber novas sinalizações sobre possíveis novas retificações do texto em análise. Depois de todo o processo de *feedback* recebi novos emails. Nisso, o orientador encaminha o material para o email dos examinadores:

Recebi o material preparado por Ana Mary Mello Azevedo em resposta aos excelentes comentários e sugestões encaminhadas por vocês enquanto integrantes de sua Comissão de Qualificação. Ela procurou responder a cada um especificamente com bastante cuidado e dedicação, além de revisar o texto original, que deverá vir a integrar a dissertação de mestrado. Desculpe o atraso no envio, mas só hoje vi que essa mensagem ficou retida em meu gmail. Eu os consulto sobre a possibilidade de realizarmos com brevidade uma reunião para finalizarmos o exame de qualificação (que em virtude da dificuldade de acesso via internet se tornou um processo muito mais complexo e demorado do que costuma ser). Dado a problemas de viagens a trabalho ou de férias a serem realizadas por alguns dos integrantes dessa comissão, eu indago sobre a possibilidade de que essa breve reunião presencial entre nós viesse a ocorrer no dia 13/09/2021, em horário a definir. A estudante indígena continua na área de Autazes, com dificuldade de comunicação e não participaria dessa reunião. Se estiverem de acordo e caso avaliem como desnecessária a realização de uma reunião presencial entre nós (dada a troca de comunicações escritas já existente), peço que me enviem uma mensagem indicando isso para que possamos encaminhar junto a coordenação do PPGAS a conclusão dessa qualificação. Atenciosamente, (JOÃO PACHECO, seg, 11 de out de 2021,19:12).

Prezados. Em função do diálogo, com troca de comentários/críticas/sugestões por escrito pelos examinadores e as respostas também por escrito apresentadas por Ana Mary Mello de Azevedo, e considerando já está avançando na redação da tese conforme as recomendações recebidas, sugiro que consideremos encerrada a fase de qualificação da aluna, para o que foi redigida ATA que manifesta isso. Caso estejam de acordo, peço-lhes de colocar a sua assinatura digital e enviá-la por email. Atenciosamente, João Pacheco, seg, 11 de out de 2021, 19:12.

E no dia 22 de outubro de 2021 o meu orientador encaminha para a Coordenação do PPGAS/UFAM a Ata já assinada pelos membros da comissão de minha Qualificação. Para realizar minha defesa também não foi diferente, passando os dois anos do curso entre 2019 a 2021 devido a pandemia da covid/2019 que foi um dos fatores principais para tardar o processo, chegando o ano de 2022 a atual coordenação do PPGAS/UFAM realiza uma sondagem no programa para identificar os casos de cursistas que estão com o tempo excedidos para conclusão do curso, mediante a identificação da pendência e alguns da turma do seletivo de 2018 que ingressaram em 2019 apareceram na relação do “Tempo de titulação excedido” e o meu nome estava lá:

Prezado Discente. A Coordenação do PPGAS informa que seu prazo para titulação expirou. Para mais detalhes consulte o quadro abaixo. Solicito que entre em contato com seu/sua orientador/a e estipule um prazo factível para realização da defesa de sua tese de doutorado. Em seguida, encaminhe pedido formal de prorrogação à Coordenação indicando o prazo de defesa, a justificativa, documentos comprobatórios e anuência do/a professor/a. *Caso o tenha feito, ignore esta mensagem.* Sua resposta será aguardada em até 30 (trinta) dias. Sem resposta no prazo acima estabelecido, o desligamento será efetuado conforme previsto no regimento do Programa. Caso a defesa não ocorra dentro do prazo indicado, o desligamento será efetuado nos mesmos termos. O processo da pós-graduação não é simples, o que foi agravado ainda mais pela pandemia da Covid-19, além dos desafios que cada pessoa enfrenta. A despeito da compreensão e da tolerância do programa, o tempo de titulação é um dos problemas que o PPGAS enfrenta para melhorar sua avaliação, o que implica na possível oferta de mais bolsas, recursos financeiros e mesmo a continuidade de nosso curso. Atenciosamente, Flávia Melo. Coordenadora PPGAS. 31 de maio de 2022, 16:27.

Quadro 1 – Cronograma de conclusão do mestrado.

Nome	Matrícula	Ano de Ingresso	Nível	Meses de Curso	Interrupção Covid 19 2020/1	Meses para Conclusão
Emilson Frota de Lima	2180149	2018	PPG-ANS-M	50	6	-20
Jesiel Santos dos Santos	2180151	2018	PPG-ANS-M	50	6	-20
Salomao Inacio Clemente	2180154	2018	PPG-ANS-M	50	6	-20
Ana Mary Mello de Azevedo	2190152	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8
Dyedre Alves Pedrosa	2190353	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8
Jose Mario dos Santos Ferreira	2190158	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8
Lucas Alves de Vasconcelos Neto	2190145	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8
Paulo Henrique Trindade Correa	2190149	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8
Tayna Boaes Andrade	2190141	2019	PPG-ANS-M	38	6	-8

Fonte: Email da coordenação ppgas, 2022.

Em resumo, eu estava cursando há trinta e oito meses, com interrupção do processo de seis meses que aparece no quadro, mas na realidade por conta de

outros fatores de força maior eu ainda não havia realizado minha defesa, com isso ficando em atraso extrapolando oito meses.

Mediante, ao *e-mail* recebido pela coordenação do programa informei meu orientador via *Whatsapp* e todos os cursistas que aparecem na lista da turma de 2019 formamos um grupo no *watssap* “Tempo Excedido” para discussão sobre nossa situação e designar alguém do grupo para nos representar e entrar em contato com a coordenação e solicitar uma reunião por vídeo conferência para tirarmos dúvidas e esclarecer as exigências do momento, assim por meio de nosso representante enviamos uma mensagem a coordenação do programa:

Prezada Coordenação. Solicito uma reunião on-line referente ao email "[TEMPO DE TITULAÇÃO EXCEDIDO] Solicita indicação de prazo para defesa de Dissertação" para que haja esclarecimentos de algumas informações e dúvidas. Aproveito a oportunidade para convidar as demais pessoas envolvidas, em especial os discentes da turma de 2019 que não consta na lista: **Ianna Paula Batista Gonçalves** e **Rafael Gomes da Gloria** (Ambos em cópia neste email). Sugestão da data: 08/06/2022 - Quarta-Feira. Horário:10:00Link: <https://meet.google.com/dxi-gqfn-fxk>Fico no aguardo de uma confirmação. Desde já agradeço a atenção. Abraço. 4 de junho de 2022, 15:39

Em conversa no *whatsapp* todos os colegas mostraram preocupação, pois nem todos estavam com suas pesquisas avançadas por algum motivo, falamos sobre nossos medos e receios de sermos penalizados por estarmos com o tempo excedidos no curso, mas também, discutimos a possibilidade de todos conseguirem atender a data prevista pelo programa para nossa defesa.

Assim, mediante a resposta da coordenação do programa damos início a corrida para defesa de nossa dissertação:

Prezado Paulo. Nesta data, a coordenadora tem reunião da ABA e atendimento presencial na UFAM. Como as atividades presenciais foram restabelecidas totalmente hoje, as atividades do PPGAS já estão acontecendo presencialmente (à exceção das disciplinas em andamento do semestre letivo 2022/1). O comunicado a que se refere solicita a indicação de prazo de defesa e/ou qualificação para que eu possa acompanhar a situação de discentes. A primeira mensagem foi remetida apenas a discentes matriculados em Atividades de Pesquisa. Estamos progressivamente escrevendo a todos, informando os prazos. Em breve, a turma 2019 será notificada. Como deve ser do conhecimento de todos, os prazos para o mestrado são de 24 meses (sem a prorrogação). Em razão da pandemia, todas as pessoas matriculadas em 2020 tiveram um semestre deduzido do prazo de titulação. Por isso, na tabela enviada, as pessoas que ingressaram em 2018 excederam em 20 meses o prazo de defesa e ingressantes em 2019 excederam em 8 meses o prazo. Em ambos os casos, o tempo excedido pode ser contemplado parcial ou totalmente por

pedido formal de prorrogação (segundo os termos do Regimento do PPGAS). No caso de algumas pessoas isso foi feito, como no seu, cujo pedido foi acatado e prazo de qualificação e defesa informados por sua orientadora. No momento, pedimos apenas a indicação de prazo para qualificação ou defesa. O que será acolhido e analisado pelo Colegiado do PPGAS. Convém ressaltar que o programa tem atendido a todos os pedidos de prorrogação apresentados, desde que devidamente justificados. Inclusive o seu e de outras pessoas copiadas na mensagem. Espero que tais informações sejam suficientes. No início do próximo semestre letivo retomaremos as reuniões presenciais com o corpo discente e, tão logo tenhamos condições técnicas no PPGAS (ainda sem sede), poderemos realizá-las em formato híbrido. Atenciosamente, Flávia Melo.Coordenadora. 6 de junho de 2022, 19:21.

Em acordo com o meu orientador foi enviado ao e-mail da coordenação do programa o requerimento solicitando a prorrogação de minha defesa, como também apresentando a justificativa para o pedido, informei no e-mail que a versão final de minha dissertação estava no processo de alguns ajustes sugeridos por meus orientadores.

A data sugerida por mim para defesa foi para o dia 28 de novembro/22, mas, por falta da disponibilidade de tempo da maioria da banca examinadora para a data sugerida, logo ficou acordado com todos os envolvidos somente para o dia 11 de dezembro de 2022.

ATA DE DEFESA/DISSERTAÇÃO

Candidata: Ana Mary Mello de Azevedo

Aos onze dias do mês de novembro, às 9h00min (nove horas), por videoconferência em atenção aos documentos oficiais (CAPES, PROPES e PPGAS/UFAM), ocorreu a DEFESA da mestranda Ana Mary Mello de Azevedo que apresentou o trabalho de dissertação intitulado Dança da cutia: minha cultura, minha identidade na escola mura. Os trabalhos foram instalados pelo professor Dr. João Pacheco de Oliveira (PPGAS/UFAM), Orientador e Presidente da Banca Examinadora, Coorientador professor Dr. Alfredo Wagner Berne. A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: professora Dra. Ana Flávia Moreira Santos e Professor Dr. Jaspe Vale Neto. A Banca Examinadora decidiu aprovar a mestranda em sua defesa. Proclamados os resultados, foram encerrados os trabalhos, e para constar, eu Dra Flávia Melo da Cunha coordenadora em Exercício do PPGAS/UFAM, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Os membros da banca examinadora, que foi realizada por videoconferência, autorizam o presidente, Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira, a assinar em seus nomes.

Na reta final de conclusão da produção da dissertação e preparação do material para defesa continuava a dormir na escola, na sala da diretoria providenciei gancho de rede e com isso eu permanecia no trabalho, pois tinha que ficar durante a madrugada acordada redigindo o material final, e depois poderia dormir um pouco

até dar início ao turno de trabalho do dia, a opção do horário da madrugada foi forçado por conta de meus interesses não serem os mesmos interesses de quem eu estava subordinada:

Boa tarde. Sra coordenadora,
Mediante a necessidade de conclusão de meus estudos científicos para término de minha Dissertação do Curso em Mestrado em Antropologia Social/PPGAS-UFAM necessito me afastar de minha função de Diretora escolar por 15 dias, a contar do dia 12 a 30 de setembro. Assim, em anexo ofício direcionado a Sra Secretária Kuka para possível aprovação. Sem mais, certo de sua compreensão agradeço. 16 de agosto de 2022, 16:38.

De: **Gilberto Evangelista da Silva Junior - Supervisor SEAI** <gilberto@seduc.net>

Date: qua., 17 de ago. de 2022 às 07:28

Subject: Re: SOLICITAÇÃO

To: Coordenadoria Regional de Autazes <coordautazes@seduc.net>

Bom dia senhora coordenadora!!

Como foi informado a todos nesse período não está autorizado a gozar de férias e afastamentos, então informamos do indeferimento do pedido.

Em ter., 16 de ago. de 2022 16:50, Coordenadoria Regional de Autazes <coordautazes@seduc.net> escreveu:

Antes de eu solicitar os dias necessários que eu estava precisando, conversei com a secretária da escola que estava com férias previstas para o mesmo mês que eu pretendia dar entrada ao pedido de afastamento, para que ela esperasse eu retornar do afastamento desejado e logo ela dava entrada a seu pedido de férias, então ficamos acordados desta maneira.

Depois de ciente do resultado indeferido de meu requerimento, a secretária dar entrada de seu pedido de férias no setor do RH da coordenação regional e para a minha surpresa foi deferido a solicitação de férias no período de trinta dias, trinta dias, isso mesmo, trinta dias! Claro, ela estava no seu direito, e eu não fiquei indignada por ela ter conseguido, uma vez que já estávamos acordados dela dar entrada somente no meu retorno.

Mas, pelo fato da insensibilidade de meus superiores quanto às minhas necessidades acadêmicas e de informar em documento que “a todos nesse período não está autorizado a gozar de férias e afastamentos”, fora dos acúmulos de serviços com as férias da secretária para eu fazer na escola, além de concluir minha dissertação.

Então, percebi que a luta era minha, o interesse era meu, era minha conquista e então somente o meu esforço contaria naquele momento, me vi como água

corrente no meio das pedras buscava sobressair nas brechas que apareciam, assim, a madrugada foi minha única opção, pois durante o horário de trabalho eu não tinha tempo para meus compromissos pessoais e acadêmicos.

E sei que tudo passa, assim como é preciso de grandes sacrifícios para alcançar nossas metas, sacrifício familiar e sacrifícios de bens materiais – para me manter financeiramente em Manaus foi preciso vender minha casa em Novo Céu a prestação. Meu afastamento de minha cadeira de professora da SEMED/municipal foi outro desafio, a prefeitura dava afastamento, mas sem ônus ao município, como permanecer em Manaus sem recurso financeiro? E, como manter minha família em Autazes? E, nessas horas sempre aparece um anjo enviado por Deus, através desta pessoa influente politicamente consegui permanecer no curso do mestrado com afastamento e recebendo minha remuneração mensal, este, eu cito seu nome nos meus agradecimentos.

Uma coisa é inevitável, o tempo não espera por ninguém, para aqueles que buscam fazer parte de mudanças na sociedade primeiro busca a mudança em si mesmo para depois ver essas mudanças ao seu redor, e sinto muito, por aqueles que pensam que podem determinar o progresso de alguém, a história de alguém, enquanto estão parados visando os interesses atuais, eu migro para frente sem me prender no agora, mas visio o futuro, visio o amanhã, visão de águia como dito popular, ou melhor, “engulo insetos agora para me tornar dona da lagoa no amanhã”, assim me resumo nas lutas e obstáculos que apareceram no decorrer e o findar no curso de mestrado.

Estudei somente em escolas públicas e concluindo em 1996 o Ensino Médio com vinte e dois anos (22) e nessa idade fui morar na Vila de Novo Céu, conhecido como Barro Alto na época, lugar este que um de meus irmãos já trabalhava como professor. Como professora somente com o nível médio trabalhei na Escola Municipal Zima Lira Cabral lecionava tanto para jovens indígenas quanto para o não indígena, hoje a maioria são meus colegas de profissão.

Naquele tempo, os meus sogros moravam em casa flutuante próxima a Aldeia Murutinga, na Veneza e nos finais de semana ia até a aldeia para assistir os jogos de futebol, assistir a Dança da cutia, participar da festa tradicional do dia 12 de junho, festa de Santo Antonio e assistir a procissão de canoas com banderolas e o canto das ladainhas. E assim, foram meus primeiros contatos com os parentes da aldeia Murutinga, mas sem nenhum outro propósito além de assistir jogos de futebol.

Mas de fato, considero minha aproximação com os parentes em Murutinga a partir do ano de 2009 pelo fato de passar mais tempo na aldeia. Em contribuição, devido aos encontros de lideranças indígenas a qual como coordenadora das mulheres Mura me possibilitou também esse fortalecimento amigável com as lideranças da aldeia e os demais parentes. Em novidade, quando eu estava coordenadora das mulheres indígenas Mura do município de Autazes entre 2015 a 2019 foram tempos difíceis por falta de recursos financeiros para tirar o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), o qual é dado uma credibilidade para conseguirmos recursos.

A Organização Indígena de Mulheres Mura em Autazes (OIMMA) tinha somente a Ata de constituição reconhecida em cartório, não conseguimos concluir o processo de legalizar os demais documentos para tirar o CNPJ e participar de editais para algum projeto de instituições sociais. No entanto, dentro do espaço do município e fora dele tínhamos representatividade devido a ata de constituição da organização na base, assim, para alguém ter o respeito dos demais parentes não é o CNPJ que te traz isso, e sim o apoio das lideranças de base (são os Tuxauas) e a ata de constituição da diretoria que te dar garantia de sua missão no movimento indígena, em destaque que a organização deve ser reconhecida pelo Conselho Indígena Mura (CIM) para poder funcionar de maneira legal dentro do movimento indígena.

Sendo assim, as atividades realizadas durante está na coordenação foram algumas viagens às aldeias para conhecer a realidade de cada uma, e criar em cada aldeia uma representante da OIMMA, exercendo a função de subcoordenadora das mulheres daquela aldeia a qual iria representá-las em nossas reuniões mensais no CIM e na própria aldeia em que reside, pois teríamos a nossa representatividade como organização no lugar.

Com o apoio do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) foram realizados alguns encontros para palestras, no entanto, não conseguimos alcançar todas as aldeias em Autazes, por questão financeira, o CIM passou por crises que dificultou o desenvolvimento de seus trabalhos, por conta disso, também o nosso trabalho.

A OIMMA surgiu devido à primeira associação das mulheres Organização das Mulheres Indígena Mura (OMIM), criada em 2004, ter sido extinta na Receita Federal por falta de declaração de imposto de renda por dez anos, como o cartório em Autazes na época era filial ao cartório de Itacoatiara, e sem recurso financeiro para

resolver tudo no município de Itacoatiara e pagar quaisquer despesas, o aconselhável pelo profissional em contabilidade foi criar outra organização das mulheres.

Então, foi realizado todo o protocolo para instituição da nova organização das mulheres que seria presidida por votação unânime por minha pessoa. Passando o período de dois anos, em 2019 foi constituído uma nova diretoria da OIMMA, no entanto, como essa organização não tinha CNPJ, a nova diretoria estava desenvolvendo um trabalho voltado para resgatar o CNPJ da OMIM, com isso, a OIMMA deixará de existir, no entanto a metodologia de trabalho do estatuto permanecerá na OMIM, contudo, a OIMMA constará no memorial do movimento Mura das mulheres, registrar esse feito contribui para que a história OIMMA permaneça por muitos tempos.

Tudo tem um começo. Venho de uma família de nove (9) irmãos⁹, sou a caçula e minha linhagem Mura é por parte de minha mãe e de meu pai, minha mãe já falecida, a qual tinha linhagem por parte de minha avó e a mesmo por parte de minha bisavó. Meu pai nasceu no Iguapenú, meu pai me apresentou a escritura de terra do vovô uma área do ano de 1961 e outra área do ano de 1970, meu pai conta que ele vivia no meio dos cabanos, ele chegou a ver enterro dos corpos de cabanos, sítios arqueológico, de acordo com o meu pai, nossa casa é bem próximo de um sítio arqueológico, até hoje temos nossa casa no Iguapenú.

Aproximadamente em 1977 minha família se mudou para Ambrosio Ayres chamado na época, hoje é Autazes, residíamos no bairro Tarantanta, eu lembro que minha mãe nos reunia e dizia para meus irmãos que era perigoso se eles falassem que éramos indígena devido à perseguição que poderiam ocorrer conosco em nosso novo lar, meus irmãos deixaram de praticar os costumes de vida que antes tínhamos.

Vivíamos somente da pesca e agricultura, mas com a mudança de lugar, tanto meu pai quanto minha mãe iniciou a fazer trabalho diferente do qual eram acostumados, ela foi professora e foi necessário dar continuidade aos estudos, a lembrança que tenho de minha mãe é estudando e fumando cigarro, trabalhava nos três turnos: professora/SEDUC e prestava serviço na Câmara Municipal, chegando a se aposentar na função de secretária, tudo para ajudar meu pai no sustento da

⁹ Charles (57), Célia (55), Gutemberg (56), Jânia (52), irmão de criação Ricardo (53), Adilson (50), Mara (49), Ana (eu- 48), Hudson (47).

família, afinal éramos dez filhos, quatro mulheres e seis homens.

Minha mãe foi a óbito em 2003, vítima de cancer e meu pai hoje com oitenta e cinco anos, (85) continuava na época na prática da pesca, logo, com investimento próprio se tornou açougueiro, e cinco de meus irmãos o ajudava nesse serviço. E com o tempo foram se adaptando ao novo, e com isso, cresci em um ambiente diferente. Hoje meu pai reside em Autazes em área rural, uma de minhas irmãs mora com ele.

Atualmente, resido na Vila de Novo Céu contribuindo na Aldeia Tauari, nosso tuxaua o Sr. A.B.M., participo da comissão de programas para organização social da aldeia, já fizemos uma reunião para constituição de uma associação, uma Organização Social (OS) para desenvolver trabalhos sociais com as famílias da Tauari.

Estou como presidente da Organização Social Indígena Antonio Mota da Aldeia Tauari (OSIAMAT) com o mandato de quatro anos (2022-2026), temos objetivos a alcançar através desta organização social em busca de trazer qualidade de vida para nosso povo local, dentre eles são: Programa de fortalecimento e valorização da cultura, assim como, implantar um Núcleo de Estudo e Pesquisa do Povo Mura para funcionar na Aldeia Tauari.

Sinceramente, não sei quanto tempo vamos levar para conseguir as metas, mas, sabemos que pode ser possível quando buscamos apoio de pessoas certas e não desistir de lutar em cobrar nossos direitos constitucionais. A meta atual é a construção de um Posto de Saúde, já conseguimos doações de materiais de construção e logo estaremos com nossa Unidade Básica de Saude (UBS) pronta, com o desmebramento do Pólo de Saúde do Murutinga a Aldeia Tauari também terá sua autonomia no atendimento com uma equipe de enfermeiros, técnicos e com visita médica na própria aldeia.

CAPÍTULO I – Os Mura e os impactos pelo Projeto Potássio Autazes

1.1 Os Mura – Resistir para existir

Nós povo Mura somos localizados em vários lugares, nos rios Solimões, Amazonas e o Baixo Rio Madeira, região onde se instalaram os municípios de Borba, Autazes, Careiro da Várzea e no município de Manicoré no estado do Amazonas. Pela habitação dos Mura famosos por sua ferocidade em resistirem ao sistema colonizador dos portugueses, Autazes era uma região bastante conhecida já no século XVIII.

Os rios Autaz-Açú e Autaz-Mirim, ambos penetram e cortam o município de norte a sul e estes, dão origem ao nome "Autazes". Em 1854 para Araújo e Amazonas mencionado por Santos (2009, p.18) tinha “os Autazes como a principal habitação da Nação Mura – como local do bárbaro assassino, em 1838, de Ambrósio Ayres Bararoá, chefe legalista emboscado pelos cabanos”.

Mediante ao exposto, mostra que um dia houve povos que foram escravizados, massacrados, perseguidos, e os Mura eram um deles, os quais buscavam sobreviver e criavam diversas estratégias para isso, refugiavam-se nas matas, tornando-os nômades, eram vistos pelos seus perseguidores como animais, e não como humanos.

“Está tudo infeccionado de uma nação de índios bárbaros chamados Mura”¹⁰. Assim, os Mura eram tratados, como pestes ou pragas, que precisavam ser separados como uma doença maligna que contaminassem os outros índios já controlados pelo sistema colonial, e não colocasse em risco todo o domínio que já estivera implantado na Amazônia pelos dominadores na época da política pombalina da segunda metade do século XVIII.

Em décadas passadas o povo Mura era conhecido como preguiçosos e mentirosos, que não queriam trabalhar, só queriam ficar deitados esperando o tempo passar, eram roubadores, com essa imagem que o não indígena tinha dos Mura, os viam como ameaças, não tinham o direito da fala e estavam sempre errados, no entanto, o não indígena que estavam usufruindo o que era dos Mura, as terras ocupadas pelos civilizados pertenciam aos Mura, então os Mura eram tratados com

¹⁰ CALDAS . Pantoja Yurgel. A construção épica da Amazônia no poema Muhuraida, de Henrique João Wilkens. Belo Horizonte, 2007.

desrespeito pelo não indígena.

Além do mais, na região do Autaz, o Mura era utilizado como elemento fundamental no processo de construção de fazendas, eram explorados e não eram remunerados pelos supostos fazendeiros. De acordo com o engenheiro João Augusto Zany mencionado por Santos (2005), responsável pelo primeiro relatório ao Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN)¹¹ entre 1912 a 1914 afirmaria que “o índio Mura seria o único trabalhador apropriado para os trabalhos rurais e que por este motivo o elemento não poderia ser desprezado”.

De certo, desde tempos longínquos, colonizadores construíram e deixaram fortes marcas contra nosso povo, a ponto dos maus tratos se tornarem visíveis, tinham maior receio que os Mura expandissem cada vez mais suas áreas de ocupação territorial.

E ademais, visavam em combater a murificação, a qual os Mura agregavam aos seus próprios grupos outros grupos étnicos que também eram fugitivos das missões e vilas coloniais; como, negros, brancos pobres e indígena exilados de diversas origens étnicas. Com isso, é ousado afirmar que os Mura Não é mais “índio puro” porque viveu o processo civilizatório com todos seus terríveis matizes do período colonial ao presente (AMOROSO, 2009).

Portanto, os Mura desde então, possuem uma história fortemente marcada por conflitos com outras etnias e acumulam uma longa história de contato com a sociedade envolvente. Citando Kurt Nimuendaju, Scopel (2007) afirma que as epidemias atuaram como um fator de enfraquecimento da resistência Mura ao colonizador português.

Além do mais, até meados de 1780 por conta das disputas territoriais contra portugueses e seus aliados Mundurucus, tempo da resistência Mura perduraria e contribuíra para enfraquecê-la. Entende-se então, que todos esses fatores contribuíram para reduzir completamente o território tradicional Mura, ocupado atualmente, em grande parte, por fazendas e propriedades rurais do município de Autazes.

De certo, as perseguições contra os Mura continuara em pleno século XXI, segundo denúncia de Rosha (2013), publicada no blog Combate Racismo Ambiental

¹¹ Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais em 20 de junho de 1910, de acordo com o Decreto n.º 8.072.

em julho de 2013, o Coordenador Secretário do CIM, J.C.P.S. conhecido como Capitarir, estava sendo ameaçado de morte por invasores de terras indígenas. As denúncias foram encaminhadas às autoridades policiais locais e à FUNAI. Até aquele momento ele era o quinto Mura a sofrer tais ameaças (MAPA DE CONFLITOS, 2020).

Em setembro de 2013, as ameaças foram encaminhadas ao Ministério Público Federal (MPF). Contudo, os Mura também obtiveram avanços na demarcação de suas terras. Em 1º de agosto de 2012, a FUNAI publicou no Diário Oficial da União (DOU) os resumos dos relatórios de delimitação de quatro terras da etnia Mura: Murutinga/Tracajá (13.286 hectares), Ponciano (4329 hectares), Sissaíma (8780 hectares) e Vista Alegre (13.206 hectares).

Tais áreas já haviam sido delimitadas pelo antigo SPI em 1920, mas não haviam sido confirmadas como patrimônio da União de usufruto dos Mura. Nesse viés, em 19 de abril de 2013, o MPF no Amazonas entrou com uma ação civil pública exigindo a conclusão da demarcação da Terra Indígena Murutinga. Então, em maio de dois 2013 a Justiça Federal concedeu liminar ao MPF determinando que a FUNAI concluísse o processo.

Em contínua luta, os Mura em Autazes estão enfrentando uma “nova” e velha colonização, pois através da empresa Potássio do Brasil com investidores brasileiros e estrangeiros há dez anos iniciou no Amazonas com uma proposta de criar um empreendimento capaz de abastecer parte da demanda do potássio que o país necessita, e mais uma vez nossos recursos em nossas terras estão sobre olhar de conduzir a chamada “prosperidade”, “riquezas” a alguns em nome da pátria amada e nós, os Mura teremos que morrer pelo Brasil, é o que se espera por parte das empresas que nos inclinamos às suas opressões ou às suas ilusórias propostas como dantes.

Mas, acredito que desta vez a história de decisão é diferente, somos hoje, os principais protagonistas de decisão nesse momento histórico. E, esperamos a maioria dos aldeados que nossas lideranças não pensem e nem levem em conta as necessidades do “agora”, do “hoje”, mas, pensem nas próximas gerações. Contemplem o amanhã distante, anos vidouros, que será o resultado das decisões tomadas hoje.

1.2 – Chegada da mineradora em Autazes - Histórico

De acordo com o Relatório de Detalhamento da Proposta do Projeto Potássio Autazes, as primeiras pesquisas geológicas na Bacia Amazônica Central foram realizadas em 1973 pelo Órgão Federal denominado Grupo de Trabalho do Potássio (GTP) e o resultado desses estudos realizado pela Petrobrás apresentaram a um Programa de Pesquisa Mineral na região do município de Nova Olinda do Norte, próximo ao Município de Autazes.

Por conseguinte, em 1977 foi fundada a Petrobrás Mineração S.A (PETROMISA) com o objetivo de explorar o potássio em áreas identificadas como “áreas potenciais” para essa finalidade, nessa mesma época, na Bacia Amazônica Central projetaram um Programa de Exploração para investigar com destaque a área Fazendinha.

E, durante o período de 1979 a 1983, realizaram pesquisas no Depósito de Potássio Fazendinha pela Petrobrás e Petromisa e por algum tempo permaneceu paralisada, sendo reativada em 2009, com autorização para pesquisar a substância Sais de Potássio nos Municípios de Autazes e Itacoatiara, Estado do Amazonas a Potássio do Brasil, empresa canadense inicia as perfurações na região de Autazes e com os resultados confirmava as descobertas de silvinita em Autazes e também na bacia do Amazonas.

Assim, os resultados dos trabalhos de pesquisa executados foram apresentados à Agência Nacional de Mineração (ANM) então Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)¹² no Relatório Final de Pesquisa em 10/09/2014 e foram aprovados, conforme publicação no DOU de 30/04/2015 e, a partir dos resultados desses estudos foi criado o Projeto Potássio Autazes¹³.

Por conseguinte, em 2010 o Departamento Nacional de Pesquisas Minerais considerava essa área como a última grande fronteira da exploração de potássio no mundo, a região explorada pode conter a terceira maior reserva mundial do minério e também era considerada estratégica pelo governo, nesse sentido, o Portal PetroNotícias (2022) confirma que:

¹² Agência Nacional de Mineração - **ANM**, que vem substituir o Departamento Nacional de Produção Mineral – **DNPM**, que por 84 anos fez a gestão dos bens minerais do Brasil.

¹³ Grifo nosso.

Na época, a ideia era que o poço fosse perfurado no final daquele ano, dando início a uma campanha de até 20 poços durante 2011, em Autazes e Itapiranga, ao custo de US\$ 25 milhões. Seriam investidos US\$ 2,5 bilhões para extração de dois (2) milhões de toneladas por ano. A região já foi explorada pela Petrobrás, que identificou a existência de 1,1 bilhão de toneladas na Mina de Fazendinha, no município de Nova Olinda do Norte. A mina chegou a ser transferida para a Falcon Metais. Agora, diante da crescente dependência de potássio, o governo quer maior controle sobre a sua produção. O mineral é usado na produção de fertilizantes. O Brasil importa hoje 92% do potássio que consome. Em 2010, a Petrobrás passou esse setor para a responsabilidade da ex-presidente da companhia, Graça Foster, então Diretora de Gás e Energia. O DNPM concedeu à Falcon três alvarás de exploração na região do Madeira, que foram transferidos para a nova companhia, a Potássio do Brasil. Canadá e Rússia têm hoje as duas maiores bacias produtoras de potássio, que se equivalem à Bacia Amazônica em termos de extensão territorial.

Para mais destaque, entre 2013 a 2014 com os estudos de pré-viabilidade e definição do termo de referência para a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA)¹⁴ iniciou-se o processo de licenciamento ambiental; Maio de 2014, pedido de licenciamento a FUNAI; Janeiro de 2015 o EIA-RIMA foi protocolado no Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM)¹⁵; Maio de 2015, Emissão do Estudo do Componente Indígena (ECI)¹⁶ pela FUNAI; Julho de 2015, Emissão da Licença Prévia (LP) pelo IPAAM; Dezembro de 2016, abertura da Ação Civil Pública movida pelo MPF/AM; Março de 2017, suspensão das atividades de licenciamento até a conclusão das consultas ao Povo Mura, conforme diretrizes da Convenção Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹⁶⁹¹⁷, acordo firmado entre a empresa Potássio do Brasil e MPF/AM – conforme acordo, ficou da responsabilidade do Potássio do Brasil o custeio para a elaboração do Protocolo de Consulta do Povo Mura; Junho de 2019, emissão do Protocolo de Consulta do Povo Mura de Autazes e Careiro da Várzea; E em outubro de 2019, em audiência ficou acordado o início da fase de consulta direta do

¹⁴ O EIA/RIMA é uma sigla para Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental, respectivamente. Ambos são documentos direcionados à sustentabilidade, visando avaliar e precisar a intensidade e dimensão do impacto no meio ambiente.

¹⁵ Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas. É responsável pelo Controle Ambiental no Estado do Amazonas, por meio das ações de Licenciamento, Fiscalização e Monitoramento Ambiental das atividades potencialmente e efetivamente poluidoras e degradadoras do meio ambiente, bem como, aquelas relacionadas à Educação Ambiental.

¹⁶ O ECI irá identificar e analisar os impactos do empreendimento sobre as terras e povos indígenas, em seus aspectos ambientais e sociais. <http://www.uhebemquerer.com.br/estudo-do-componente-indigena/>.

¹⁷ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção nº 169 trata Sobre Povos Indígenas e Tribais. Adoção OIT: 1989; Ratificação Brasil: 25/07/2002; Status: Em vigor; Nota: Instrumento atualizado. https://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_236247/lang--pt/index.htm

empreendimento.

1.2.1 Impactos sociais e ambientais

Em vista, os impactos sociais e ambientais do Projeto Potássio em Autazes pela empresa privada Potássio do Brasil LTDA¹⁸ de alguma forma geram impactos, pois, todo empreendimento dessa natureza produz mudanças definitivas por onde passa. Havendo, resultados diversos, como alterações do terreno o qual receberá as perfurações, mudanças de comportamento dos parentes que convivem na área geográfica a extração do minério.

De acordo com o Relatório de detalhamento da proposta Projeto Potássio Autazes (p. 54, [s.d.])¹⁹ “a avaliação considerou para cada impacto previsto, os seus efeitos sobre o meio ambiente e as medidas Planos e Programas necessários para que sejam evitados, reduzidos ou compensados”. Em passos mansos, o Projeto Potássio se apresentou como um novo empreendimento para aproveitamento econômico de recursos naturais que a empresa pretende instalar em uma área localizada no município para a produção de fertilizante Cloreto de Potássio, o empreendimento está localizado a oeste da Bacia do Amazonas, na margem direita do Rio Amazonas, a cerca de 120 Km de Manaus.

¹⁸ A Potássio do Brasil LTDA, é uma empresa privada brasileira, com sede no Estado do Amazonas, na cidade de Manaus, e escritórios administrativos em Autazes (AM) e Belo Horizonte (MG).

¹⁹ O presente documento é um descritivo do Projeto Potássio – Autazes (Projeto Potássio), que foi elaborado para ser protocolado junto ao Conselho Indígena Mura (CIM) e à Organização de Lideranças Indígenas Mura do Careiro da Várzea (OLIMCV), com o objetivo de disponibilizar informações relativas à Proposta do Empreendimento Projeto Potássio Autazes, seguindo o primeiro passo para a Consulta judicial em andamento na 1ª Vara da Justiça Federal do Amazonas – Processo ACP Nº. 1919292.2016.4.01.3200.

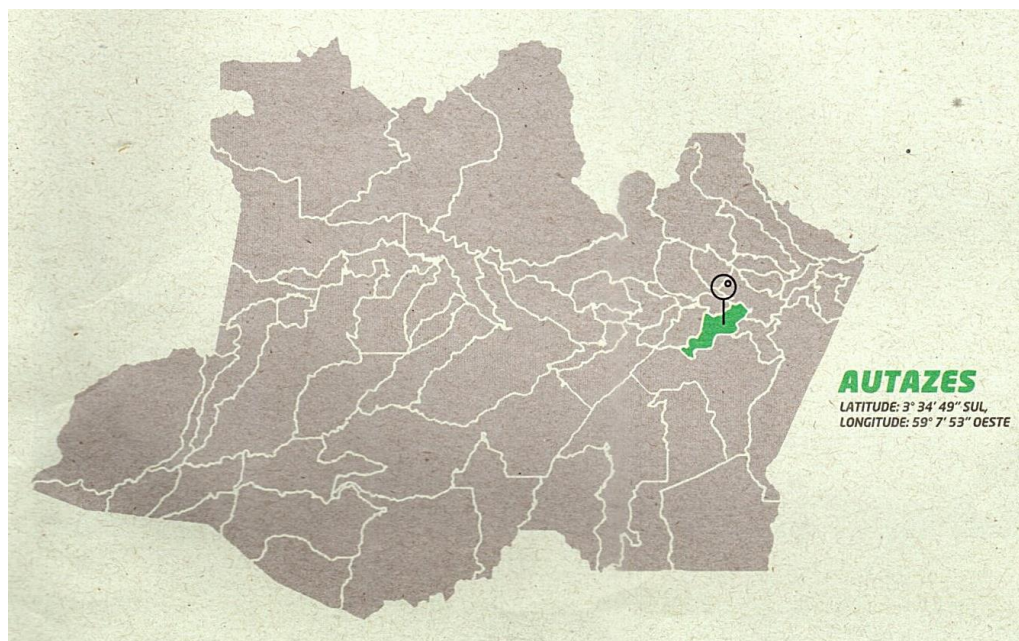


Figura 1 -Localização do Município de Autazes.
Fonte: Proposta do Empreendimento Projeto Potássio Autazes.

Logo, está integralmente inserido nos limites em nosso município de Autazes/AM. Área de Estudo Local – Para definição de Estudo Local foram definidos os seguintes Municípios: Autazes, Careiro da Várzes, Nova Olinda do Norte e Itacoatiara, como mostra a figura seguinte. E quanto a Área de Estudo Regional Projeto Autazes, partiu-se da maior área na qual poderia estar circunscrito um sistema socioeconômico que contemplasse os efeitos indiretos do Projeto Potássio Autazes.

De acordo com o Projeto Potássio Autazes, (p. 11 [s.d]):

Dentre os sete (7) Municípios da Microrregião de Manaus, cinco (5) fazem parte da Área de Estudo Regional por serem consideradas áreas potencialmente sujeitas a manifestações de impactos menos significativos. Estes são compostos por Manaus, principal centro de referência socioeconômica e política na região de influência do projeto, e os Municípios de Careiro, Iranduba, Manacapuru e Manaquiri. *Já o Município de Autazes sofrerá os principais efeitos diretos do empreendimento e será analisada no âmbito do Diagnóstico de Estudo Local, assim como Careiro da Várzea, dada a sua proximidade geográfica com o projeto e maior amplitude de relações socioeconômicas diretas com Autazes.*

A mineradora pode até defender sobre o processo de análise dos impactos que serão identificados, avaliados e recomendadas medidas de amenização e compensação pela equipe técnica do Potássio do Brasil, afinal é de maior interesse da empresa em demonstrar que haverá uma harmonia dos pares quanto aos

impactos.

No entanto, pela visão dos indígenas que não estão de acordo com o projeto, as medidas recomendadas são somente falásia, conversa mansa para tentar iludir, promessas ilusórias que os impactos serão amenizados, uma vez que, o estrago ambiental já tenha acontecido e os principais protagonistas nessa história serão alvejados com esse empreendimento que enriquecerá mais os sócios da empresa Potássio do Brasil que o próprio povo que mora em cima da riqueza em pauta.

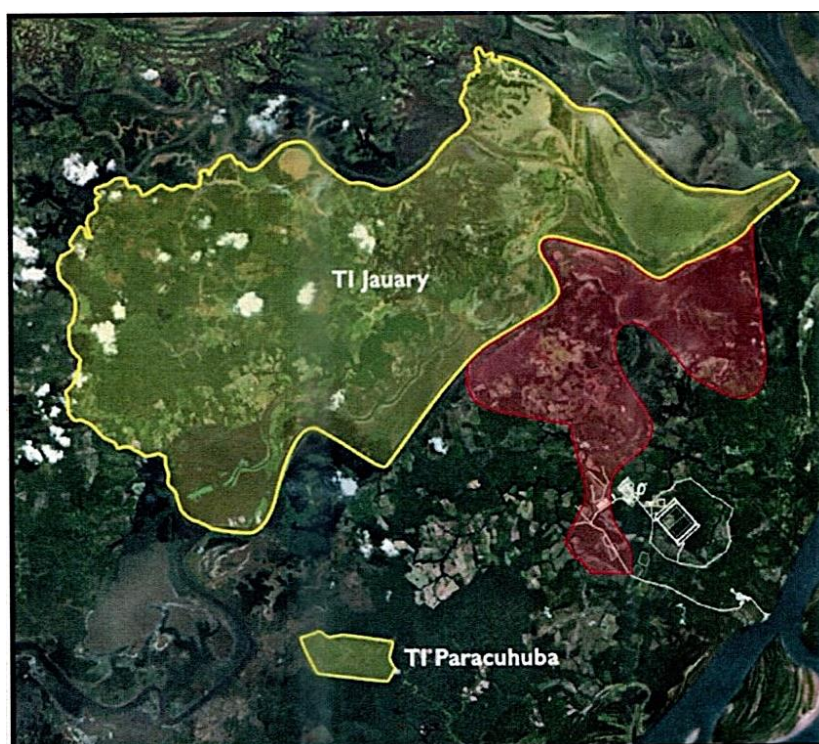


Figura 2 - Localização Regional do Projeto Autazes.
Fonte: Projeto Potássio Autazes.

É preciso afirmar que avaliar impactos ao meio ambiente não deve ser uma tarefa muito fácil, pois os impactos afetarão as pessoas, a cultura, a história, a fauna e flora, o solo, a água e o ar e principalmente o modo de vida do povo Mura. Nesse sentido, a empresa apresentou Planos e Programas os quais foram protocolados junto ao CIM e a Organização de Lideranças Indígenas Mura do Careiro da Várzea (OLIMCV) seguindo o primeiro passo para a Consulta Direta ao Povo Mura, nos termos do Protocolo Mura, e acordo judicial em andamento na 1ª Vara da Justiça Federal do Amazonas – Processo Ação Civil Pública (ACP)²⁰ N°.

²⁰ **ACP** é um instrumento processual instituído pela Lei nº 7.347/85 e é utilizado para responsabilizar os réus por danos morais e materiais ocasionados a bens e direitos coletivos, estejam eles previstos na lei ou não.

1919292.2016.4.01.3200. “É importante ressaltar que essa consulta é histórica, por ser a primeira consulta ao Povo Mura e uma das primeiras no Brasil” ²¹.

Nessa perspectiva, as lideranças deverão procurar se organizar em suas aldeias constituindo associação com o objetivo de fortalecer a base como pessoa jurídica para realizar ações que venham contribuir no bem estar dos parentes em todos os campos de programas sociais e fortalecer a representatividade das aldeias nas discussões e decisões quanto aos interesses coletivo do povo Mura.

1.3 Trincheiras: Yandé Peara Mura – Protocolo de consulta e Consentimento do Povo Indígena Mura de Autazes.

Somente nós sabemos o que é bom para nosso Povo. O governo não pode dizer o que é bom ou não para nós. É para isto que estamos organizados coletivamente. Então, o governo tem que decorar esse Protocolo e seguir. E, nós Mura também vamos seguir. Se os Mura não seguirem, desrespeitarem o que está determinado, a decisão não vai valer. A mesma coisa para o governo: Se não seguir a regra do jeito certo de consultar os Mura, a decisão não vai valer (TRINCHEIRAS, 2019, p.8,15).

Com isso, nossa história torna-se complicada, devido a vários fatores que contribuíram para passarmos por situações humilhantes em uma sociedade que demonstra “direitos aos amigos e deveres aos inimigos”, por exemplos, a nossa luta pela conquista do respeito étnico que almejamos e dos nossos direitos constitucionais, devido os interesses financeiros por parte de fazendeiros, empresas mineradoras e pelos interesses políticos partidários.

Em análise, essa luta é constante, não têm tempo para findar, mas uma coisa é certa, os não indígenas “senhores” em tempos atuais executam um modo de colonizar diferenciado, ocultando os reais interesses de explorar as terras indígenas com a dinâmica de “recompensar” o povo originário do lugar. E com essa proposta de “recompensa” por parte dos interesseiros na exploração na terra indígena em Autazes contribui para atritos de interesses de algumas lideranças dentro do movimento indígena Mura os quais representam as bases. De acordo com Azevedo (2019, p. 88):

A luta por reconhecimento de um direito de ter uma terra unificada colocará os Mura diante de uma realidade que exigirá deles novas estratégias de enfrentamento. Se contra o poder colonial os Mura lançaram mão de

²¹ Proposta do Empreendimento Projeto Potássio Autazes (p.03 [s.d]).

escaramuças, de táticas de guerrilha e do domínio dos rios, contra os atuais adversários, novas estratégias devem ser mobilizadas, que ao mesmo tempo combata os ataques contra eles e também possibilita a conquista do objetivo de uma terra Mura unificada.

Pensando nesse sentido, que os Mura buscaram se organizar construindo o Protocolo de consulta chamado “Trincheira” que significa nossa defesa dos direitos coletivos. Documento este, considerado como guia de procedimentos para os Mura e os não indígena. Caso não seja seguido o Protocolo por ambas as partes, as possíveis resoluções não serão consideradas.

Nós sabemos que o governo não nos conhece, que não vive nas nossas aldeias e não sabe a maneira como nossa organização social funciona. Por isso, nós fizemos esse documento, o nosso Protocolo Trincheira: Yandé Pearsa Mura de Autazes e Careiro da Várzea. (TRINCHEIRA, 2019,14).

1.3.1 Constituição do Protocolo de Consulta do Povo Mura

A elaboração do Protocolo de consulta contou com o apoio do MPF, Justiça Federal e Instituto Pacto Amazônico (IPA). Foram realizadas várias oficinas gerais, regionais e locais em cada aldeia, logo a assembleia geral para firmar todos os processos que já foram realizados, envolvendo todas as aldeias Mura de Autazes e Careiro da Várzea, tempo este de um ano e meio, de setembro de 2017 a junho de 2019.

Portanto, são quarenta e quatro aldeias, e uma população de aproximadamente quinze mil Mura, entre os municípios de Autazes e Careiro da Várzea, alguns moram nos centros urbanos e os demais nas aldeias. Nossa população conta com a representação de nossas principais organizações, CIM e, a OLIMCV. Através dessas organizações que as assembleias e encontros são programados e realizados, todas as decisões são tomadas de modo coletivo. Assim, foram organizadas as aldeias por região, conforme abaixo especificadas:

Região do Madeira: Josefa, Miguel, Terra preta da Josefa, Sampaio, Ferro Quente, Tukuxi, Remanso; Região do Rio Preto: Tricheira, Vida Nova, São Pedro, Padre, Taquara; Região da Boca da Estrada: Moyray, São Félix, Cuia, Natal, Poronga, Ponta das Pedras, Gapenu, Muratuba, Capivara, Igarapé-Açu, Paurú, Pantaleão; Região do Murutinga: Murutinga, Tauarí, Caranaí, Jauarí, Pataua, Terra Preta; Região Paraná do Autaz-Açú: Soares, Paracuhuba e Urucurituba; Região

Careiro: Santo Antonio, Jutaí, Bom Futuro, Boa Vista, Jacaré, Jabuti, Sessaíma, Gavião, Mutuquinha, Mura Tucumã e Ponciano. Em convocação, já houve duas consultas, a primeira no dia 25 de junho, a segunda no dia 23 de julho e a terceira será no mês de setembro/2021.

Durante aos encontros de algumas lideranças consideravam a favor do Projeto Potássio em Autazes, assim como, se manifestaram também lideranças contrárias ao projeto. Nesse viés, para o tuxaua da aldeia Tauari, Antonio Batista Mota, 83 anos, (2021):

O que eles querem tirar é nosso ouro da terra, o que vai acontecer? Perigo de doenças para cima de nós aqui [...]. Se a gente tiver a cabeça fraca, a natureza fraca o pessoal dobra, aí em vez de você ficar de cabeça para cima, vai ficar de cabeça enterrada, por qual razão? Aceitou o erro dos outros.

Nisso, as nossas lutas pela defesa da terra é global, pois empresas nacionais, multinacionais, fazendeiros e políticos querem ter “um pedaço do bolo”, digo, que até no momento esses benefícios têm aparências positivas, mas com os diversos impactos ambientais, sociais e culturais que não estão sendo visados por algumas lideranças indígenas e não indígenas como também poderes governamentais na exploração da Silvinita em área indígena em Autazes demonstrarão a ruína do que resta da natureza em nossas aldeias e, por que não dizer de nosso município.

Assim, quanto ao processo de consulta houve nos dias vinte e cinco (25) do mês de junho de 2021 a primeira reunião entre as lideranças e a comissão das aldeias dos municípios de Autazes representado pelo CIM e Careiro da Várzea representado pela OLIMCV e as demais Organizações Indígenas de Autazes: OPIM, Organização de Mulheres Indígenas Mura (OMIM), Organização de Estudantes Indígenas Mura (OEIM), Organização de Agentes de Saúde Indígenas Mura (OASIM) e Organização de Produtores Indígenas Mura de Autazes (APIMA) para tratarem assuntos relacionados à retomada da Pré-consulta, conforme rege o Protocolo de Consulta do Povo Mura.

Com a palavra o Coordenador Geral do CIM José Cláudio deu as boas vindas a todos os presentes e falou do objetivo da reunião. Em seguida, o professor Diego Filgueira Mura fez uma oração em agradecimento à Deus pelo momento e logo após, teve a vez da palavra o tuxaua da aldeia Moyray Estélio Pereira dando também boas vindas a todos os presente na reunião.

Para abertura oficial do evento houve apresentação de dança com as crianças da aldeia Moyray, sede do evento, com cartazes com frases mencionando “NÃO a PL 490”²², significa que o Marco Temporal é uma tese que propõe que sejam reconhecidos aos povos indígenas somente as terras que estavam ocupadas por eles na data de promulgação da Constituição Federal em 5 de outubro de 1988 (CF/1988). Em continuidade a programação, logo, foi realizada a chamada das lideranças presentes por região, conferido pelo vice-coordenador do Conselho Indígena Mura, Sr. Fábio Androeza.

De acordo com a chamada, as aldeias de Autazes que estavam presentes são: Região do Madeira: Aldeias Josefa, Terra Preta da Josefa, Sampaio, Tukuxi, Remanso; Região do Rio Preto: Aldeias Trincheira, Vida Nova, São Predro, Padre, Taquara; Região da Boca da Estrada: Aldeias Moyray, São Félix, Cuia, Natal, Ponta das Pedras, Guapenu, Muratuba, Capivara, Igarapé-Açu, Paurú, Pantaleão; Região Murutinga: Aldeias Murutinga, Tauarí, Caranaí, Patauí, Terra Preta do Murutinga e Jauary; Região do Paranã do Autaz-Açu: Aldeias Soares, Paracuhuba, Urucurituba.

E, as aldeias por parte do Careiro da Várzea que participaram da reunião foram: Santo Antonio, Jutaí, Bom Futuro, Boa Vista, Jacaré, Jabuti (origem da dança da cutia), Sessaíma, Gavião, Mutuquinha, Mura Tucumã, Ponciano. Em seguida, o Coordenador da OLIMCV E.D.S. apresentou as lideranças das aldeias do Careiro da Várzea que faziam parte de sua comitiva. E, com a oportunidade de se pronunciar o professor Herton Mura fez suas considerações e destacou que sua participação na reunião estava sendo como membro do povo Mura e não como membro da Fundação Estadual do Índio (FEI), dando ênfase, que é contra a extração da mineração em Autazes, no entanto, também defende a pré- consulta de acordo com o nosso Protocolo.

Em sua segunda oportunidade de se expressar, o coordenador José Claudio chamou a frente o contador M.C.S. e doutorando em linguístico professor E. M.M. da UFAM, apresentando-os como colaboradores no Conselho com seus conhecimentos técnicos, extendendo seu discurso com um breve relato sobre os acontecimentos das últimas reuniões que o CIM se fez presente, no mais, disse que é favorável seguir e respeitar o que rege o nosso Protocolo de Consulta, que todas as decisões

²² PL nº 490/2007 determina que devem ter direito às terras consideradas ancestrais somente os povos que as estivessem ocupando no dia da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988.

tomadas deverão ser consultadas através das reuniões para esse fim, disse mais, que Autazes e Careiro da Várzea devem andar juntos, tomarem decisões justas para que nossas futuras gerações não sofram com nossas decisões atuais.

Em tom de desabafo, o coordenador J.C. falou sobre a discriminação que estão sofrendo em Autazes por conta da exploração da empresa Potássio do Brasil e que estão sofrendo muitas ameaças, enfatizando que os encontros de lideranças estão sendo realizados por estarem obdecendo às regras do Protocolo de Consulta. Com a palavra, o professor H. Mura falou sobre a importância de ter uma equipe de consultoria para comprovar todas as ações que estão sendo feitas e que serão feitas no futuro.

Citou sobre a luta coletiva, de se cumprir o Protocolo. Logo, o vice-coordenador do CIM F.A. teve oportunidade de se expressar e falou de modo bastante sucinto de sua posição favorável a pré-consulta. Assim, o professor Rony Tukuxi falou sobre as leis que regem o nosso Protocolo que as consultas e as pré-consultas devem acontecer. Em seguida, o professor W.F. Mura falou sobre a importância de viver essa consulta com a participação dos Mura, para conhecermos como vai acontecer no futuro e para tomarmos decisões conscientes.

Nesse sentido, o professor E.M. Mura deu sua opinião que sempre será contra a Mineração porque ainda quer ver sua futura geração ter boa saúde. Por fim, o professor W.M. fez vários questionamentos ao deputado estadual presente Roberto Cidade sobre mais políticas de assistência às populações indígenas, alertando todos sobre algumas lideranças que se dizem representar o Povo Mura, como, N.M., C.M., e F.M., de acordo com o professor usando a expressão “eles não nos representam”, firmando que nossos representantes são o CIM e OLIMCV.

Para tanto, com as próximas oportunidades com os Tuxauas, deu início o líder da aldeia Terra Preta K. falou da importância de tomar as decisões de maneira inteligente para não prejudicar o futuro do nosso povo, justificando-se e pedindo desculpas a OLIMCV sobre uma fala negativa que fez no grupo de whatsapp do CIM. Em sequência, o tuxaua da Aldeia Urucurituba A.P. falou de seu descontentamento quanto à decisão tomada na 1ª Reunião dos Tuxauas e que não foi aceito pela OLIMCV.

Em síntese, o tuxaua da aldeia Tauari A.M. fez seu pronunciamento a favor da demarcação das terras indígenas, lembrando do perigo que todos nós estamos correndo por não apoiar a mineração. Já em seu discurso, o tuxaua da Aldeia Cuia

J.R. falou sobre sua indignação por terem tirado o poder de decisão dos Tuxauas e colocar na mão da aldeia, mas que é contra a mineração.

Concluindo a participação dos Tuxauas, a liderança Estélio Matias Pereira Mura tuxaua da aldeia Moyray falou da manifestação indígena que houve recentemente na frente da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM) e que não conseguiram entrar na Assembléia.

Fazendo um desabafo sobre os políticos que são contrários às lutas dos Povos indígenas, no momento, pediu para que seja agendada uma reunião com as lideranças dos Povos indígenas na ALEAM para que sejam ouvidos os seus anseios. Na sequência, fechando as pautas da reunião, a Coordenadora da OMIM M.C. falou que é contra a mineração e contra a PL490, destacando que deve-se ensinar nossas crianças a lutarem pelas nossas terras e pelo seu bem estar, lutar para sobrevivência.

Dado por encerrado as pautas afins da pré-consulta do Protocolo, o presidente da FEI Sr. E.X. juntamente com o deputado estadual Roberto Cidade, presidente da ALEAM, fizeram a entrega de um carro para o Conselho Indígena Mura para servir de suporte para o povo e em seu discurso o deputado declara que é a favor das causas indígenas.

Nisso, o presidente da FEI E.X. fez seu pronunciamento de apoio à luta do Povo Mura ratificando os pedidos e reivindicações feitas pelas lideranças, logo, solicita ao deputado a volta da Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (SEIND)²³, parabenizando-o pela ação de doação do veículo para o CIM. Em seguida, foi entregue ao deputado Roberto Cidade um documento de Nota de repúdio contra a PL 490 e o vice-coordenador F.A., Tato fez os agradecimentos a todas as pessoas que nos apoiaram para a realização deste evento. Assim, a seguir a apresentação da Nota de Repúdio do Povo Mura de Autazes e Careiro da Várzea-Am feito no dia

²³ A Seind foi criada pela Lei número 3.403, de 7 de julho de 2009, e começou a funcionar no dia 8 de setembro do mesmo ano com a finalidade de formular, executar e implementar essa política de etnodesenvolvimento, no âmbito do Programa Amazonas Indígena, em parceria com outras instituições dos governos federal, estadual e municipal, com as comunidades e organizações indígenas e entidades não governamentais. Após funcionar por seis anos, a Seind foi extinta na reforma administrativa realizada pelo governador do Amazonas José Melo (Pros) no ano de 2015, juntamente a outras três secretarias: de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SDS), de Ciência e Tecnologia (Secti), e a Secretaria Executiva de Política para as Mulheres (SEPM). Isso não ocorreu sem embates dentro do próprio *movimento indígena*: um grupo contrário ao então secretário havia invadido o prédio meses antes requisitando a mudança do titular do cargo que ocupava o cargo há dez anos. <https://www.scielo.br/j/ha/a/sst4xsQYQmywPYnkCrWnNTv/?lang=pt>. Acesso: 18/11/2021 às 18h: 14min.

25 de junho de 2020.

Nós povos indígenas representantes das aldeias MURA do Município de Autazes: Josefa, Terra Preta; Sampaio, Tukuxi, Remanso, Trinchira, S. Pedro, Padre, Taquara, Moyray, São Felix, Cuia, Natal, Poronga, Ponta das Pedras, Guapenú, Capivara, Pauaru, Igarapé-açú, Pantaleão, Murutinga, Terra Preta do Murutinga, Patauí, Soares, Paracuhuba, Urucurituba. Eas Organização Indígenas como: OPIM, Organização das Mulheres/Org. dos Estudantes/Organizações dos Agentes de Saúde e OLIMVC. E os representantes das aldeias Mura: Santo Antônio, Jabuti, Galiléia, Bom Futuro, Boa Vista e Jacaré do Município de Careiro da Várzea do Estado do Amazonas, reunimos para discutir sobre seus interesses na aldeia Moyray no dia 25 de Junho de 2021. Além, das pautas discutidas, tomamos a decisão de nos manifestar contra a votação encerrada da PL 490 que infelizmente os representantes da bancada ruralista, da bala e da bíblia vencem no CCJ²⁴ e vão continuar avançado sobre os nossos territórios indígenas. Com isso, esses representantes que estão no poder desrespeitaram todos os nossos direitos indígenas já conquistados desde 1988. Representam um retrocesso à para nossa vida material e espiritual. Por essa razão estamos pedindo um grande apoio da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas no sentido lutar junto conosco para que a PL 490 e outras PLs não possam prosseguir no Senado e no Congresso Nacional. Convocamos também a Assembléia Legislativa do Estado Amazonas para ajudar a construir em parceria “O Bem Viver” do nosso povo Mura de Autazes e Careiro da Várzea e todos os indígenas do Amazonas e do Brasil.

Dado pausa para o almoço às 12:00 horas, a reunião foi retomada as 13:00 horas, com a palavra o professor em linguística Edilson Martins Melgueiro, falou sobre suas experiências nas escolas indígenas do Alto Rio Negro, explicando sobre o objetivo do projeto de “Bem viver do Povo Mura” em que o povo Mura deve pensar em conjunto sobre esse programa tanto de Autazes quanto do Careiro da Várzea. Com a palavra, o professor H. falou sobre os projetos da empresa Potássio, mas, perguntou qual o nosso projeto? Falou sobre o povo Mura pensar junto o que realmente nós queremos para o nosso futuro.

Após, o coordenador José Claudio perguntou da assembleia quantos concordavam com a pré-consulta?. Todos em unanimidade levantaram a mão em concordância. Após, foi discutido sobre a data da realização da 1ª reunião da pré-consulta. Herton fez uma reflexão sobre a possibilidade da realização da reunião, devido aos recursos que serão liberados pela justiça federal. Foi aprovado que no dia 06 de julho o documento será protocolado na Justiça Federal e a previsão para a reunião seria nos dias 26 a 30 de julho.

²⁴ Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) é uma comissão permanente da atividade legislativa do Senado Federal do Brasil. No Senado, tem por objetivo analisar diversas atividades, como proposta de emendas constitucionais, através de audiências públicas.

No fim da reunião, a leitura do documento final da minuta do Ofício 01/2021 CIM e OLIMCV foi realizada pelo professor Herton Mura para a apreciação e aprovação da plenária. Por conta de mudanças da data da pré-consulta em Urucurituba, no dia vinte de novembro, sábado, às oito horas reuniram-se as lideranças da Região Murutinga para tratar assuntos referentes à pré-consulta que estava previsto a contecer no Urucurituba nos dias 29,30/11 à 01/12, por questão da OLIMCV apresentar justificativa de sua ausência nessas datas foi comunicado no grupo do aplicativo watssap das lideranças indígenas que a pré-consulta estaria suspensa até a segunda ordem do CIM.

No entanto, a maioria das lideranças entrou em comum acordo em se reunir na base pelo coordenador de cada região com os Tuxauas para discutir e decidir se as datas previstas da pré-consulta seria realmente suspensas por conta da ausência da OLIMCV no evento em Uricurituba, temática esta foi a principal pauta na reunião na Aldeia Terra Preta Murutinga no dia vinte de novembro às oito horas, reuniram-se as lideranças: tuxaua da aldeia Canaraí, Murutinga, Tauarí, Terra Preta, sendo registrado a ausência das aldeias Pataua e Jauarí.

Foi dado o espaço para todos os presentes pudessem falar e dar suas opções, com a participação nas discussões à comitiva da aldeia Tauari: tuxaua A.M.; Conselheira Local de saúde, professora N.B., Secretária da Organização Social Indígena Antonio Mota da Aldeia Tauari (OSIAMAT), professora M.A., tesoureira da OSIAMAT, D.G. e eu Ana Mary Mello de Azevedo.

No fim de todas as discussões, a Região Murutinga defende a hipótese de acontecer a pré consulta em Uricurituba nas datas já previstas em reunião das lideranças. Então, ficou definido que a Região Murutinga concordaria de realizar a viagem ao Uricurituba para cumprir a agenda da préconsulta mesmo que fosse preciso usar de próprio recurso financeiro. Para esclarecer qualquer dúvida o coordenador do CIM, enviou um áudio para o grupo de watssap das lideranças informando que o Ministério Público Federal solicitou uma audiência de reconciliação entre Carereiro da Várzea, Autazes, MP, Justiça Federal e Potássio do Brasil.

Para tanto, essa audiência de reconciliação é necessária para poder dar início à liberação de recursos financeiros para as realizações das pré-consultas obdecendo assim o protocolo Trincheiras: Yandé Peara Mura – Protocolo de consulta e Consentimento do povo Mura de Autazes. Com o objetivo de conhecer se

o povo Mura está alinhado, de comum acordo, se estamos seguindo o protocolo, então dia nove de dezembro na Comunidade do Soares a audiência de conciliação. No mais, comunica que serão solicitando da justiça federal valores de custos para aluguel de barco, combustível para reembolsar todas as lideranças que farão as viagens até o Soares e esse processo serão seguindo a planilha de quantidade de combustível para cada liderança da aldeia, no entanto o valor será atualizado e, também custos para a alimentação. Tendo como base o nosso Protocolo de consulta, o coordenador lembra que cada aldeia deve levar seis membros para representar a base de cada aldeia: os coordenadores de cada região, tanto titular quanto o suplente; os coordenadores de organização, um representante por organização.

Nesse sentido, espera-se reunir aproximadamente duzentas pessoas na audiência. A viagem foi marcada para o dia oito de dezembro sair do Porto Fluvial em Autazes às 15h para dormir na Comunidade e dar início aos trabalhos pelo horário da manhã dia nove. E nessa reunião será decidida a data que daremos o início a pré-consulta, firmando que a votação da maioria que será elaborado o cronograma para dar início a pré consulta.

Ação esta, justifica-se o coordenador do CIM J.C.Y.M. 39 anos (2021):

[...] Têm muita gente questionando a data da pré-consulta que tá apertado próximo ao natal, eu só estou aqui conduzindo meus parentes o que a maioria decide tá bom, tá, eu não tô aqui decidindo nada, não quero decidir nada para que depois ninguém venha dizer que eu tô decidindo alguma coisa isolada, tá bom meus parentes?.

Para isso, os Tuxauas de cada aldeia deverão reunir os parentes para decidirem quem serão os representantes da base da sua aldeia nessa audiência de reconciliação, devem levar o manual do Protocolo para terem em mãos para quaisquer dúvidas, e é de grande relevância que seja lido e discutido nas aldeias para que todos os parentes tenham o conhecimento do Protocolo.

Cada liderança deve apresentar a coordenação do CIM a Ata de reunião da aldeia na escolha e aprovação dos seis representantes que irão participar das rodadas das pré-consultas, apresentar também, a cópia dos documentos de cada representante, tanto titular quanto suplentes por meio de garantia e segurança.

Em resumo, na audiência de conciliação do dia nove de dezembro/2021 não seria decido nenhuma situação, como é uma audiência de conciliação, vamos

somente para ouvir os especialistas como diz o Protocolo. Data esta, que estava prevista em dezembro/2021 não aconteceu o encontro da pré-consulta, mas somente nos dias 06, 07 e 08 de abril de 2022.

1.4 Movimento Popular Silvinita Autazes

Paralelo a tudo isso, a população não indígena de Autazes levantou o movimento popular e iniciaram as manifestações através das redes sociais mobilizando essa parte interessada e conseguiram levar a Câmara de Vereadores para se discutir oposições de interesses entre a população autazense. De um lado, os Mura questionando a segurança ambiental, de outro lado uma parte da população defendendo o crescimento do mercado, do emprego na região.

Então, dia 06 de junho de 2022 reuniu-se na Câmara Municipal de Autazes (CMA) para participar da sessão especial no intuito de trazer conhecimento e esclarecimento quanto o processo da exploração da silvinita em nossa região: vereadores, pesquisadores, população não indígena e indígena, profissionais da mineração, representantes do movimento popular “Silvinita Autazes”²⁵ e o Coordenador do CIM representando o nosso povo. Durante a sessão, no momento das oportunidades na tribuna o engenheiro agrônomo Edilevi dos Santos Marques (2022) ressaltou da importância de acreditar na ciência e nos estudos feito pela empresa Potássio do Brasil para obter o licenciamento ambiental para o beneficiamento da silvinita em Autazes. Disse mais:

Para que a empresa tomasse a iniciativa é necessário passar por alguns processos: licença prévia, licença de instalação e a licença de operação. Para cada etapa dessas, passa por uma série de estudos, que chamamos de Estudos de Impactos ambientais e, posteriormente o Relatório de Impactos Ambientais que foi feito por pesquisadores com muito conhecimento. Esses estudos foram feitos para que, posteriormente, nós não possamos sofrer problemas ambientais. Não adianta você ter um ambiente preservado se a população ribeirinha passa fome, não tem emprego. Mas também não adianta ter um município rico onde não tem um ambiente preservado. Assim, esses três elementos: desenvolvimento ambiental, social e econômico em conjunto colabora para que o município possa sonhar em desenvolver-se.

Nisso, para o engenheiro agrônomo os três elementos são os principais pilares para o desenvolvimento de nossa região, o ambiental, social e econômico

²⁵ O termo oficialmente utilizado pela empresa Potássio do Brasil é Projeto Potássio Autazes. A silvinita é a rocha e o potássio é o produto que será vendido.

devem acontecer em conjunto, lembrando que, a questão da exploração da silvinita é questão de interesse nacional. É complicado quando se fala no desenvolvimento sonhado para Autazes, pois junto acompanha os impactos ambientais e os impactos sociais que no momento não é de interesse nas principais discussões com a população, o que visam no momento é o lucro financeiro e usam os problemas sociais de nossa realidade para lançar a ideia de que a exploração da silvinita seria como a solução das tais situações problema, no entanto, possivelmente a massa popular será as mais desfavorecidas com os tais progresso desejado.

Quanto ao técnico agrícola, R.G.D.O.N. (2022), ressaltou a importância do fertilizante para o trabalho do campo e que com a liberação da explorado da silvinita na região vai melhorar a qualidade de vida da população, tanto municipal quando para todo o Estado do Amazonas.

A gente ver a necessidade do povo de Autazes, do agricultor, do pecuarista, deixar aquele serviço escravo, aquele serviço do terçado, da enxada, e a gente começar a renovar. A gente tem uma luta grande de um dia ver nosso estado como um grande produtor de alimentos. Eu tenho certeza, com a silvinita sendo explorada no nosso estado, vai acabar ou diminuir a fome no nosso país.

Para o professor e ex-prefeito de Autazes, Wanderlan Sampaio (2022) a história do Amazonas mostra uma concentração de desenvolvimento econômico na capital. E é preciso desenvolver o interior, que ficou vazio após a criação da Zona Franca de Manaus. O interior contribui com apenas 5% do Produto Interno Bruto (PIB) para o Amazonas, sendo necessário um estímulo a novas matrizes econômicas para desenvolver, de forma sustentável, os municípios. Disse mais, o ex- prefeito:

Aqui historicamente, nós vivemos da monocultura, que é a pecuária. Mais de mil propriedades rurais vivem da pecuária leiteira. Dois anos esperando para vender um garrotinho e ajudar nas despesas da sua propriedade. Não houve, por parte do governo, a preocupação da descoberta do surgimento de uma nova matriz econômica para cada município desse estado. Então, há a necessidade de nós, juntos, discutirmos, de forma viável economicamente e corretamente ecológica, para se usar os nossos recursos naturais de forma sustentável.

O prefeito em exercício Marcelo Tupinambá (2022) ressaltou a importância de unir os povos indígenas e a população não indígena de Autazes, para fortalecer o desenvolvimento econômico da região. Nisso, questiona o vice-prefeito:

Vocês acham que a Rússia vai deixar o Brasil produzir? Nunca!! Eles junto com a Bielorrússia são os maiores exportadores de Potássio para o Brasil. Os indígenas também querem produzir. Conversei com vários deles que dizem: nossa terra é fértil e queremos trabalhar. Não existem culpados. Nós somos um só povo.

Em seu discurso, o vice-prefeito nenhum momento expressou preocupação com a preservação da natureza, não atentou para os impactos ambientais que poderá o prejudicar na criação de seus gados. Como fazendeiro, poderia está a frente juntamente com nosso povo em defesa da preservação da natureza, pois a maioria dos Mura não pensam no ganho financeiro ao defenderem a não exploração, pensamos de como ficará nosso meio ambiente? Como poderemos pescar e caçar, consumir a água do rio para cozinhar nossa alimentação? E tomar banho? Lavar nossa roupa e até mesmo beber essa água? Que será de alguma forma contaminada! Nossa realidade cultural dos que moram em zona rural é diferente dos que moram na cidade!

Em nome de nosso povo, J.C.S.P. - Coordenador do CIM esclareceu na tribuna o processo do Protocolo de Consultal com o povo Mura, estabelecendo em acordo judicial. Dizendo que a partir de junho/2022 iniciaria 47 processos de consultas ao povo Mura. Deixando claro que:

Nós não somos nenhum tipo de tracamento ao desenvolvimento do município de Autazes. Somos autazesenses, somos Mura, e nós queremos também sempre somar com o nosso município. O fato é que nós nos organizamos. Buscamos fazer com que a lei fosse cumprida. Se na Lei diz que os Mura precisam ser consultados, recorremos e estamos sendo consultados. A gente não veio para briga. A gente quer apenas que nossos direitos sejam cumpridos dentro da OIT 169.

O Presidente da Comissão de Meio Ambiente, Recursos Hidricos, Minas e Energia da CMA, vereador Fernando Oliveira (2022) encerrou a sessão especial falando sobre a importância do incentivo a capacitação da mão de obra que será necessária para a implantação da fábrica do Potássio do Brasil no município. Segundo o vereador, o legislativo municipal não pode interferir no processo judicial, mas podem organizar a cidade para receber os incentivos.

Hoje, Autazes tem 42 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a prefeitura não consegue empregar 30% da mão de obra apta que poderia está empregada. Essa expectativa vai aumentar. A oportunidade não vai cair do céu. O projeto silvinita vem de uma empresa privada, que tem lá os seus critérios para capacitação e qualificação. Qual é nosso papel? Nós estamos pleitando para conseguir o núcleo da UEA em Autazes. Nós já estivemos no IFAM para tratar do curso

de mineração e de técnico em segurança do trabalho, que são os principais cursos que, desde o início da operação da mina, até depois, você vai precisar desses profissionais.

Pelo discurso do vereador Fernando Oliveira o projeto potássio vai ser executado em Autazes, e é preciso a qualificação de mão de obra. Não sou contra o investimento na formação da população, mas percebemos que a motivação que conduz o legislativo a tomar posição quanto a citar a qualificação de mão de obra é bastante irônico, pois se formos observar o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração dos Servidores Municipal de Autazes que foi aprovado pela casa legislativa prejudica a categoria de professores, esse discurso está controverso com a realidade, pois a lei que garante o afastamento do servidor para a formação continuada, mas, sem ônus para o município, nisso, mostra o desinteresse desta na defesa dos interesses dos professores, o profissional tem a garantia do afastamento, mas, terá ciência que sua remuneração será suspensa, o mesmo artigo que te dar garantia de afastamento para qualificação é o mesmo que te prende, a maioria dos casos há desistência do profissional de alcançar uma possível pós graduação a nível de mestrado e doutorado.

Retornando ao tema de qualificação de mão de obra para “garantir a vaga” de trabalho no Projeto Potássio Autazes é meio complicado, pois, por não encontrar mão de obra qualificada no próprio município acontecerá da empresa trazer de fora essa mão de obra e a geração de emprego e renda que tanto o movimento popular “Silvinita Autazes” almeja ficará somente na falácia, e pais de família que são moradores do município de Autazes provavelmente ficarão desempregados, e o aumento de índice de desemprego no município aumentará, e a solução que tanto especulam quanto aos problemas sociais será somente ilusão, e depois de tudo, não poderemos mais como reverter às situações problemas ambientais e sociais que surgirão.

A próxima reunião especial ficou marcado para o dia 12 de dezembro de 2022, com a presença confirmada do presidente da empresa Potássio do Brasil sr. Adriano Espescht.

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E CULTURA NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

2.1 O olhar antropológico na educação escolar Mura

Para se discutir esse capítulo, é relevante falarmos primeiramente de Franz Boas conhecido como o pai fundador da moderna antropologia cultural, em sua teoria tem mostrado que cada cultura tem sua autonomia e singularidade, e isso deve ser respeitado e valorizado, para Franz Boas os costumes de um povo são considerados manifestações da cultura, nesse sentido, o processo de construção de conhecimento na escola Mura se destaca também como manifestações da cultura, pois, o entrelaçamento de educação e cultura é indissociável.

No artigo “Educação e cultura no pensamento de Boas” citado por Pereira (2011), o conhecimento é algo contextualizado, isto é, só pode ser concebido dentro de um contexto. Assim, a educação de um indivíduo é relativa ao seu contexto cultural. Cada um é formado de acordo com seu ambiente cultural e enxerga o mundo pelo viés da cultura em que nasceu, ou que viveu a maior parte do seu tempo.

Conforme citado acima, o autor destaca bem a posição de Boas quanto à relação da cultura e educação, quando Boas se refere à contextualização de conhecimento, trata da valorização do conhecimento prévio do estudante dentro do contexto escolar, a escola ao olhar a realidade social, cultural do estudante permite vivenciar essa realidade, conhecer o “desconhecido” particular do protagonista principal do processo da construção do conhecimento, nisso, tanto o professor quanto o estudante constroem novos conhecimentos.

A antropologia estuda, observa valores e características no modo de organização de vida e costumes diferentes, assim, reveste-se de particular importância ressaltar que Benedict como aluna de Boas realizou estudos relevantes para a ciência antropológica, defende a ideia que a cultura pode ser comparada a uma lente que filtra tudo o que se vê o que se percebe e o que se sente, sob essa ótica, ganha particular relevância também a importância dada pela antropóloga quanto compreender o indivíduo, é está vivendo na sua cultura, cultura esta, vivida por indivíduo.

Como nos assegura Benedict (2013, p. 15):

A antropologia é o estudo [...] concentra sua atenção nas características físicas, nas técnicas industriais, nas convenções e nos valores que distinguem uma comunidade de [...] outras que pertencem a uma tradição diferente. O traço distintivo da antropologia entre as ciências sociais é que ela estuda seriamente outras sociedades além da nossa. [...] um antropólogo [...] está interessado no comportamento[...] não como uma determinada tradição a nossa [...]. Está interessado na grande gama de costumes que encontramos em diversas culturas e seu propósito é compreender (BENEDICT, 2013).

A antropóloga Benedict (2013), deixa claro que a soma das atividades de um povo, ou grupo, costumes, opiniões, ações, ideias, atitudes, enfim, tudo àquilo que traduz o conjunto de valores que esse grupo expressa para a antropologia se denomina como culturas, como elemento explicativo da diversidade humana.

Conforme citado, a antropologia fazia somente registros dos costumes e crenças de povos primitivos, porém, através das conquistas formuladas com o passar do tempo a antropologia começou a receber o amplo interesse de outras áreas de conhecimento. Através da antropologia obtive a possibilidade de conhecer a realidade social, cultural do estudante com o olhar etnológico, e essas realidades recebem foco no processo ensino e aprendizagem na escola Mura, as interações de saberes e na contextualização desses saberes a escola Mura permite a quebra dos muros de quatro paredes no processo da construção do conhecimento (PELS; SELEMINK, 1999).

Somos sujeitos sociais e históricos, na aldeia, na escola e fora dela partilhamos nossas culturas e somos profundamente marcados pelos meios sociais em que vivemos, mas também contribuimos com a transformação dele. Desta forma, o diálogo entre a dança da cutia e a educação escolar Mura não se reduz somente ao ambiente escolar, mas também promove uma relação entre o que se aprende e ensina na escola indígena, e o que se passa fora dela, relacionando-as nas diferentes áreas de estudo, os conhecimentos e valores das diversas culturas, tendo como base a nossa própria cultura Mura.

E, através do Curso de Mestrado em antropologia é notória a minha observância e análise de sua interação no diálogo significativo com o processo ensino e aprendizado da educação escolar indígena, ambas favorece para uma relação positiva no contexto indígena, as quais instigam o fortalecimento da identidade cultural de nosso povo.

A escola Mura busca meios pedagógicos e didáticos para contextualizar a construção do conhecimento com a realidade social e cultural do estudante, a dança da cutia é uma realidade cultural, em que sua manifestação tem grandes significados para identificação da aldeia Murutinga e dos que residem nela.

Além da Dança da cutia existem outras manifestações culturais que merecem um espaço na escola Mura, firmando com isso, a recuperação das memórias histórias na socialização dos saberes, na interação dos conhecimentos prévios, nessa hora que o compartilhamento da cultura se manifesta nas conversações espontâneas e dirigidas.

A construção de novos conhecimentos acontece não somente dentro de quatro paredes, mas também em conversa entre os alunos dentro e fora da sala de aula e em todo momento no relacionamento cotidiano da aldeia e nos eventos sociocultural, sendo o professor o articulador e orientador desse processo, contextualizando os conhecimentos empíricos e científicos de modo interdisciplinar.

O processo de articulação entre educação escolar indígena e culturas Mura passam a representar a produção e a construção de novos saberes que se fundamentem na articulação desse corpo de conhecimentos, possibilitando que as disciplinas escolares (áreas de conhecimento) sejam uma das criações mais genuínas da cultura da escola indígena, para isso, é preciso compreender as experiências educacionais no cenário da cultura Mura.

Assim, conforme comentário feito pela professora M.N.B. 55 anos, (2022):

Tudo aquilo que praticamos em nossa aldeia, que nos traz alegria, prazer, comoção, tristeza, nossas festas, comemoração, nossas plantações, nossas danças, pula n'água, lavar nossa roupa no rio, nossos filhos pequenos ficam no chão mesmo, no barro, brincam com o barro, nossas crianças gostam de tomar banho na chuva e ficam todos sujos de lama e se alegram com isso, dormir na rede, tudo isso é nossa cultura faz parte do processo educacional da educação escolar Mura. Por isso, que a cultura de nossa dança que é representada pela Dança da cutia para nosso povo vai ganhando força e sendo valorizada, tanto nas aldeias quanto fora das aldeias.

É nesse sentido que a antropologia e a educação se dialogam, se interagem, pois a antropologia e educação constituem-se um campo do saber, tanto uma, quanta a outra se percebe consideravelmente como ciência, no qual é notório em ambas a relação da teoria e a prática, e esse diálogo é visível no contexto cultural da aprendizagem, assim, a cultura local inserida nos projetos da escola indígena, possibilitará de modo dinâmico e significativo às práticas pedagógicas e didáticas na

educação escolar Mura.

Com isso, desenvolve nos estudantes a competência necessária para que eles possam compreender e falar sobre a importância de inserir aquilo que é natural para eles no processo ensino e aprendizado em sala de aula é garantir os direitos indígenas na educação, permitindo o meio ambiente que influencia na formação intelectual Mura e que contribua para determinação de valorizar e preservar nossa história.

Assim, para a professora Mura A.B., 56 anos, (2022):

O papel da cultura é também de educar dentro da comunidade e fora da comunidade também como forma de união. O que eu entendo de cultura, como nós temos a Dança da cutia, nós como educadores, professores e a gente sabe como funciona a educação diferenciada a cultura nós temos que ensinar desde educação infantil ao Ensino Médio dizendo que a Dança da cutia é uma cultura nossa, isso vem de geração a geração.

A escola indígena quando prioriza trabalhar o didático e o pedagógico utilizando a realidade cultural do estudante Mura estará contextualizando o ensino e aprendizado com o seu conhecimento de mundo. Ainda com a professora Mura N.B.M. 55 anos, (2022) para ela “a cultura e a educação são coisa única, por que tanto a cultura e a educação desperta na criança o interesse em conhecer e também levar a cultura para outras aldeias”.

Em seu comentário a professora Mura destaca que a cultura e a educação não são separáveis, o modo de educar Mura, pois faz parte de nosso povo nossas metas no processo educativo, como também, o uso das metodologias e conteúdos específicos e diferenciado tendo como base o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Portanto, o diálogo entre cultura e educação escolar Mura é de grande relevância para a construção de novos conhecimentos, ambas às ciências estão extremamente ligadas, cultura e educação escolar indígena em diálogo científico e empírico é inevitável.

2.2 A dança da cutia e seus significados simbólicos

Para a professora M.A.B., 56 anos, 2022.

A dança da cutia pra nós ele é um significado muito grande, por que é uma dança que ele traz a nossa representatividade em todos os lugares aonde nós chegamos. Ele é um símbolo de nossa dança onde que nós hoje temos

que usar tudo o que é nosso, como o chapéu, hoje nosso chapeu do Mura nós não podemos usar outro chapeu se não for o nosso que são de outros povos, então temos que usar o nosso. O nosso chapéu, não é que não temos o nosso chapéu na hora de fazermos nossa apresentação, mas podemos fazer de palha preta, por que nós sabemos que ele vai pra frente, ele é igual o do Mura, então, isso é gratificante pra gente a nossa dança, nossos chapéus, nossos colares. Hoje nós sabemos que muita das vezes o Mura ele não é muito de usar muitos colares, por que a gente sabe que muitos colares vêm de outros povos e o hoje nós vemos que os Mura usa pouco na dança da cutia, ele não usa muitos colares. Então, a gente sabe que tudo isso o Mura ele não gosta muito de usar, por que já está no sangue, já está no nosso sangue a nossa cultura, a nossa identidade, isso é muito bom, por que nós não podemos também usar outros tipos de pinturas na hora da dança de outros povos, temos que usar o nosso, tudo o que nós sabemos que é nosso, do nosso povo Mura, que nós vemos hoje. Nós tivemos com outros povos, e tivemos um questionamento que cada povo deve usar o que é seu, usar seu chapeu, sua pintura, então, nós não podemos mais usar pinturas de outros povos e nem chapéu, cada povo deve usar o que é seu então é isso que a gente tem que fazer.

A Dança da cutia é uma expressão cultural do povo Mura. Ao dançarmos expressamos nossos sentimentos de acordo com a situação em que estamos vivendo conforme mencionado anteriormente, e assim, as mensagens são transmitidas de modo dinâmico. As atividades agrícolas, pesca, artesanatos, músicas, crenças e hábitos que fazem parte do cotidiano na aldeia Murutinga identificamos também como nossa cultura.

E, como bem nos assegura Thompson (2009, p. 173):

[...] Caracterizei esta visão como a concepção descritiva da cultura, uma concepção que pode ser resumida como segue: a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto de um grupo ou sociedade [...].

Pode-se dizer que a que a Dança da cutia foi criada por nosso povo e serve de instrumento nos movimentos sociais, nas manifestações culturais e bem como, dialoga com a educação Mura. Conforme citado acima, o autor deixa claro que a cultura é toda atividade desenvolvida e praticada de modo significativo pelos indivíduos pertencentes a um grupo. A cultura dá sentido às nossas ações podem ser organizadas de modo significativas e por sistemas simbólicos, exemplo, a dança da cutia, como representação simbólica cultural na Aldeia Murutinga.

De acordo com Geertz (2008, p. 347):

o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos [...]), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos

casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritivos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade.

Conforme citado acima, a abordagem semiótica de Geertz, destaca os significados do que para os problemas de poder e conflitos ao contexto social, de acordo com Thompson (2009), portanto, essa análise demonstra a divergência de pensamento quanto à concepção simbólica da cultura nos escritos de Geertz.

Assim, para Thompson as formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos tanto para os autores (os praticantes da cultura) que são interpretados constantemente por eles no cotidiano, quanto para os analistas (observadores/pessoas não pertencente ao grupo) que buscam por meio da interpretação compreender as características significativas da vida social deste grupo e sua intencionalidade simbólica.

Como bem nos assegura Thompson (2009, p.166) "[...] o foco é o simbolismo: os fenômenos culturais [...] são fenômenos simbólicos e o estudo da cultura está [...] interessado na interpretação dos símbolos e da ação simbólica". Sob essa ótica, ganha particular relevância ressaltar que como significado simbólico a Dança da cutia para os Mura vai além da visão geertziana, pois, seu significado é relativo, pois, os problemas de poder, (aquilo que se pode ou o que se tem o poder de realizar ou fazer); aos conflitos sociais, (as lutas dos movimentos sociais); como também, é relacionado à identificação de lugar de moradia, identificação de cultura e todo esse contexto são interagidos com a educação escolar Mura. Nessa direção, Thompson mostra que os objetos e expressões são significativos em relação à situação, ao momento em que se vivência as ações.

[...] em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. [...] cultura como uma concepção "estrutural", desejo destacar a preocupação com os contextos e processos socialmente estruturados nos quais as formas simbólicas estão inseridas. [...] o que é crucial é a maneira pela qual esta preocupação se liga à atividade de interpretação. A concepção estrutural da cultura é tanto uma alternativa à concepção simbólica, como uma modificação dela, isto é, uma maneira de modificar a concepção simbólica levando em conta os contextos e processos socialmente estruturados [...]. (THOMPSON, 2009, p.181-182).

Sendo assim, as formas simbólicas representa seu poder simbólico. O autor deixa claro que as expressões se tornam significativas em seu modo de produção,

de transmissão e recebimento.

Não é exagero afirmar, que a Dança da Cutia, como minha cultura e minha identidade, com suas formas simbólicas representa um símbolo de poder para o nosso povo da Aldeia Murutinga. Símbolo, pelo fato de sua representatividade cultural para nosso povo, paralelamente, nos representa poder em sua significância cultural e política no meio social, haja vista, que em cada apresentação que a usamos ela tem um significado, uma mensagem a ser dada.

Portanto, a Dança da cutia representa a nossa história, nossa manifestação cultural e como também, as reivindicações nos movimentos sociais. Não restam dúvidas de que durante décadas nossos ancestrais praticavam a dança nos encontros dos fins da tarde. Desta maneira, se dançava a dança, no sentido de brincadeira²⁶.

De acordo Gertrudes da Silva mencionada pelo professor Mura A.S. (2008), "as pessoas da aldeia dançavam ao som de tamborim e gambá [...]", são uma série de danças, cantos, coreografias pertencente à dança da cutia, como: camaleão, papagaio, arara, veado, maçarico, sereia, jacundá, macaco, saracura e da mulatinha (SILVA, 2008).

Com o passar dos tempos a Dança da cutia conquistou novos sentidos, novos significados que contribuíram para o fortalecimento de nossa identidade cultural, tanto para nós como protagonista de uma história de resiliência, quanto para o não indígena que deve reconhecer e respeitar nosso valor cultural.

No sentido de que a Dança da cutia seja nosso símbolo cultural, analisamos o que Bourdieu (1989), aborda sobre o poder simbólico, em que para o autor é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Desta feita, a Dança da cutia é considerada como instrumento simbólico para os Mura, pois a reconhecem como cultura e, como meio de comunicação através da arte, da dança e da música os quais influenciam no fortalecimento da identidade cultural.

Ainda com Bourdieu (1989), o poder simbólico é um poder de construção da realidade, os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social. Nisso, pode-se considerar que, em cada situação em que a Dança da cutia se

²⁶ Brincadeira, os participantes dançam e fazem os movimentos da dança como uma brincadeira de roda imitando os animais conforme as letras das músicas que estão sendo cantadas, assim as crianças aprendem com os mais adultos.

apresenta, como instrumento de comunicação, seus significados são específicos a cada momento social e temporal. Quando se dança na aldeia, tem sentido de brincadeiras.

Nesse entendimento, o professor Mura A.B., 34 anos (2021) fala que “as crianças brincam a dança da cutia aprendendo a nossa cultura da aldeia”. Em concordância, a professora Mura A.B., 56 anos (2022), mãe do professor M..B. discorre que:

Nós ensinamos desde criança bem pequena, desde um aninho, eu tenho uma netinha que ela veio ver uma apresentação aqui (escola) um aninho ela tem, e quando ela chegou em casa ela já dançava, dançava a dança da cutia, eu cantava e ela fazia os movimentos do jeito que os grandes faziam. Então isso, desde pequeno a criança aprende o valor cultural que a dança da cutia é para nós. As crianças começam a me aperrear para dançar, aí começamos com vinte crianças quando demora já temos cinquenta a sessenta crianças todas querem dançar e eles ficam muito animadas para dançar, isso é uma coisa que vamos levando de geração a geração esse tipo de nossa dança.

Nas festas juninas e nos encontros culturais, as apresentações da dança da cutia tem o objetivo em mostrar a cultura para os que a observam. Assim, para o Sr. O.R.B., 86 anos de idade (2021), “a dança da cutia representa a cultura da aldeia e deve ser visto por pessoas de outros lugares como cultura da aldeia”. Logo, para a professora Mura M.A.B., 56 anos (2022), “a dança da cutia é uma cultura dentro da comunidade Murutinga”.

Realmente, a dança da cutia por ser trabalhada na escola a partir das turmas de educação infantil possibilita enraizar a valorização da dança como manifestação cultural no ambiente escolar e fora dele, assim o contato com a dança desde infância fica na memória e quando adulto já tem um alicerce cultural em si.

Já nos movimentos sociais e nos encontros de povos indígenas, se utiliza a dança da cutia como forma de protesto, forma de manifesto, simbolizando resistência a tudo o que representa ameaça aos direitos indigenistas, nisso, a dança da cutia representa um todo, como instrumento de integração social que confronta os reais interesses de outrens.

Nesse sentido, ainda com Sr. O.R.B, 86 anos (2021) declara que, “para o movimento indígena a dança da cutia é um momento de manifestações no caso de luta em prol dos direitos dos indígenas”. Observa-se que nessa narrativa há uma identificação da Dança da cutia com o povo Mura, quando realizam a dança quem

está vendo vão compreender que é a dança dos Mura, mesmo que essa dança seja utilizada também entre outros povos indígenas.

E, na escola, vem com o sentido pedagógico, mostrando aos discentes Mura o quanto a dança é importante para nosso povo em todos os momentos sociais a qual ela se manifesta, no ultimo capítulo deste estudo estará abordado à contextualização da Dança cutia com a escola Mura.

Portanto, torna-se evidente que a dança da cutia é um símbolo cultural, com função social de ser condutora de comunicação, que transmite através de sua manifestação várias mensagens, e em todos os momentos são com objetivos, isto é, ação racional, digo conscientes e cientes do que se quer alcançar tanto a relação afim e a valores como define o autor como ação social racional.

Vê-se, pois, que na aldeia Murutinga a dança da cutia, representa a vida cultural do lugar, quando fora da aldeia, a dança da cutia continua sendo referencial de cultura para os Mura. Logo, é indiscutível o fato que é relevante à interação entre a cultura e a educação escolar no processo ensino e aprendizagem na escola Mura.

2.3 Dança da cutia: minha cultura, minha identidade

Em épocas passadas, datam 1714, os Mura têm sofrido perseguições, por não aceitarem a conversão, e com isso, passam a serem vistos como ameaças para os jesuítas quanto aos estabelecimentos de outras etnias, sua presença às margens do Rio Madeira representava conflitos aos colonos nas épocas de colheita, eram conhecidos como nativos irredutíveis, pois dificultavam a entrada no interior da mata, eram famosos em aterrorizar escravos e trabalhadores do cacau (AMOROSO; FARAGE, 1994).

Desde então, os Mura se adaptam conforme a realidade social para sobrevivência de sua história, como povo indígena que através de suas lutas e resistências cultural têm buscado seu espaço na sociedade, requerendo direitos ao território que aos antepassados foram roubados há décadas.

E, para se entender o tempo presente é necessário conhecer o tempo passado, Nesse viés, segundo Amoroso a Organização social e da territorialidade do grupo étnico colaboraram na construção do inimigo Mura²⁷ estipulando-os assim

algumas características:

A primeira delas é a extrema mobilidade dos Mura na ocupação de um território original - a bacia hidrográfica do rio Madeira. A ação das frentes de colonização que empurraram os Mura até sua última fronteira com a sociedade nacional - o rio Japurá - seria o segundo elemento na caracterização do território expandido. O terceiro elemento seria a 'murificação', instituição pela qual os Mura agregavam outras etnias entre elas negros quilombolas, ciganos e índios destribalizados, ex-catecúmenos egressos das missões católicas (AMOROSO; FARAGE, 1994, p. 25).

Nisso, percebe-se que a identidade é modificada no espaço e no tempo, pois os Mura tiveram que usar de estratégias de sobrevivências nas matas, e ao agregarem outras etnias possibilitou-se produção de novos conhecimentos com outras etnias, misturas de costumes, hábitos. Com isso, a cultura e a identidade estão no processo de transformação contínuo.

Para o sociólogo Hall (2006, p. 13) na concepção de identidade do sujeito pós-moderno:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

A melhor maneira de compreender esse processo é considerar que diferentes momentos, a dança da cutia apresenta diferentes identidades culturais, sendo na escola, nos festivais e nos movimentos sociais, a identidade cultural coletiva é revelada. Conforme citado acima, não se trata de identidade cultural unificada e estável, o autor deixa claro que o sujeito previamente vivido, com experiências está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, seja porque em cada momento da manifestação cultural da dança da cutia, como instrumento de comunicação, têm seus objetivos específicos.

Nisso, a dança da cutia representa nossa cultura tradicional, mediante a isso, os Mura firmam em falar dessa representatividade da dança, como também, de sua influência no fortalecimento de nossa identidade cultural que está interligado à nossa etnia, assim:

[...] quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam [...] (CASTELLS, 2018, p. 957).

Com as características comuns que nos diferem de outros grupos, também nossa história passa pelo processo de mudanças com o passar do tempo. Seria errôneo afirmar, que a dança da cutia não sofreu nenhum impacto de mudanças no decorrer de sua história de existência, como se refere dentro de nós há identidades contraditórias, nos empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, constantemente em mudanças, porém, seu significado simbólico para os mura resiste ao tempo.

Sob esta ótica, ganha particular relevância, conforme Castells (2018, p. 286) "a etnicidade sempre foi um atributo básico de auto-identificação [...], mas porque sempre os outros lembram às pessoas todos os dias que elas também são outras", por exemplo, por cor de pele, língua ou qualquer outro atributo externo.

É interessante, afirmar que na prática, os laços de identificação cultural que a dança da cutia manifesta de forma organizada, no grupo, constitui um movimento em prol dos interesses comuns, e as diferenças externas demarcadores da condição da etnicidade costumam ser intensas e teatralizadas, por exemplo, não por parte dos agentes envolvidos no movimento, mas por aqueles que não fazem parte do mesmo grupo de identificação cultural.

Na visão psicanalítica, para Stuart Hall (2006), nós continuamos buscando a identidade e construindo novas biografias que forma as diferentes partes de nós mesmos, em busca da plenitude, algo fantasiado, nesse sentido:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento Existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada [...]. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade que surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pro outros (HALL, 2006, p.38).

Parece óbvio, conforme explicado acima que a cultura e identidade vivem no processo de mudanças contínuas. A interação, o diálogo entre cultura e educação no espaço escolar Mura na perspectiva de valorizar a rica informação que irão ser

partilhadas em sala de aula ao contextualizar a realidade cultural do aluno Mura no processo de construção de conhecimento.

No entanto, para o Mura O. M.S., 86 anos de idade, (2021), “a dança da cutia podemos dizer que é nossa identidade cultural da aldeia Murutinga”. Para o Mura O.M. a dança da cutia é considerada algo que dá uma identificação ao Mura como cultura, ele assimila a dança da cutia como cultura, o que identifica sua etnia, sua aldeia em qualquer lugar.

Nesse sentido, em uma de suas viagens a professora Mura A.B., 56 de idade (2022) relata:

Lá perto de Borba eu fui para uma reunião lá. Quando cheguei lá o pessoal tava numa apresentação, tive uma pessoa lá que eu não sei quem é dizia que era Mura e dançava a dança da cutia e eu fiquei lá no meu cantinho né e eu vi ele dançando a dança da cutia né é muito diferente, aí o missionário me chamou e disse: aqui tem uma Mura veio da Aldeia Murutinga também dança a dança da cutia, aí ele ficou toda...aí pediram para eu dançar e eu dançei da forma que dançamos aqui né, ele na forma dele, ele dançava a dança da cutia diferente né, aí eu falei: eu moro na Aldeia Murutinga eu acompanho a dança da cutia, eu faço parte do grupo, eu coordeno a dança da cutia, então a gente não dança assim, principalmente como você dança o camaleão, eu falei, você dança o camaleão com as mãos para trás, nós não dançamos com as mãos para trás, nós dançamos ansi a dança do camaleão, cada coisa que você dançou aí, e a dança da cutia não é assim como você está dançando, nem assim e nem assim, porque a cutia ela não come assim, ela agarra as coisas para comer, ela agarra a castanha, o tucumã, ela agarra assim, então nós não dançamos assim, e nós dançamos assim a dança do macaco né. Então eu foi dizendo parte, por parte pra ele como era de cada animal que dançamos, ele ficou todo atrapalhado comigo e eu disse: nunca lhe vi no povo Mura só se o senhor é Mura do outro tipo, Mura Miranhã, de outro povo Mura, por que o Mura que conheço no município de Autazes todos eu conheço. Então, ele dançava a dança da cutia né, de uma forma diferente. A dança da cutia tem um significado para dançar, ninguém dança de qualquer jeito a dança da cutia, ela tem o significado dela pra nós dançar e nós temos a forma dela de dançar, como dançar, para cada tipo de objetivo dançamos a dança da cutia, se eu fosse dançar a dança da cutia aqui (aldeia) eu não iria dançar para um movimento, para a escola que é diferente.

Pela experiência que a professora Mura passou nessa situação, a dança da cutia já saiu de sua aldeia e é usada por outros Muras em outros lugares fora o município de Autazes, por fazer parte da cultura da Aldeia Murutinga a dança da cutia fortalece a identidade cultural dos parentes, em qualquer lugar, dentro do município e fora dele.

Ao ser destacada como Mura da aldeia Murutinga a professora ao ser convidada para dançar a dança da cutia no evento e na oportunidade apresentou a

autenticidade cultural da dança na aldeia, demonstrou que a dança da cutia faz parte de nossa identidade cultural pertencente ao povo Mura do município de Autazes.

Sob o ponto de vista antropológico, os estudos sobre a dança da cutia relacionando-a à identidade cultural e a educação escolar indígena, pode-se dizer que está em processo em andamento, e como atores desse processo é viável as várias discussões sobre as temáticas e como também possibilitar a socialização dos diferentes saberes no ambiente escolar Mura.

3 CAPÍTULO III - CONHECER A DANÇA DA CUTIA E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA MURA

3.1 Aquisição, Organizadores, Instrumentos, Figurinos, Série de danças

De forma geral, a manifestação cultural indígena Mura possibilita gama de informações da realidade e na especificidade de cada aldeia, suas tradições, costumes, sua língua, rituais, arte e sistemas simbólicos são instrumentos eficazes que são inseridos no processo ensino e aprendizagem nas escolas indígenas.

Por este fato, a dança da cutia, como manifestação cultural na aldeia Murutinga se destaca em todos os aspectos, principalmente na contextualização da cultura na escola Mura. Com isso, a escola abre espaço para uma educação escolar fora da sala de aula, e volta-se para a realidade do aluno indígena, buscando o resgate de suas memórias históricas, das diversidades culturais e o fortalecimento da identidade cultural.

Quanto à aquisição da dança da cutia, de acordo com a Mura H.N., mencionada pelo professor Mura A.S. (2008) a dança da cutia foi criada na aldeia Jabuti em 1953, pertencente à Região Careiro e segundo Helena Nunes, sua mãe Nila Nunes contava que ao chegarem para morar na aldeia Murutinga não tinha nada para fazer aos finais de semana, sem nenhuma diversão.

Então, a Mura N.N. como pioneira na época, animava os demais Mura a participarem dos rituais das danças que retrata sobre animais, passando o ensino dos rituais e as músicas das danças de geração a geração até mesmo quando cansada de idade, com isso, os parentes passaram a praticar a dança como forma de brincadeira no fim da tarde na aldeia Murutinga.

Em contribuição, de acordo com o Tuxaua A.B.M., 83 anos (2021) na época que a dança da cutia deu-se início de sua prática na aldeia Murutinga ele também participava, sua tia R. que comandava na direção da dança. Dona G., esposa do P., compadre P. era comadre e prima dele, o mesmo era padrinho de um de seus filhos.

Na compreensão do Tuxaua “a dança da cutia representa nossa cultura indígena essa é uma representação que nós temos, foi criada por uma tia minha e com o tempo foi multiplicando, multiplicando até o que se encontra hoje”. Em seu andamento histórico, a dança da cutia resistiu ao tempo, cresceu em seu significado como símbolo cultural, assim, quando praticamos a dança na aldeia e fora dela fortalecemos nossa cultura de modo específico e diferenciado, firmando sua

representatividade significativa para o nosso povo, quero dizer que, a dança da cutia não se originou em Murutinga, mas também não está somente em Murutinga.

Na década de 90, a dança torna-se bastante conhecida pelos não indígenas, devido suas participações nas festas juninas na sede do município de Autazes, já nessa época tendo como organizador principal o Mura A.B.M., conhecido também como viadinho, o qual estando na aldeia Murutinga trabalhava coletivamente com os demais indígenas valorizando a cultura e a identidade Mura. Ademais, com o passar dos anos, a dança da cutia passou por algumas alterações em seus rituais, não mudando com isso, seu valor cultural para nosso povo.

Nesse viés, para Barth (2005, p.17):

a cultura está em um estado de fluxo constante. Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas.

Para o autor os materiais culturais como tradições arraigadas no tempo não podem ser visto como algo permanente, mas sim em constante movimentação, as mudanças surgirão naturalmente, através das experiências e ações permitidas a vivência.

A partir de 1988 com a sua saída da aldeia Murutinga em mudança para morar em outro lugar, hoje a aldeia Tauari, A.B.M. passa a responsabilidade de comandar a Dança da cutia para a escola na pessoa da professora Mura Amélia Braga que atualmente organiza a dança para apresentação na aldeia e fora da Aldeia Murutinga em encontros de lideranças em outros lugares.

De acordo com o professor A.B.S, 34 anos (2021) “Quando se ouve a batida dos instrumentos é sinal que vai haver algum evento na aldeia, no mês de junho a visita do santo Antonio nas casas, procissão de canoas e reunir o povo para dançar a dança da cutia”. Assim, no mês de junho em festas juninas na aldeia dançam ao som de tamborim e gambá, durante três dias seguidos de festas. Quando é necessário, esquentam no fogo o couro de veado revestido nos batuques para esticar, melhorando assim o som do instrumento.



Figura 3 - Desenho do Tamborim e Gambá feito por professores Mura.
Fonte: google imagens.



Figura 4 - Couro de veado no tamborim sendo esquentado no fogo.
Fonte: autora, 2022.

O processo de confecção dos instrumentos que são utilizados na dança dá-se da seguinte maneira: Tamborim – é preciso um pedaço de tora de madeira de cupiuba, tendo no mesmo um buraco pequeno. A parte mais interessante no decorrer da produção do tamborim é a utilização de um pedaço de ripa para apertar o couro do veado junto com um pedaço de cipó.

Posteriormente, no toque final, usa-se miçangas em um pedaço de corda e amarra-se atrás do tamborim, fazendo com que a batucada fique mais forte. Gambá – Se pega uma tora de pau com um buraco grande e oco por dentro, depois, coloca-se o couro de veado no buraco grande para dar o toque da batida.

A arte de pintar o corpo também faz parte do ritual da dança da cutia - Os

produtos naturais servem de recursos para se pintarem, como, semente de urucum, jenipapo verde, carvão.

Para M.F.R., 79 anos (2021) esposa de A.P.M., conhecida como matadora de onça no Ramal do Novo Céu, hoje é estrada de Novo Céu “o índio gosta de cor encarnado. O Mura não usa pintura comprada, coisas prontas, prefere usar o urucum para pintar. Além de servir para pintura corporal o urucum serve para tempero, o coloral”.

Assim, o urucum é o produto principal que se utiliza para fazer as artes no corpo e são os adultos que pintam as crianças e se pintam entre si, por ser uma cor forte e que se destaca dentre outras cores. De modo coletivo se organizam para dançarem demonstrando sua arte, como também, sua cultura. Como, D.M.F.R., 78 anos, esposa do tuxaua A.M. aldeia Tauari – Debulhando urucum para produzir coloral de modo artesanal.



Figura 5 - Urucum
Fonte: autora, 2022.



Figura 6 - Dona M.F.debulhando o urucum para fazer o coloral, tempero típico do povo Mura.
Fonte: autora, 2022.



Figura 7 - Tuxaua A.B. M. e esposa dona M.
Fonte: autora, 2022.



Figura 8 - Crianças sendo pintadas com urucum.
Fonte: autora, 2022.

No mais, os figurinos são produzidos pelos próprios brincantes e as vestimentas são saias de malva grandes ou pequenas colhidas na mata; saia de envira da casca da castanheira; sutiãs feitos de cuia e malva; sutiãs feitos de palha de tucumã; sutiãs feitos de malva e semente de lágrima de santa lúzia e tento; brincos de caroço de tucumã, colares de sementes de morototó e seringa; tornozeleiras e braceletes feitos de malva e pena/papelão e pena; pulseiras de caroço de açaí, morototó, pena de arara e galinha.

Além do figurino, para a produção de acessórios, utiliza-se: cocar - semente de morototó e pena de arara; chapéu - palha branca e pena de galinha; chapéu de papelão e pena de galinha; cocar de tala da palha preta e pena de arara; cocar de

tala de buritizeira e pena de arara ou de galinha.



Figura 9 - Chapéu, colar, cocar e enfeites da dança da cutia.
Fonte: autora, 2022.

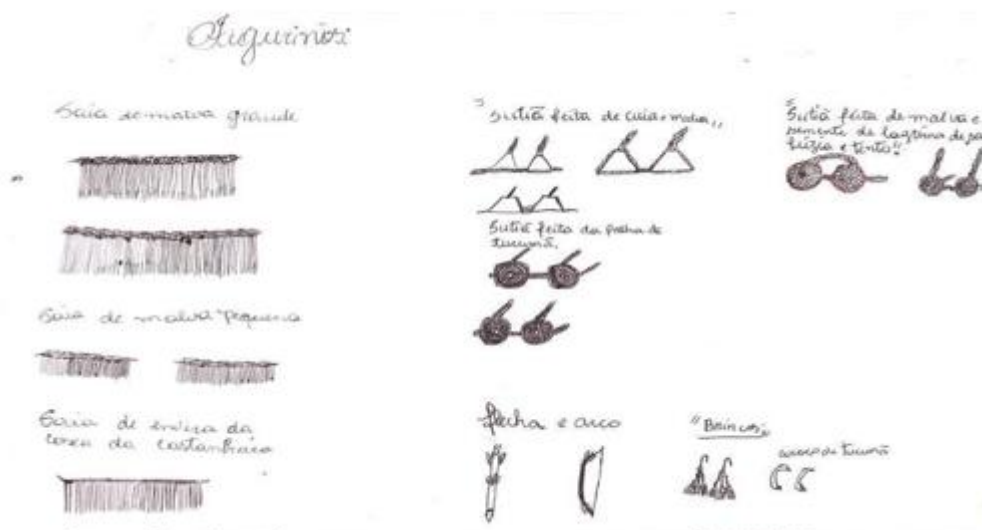


Figura 10 - Saia, sutiã, brinco/ flecha e arco.
Fonte: autora, 2022.

A confecção do figurino é produzida pelos próprios brincantes e familiares. Com inspiração na representação de cada animal citado nos cantos, os parentes buscam produzir suas vestes com matéria prima retirada muitas das vezes da própria natureza e de animais silvestre. Ao concluírem suas apresentações, os parentes guardam suas vestes e demais utensílios dentro de sacos plásticos garantindo a

durabilidade e proteção contra insetos.



Figura 11 -Figurinos da Dança da cutia, Feminino e Masculino.
Fonte: autora, 2022.

Atualmente, a Dança da cutia se destaca nos festivais folclóricos, nos encontros de lideranças e outras aldeias, como também, se apresentam nos movimentos sociais, em cada momento tem seu significado. A dança da cutia diversifica com a expressão corporal distinta com o canto que está sendo cantado, os vários cantos, representam animais e seus movimentos, por exemplo, a dança do macaco, dança do jacaré-açú, dança do carão, dança do papagaio real, dança do quatipuru, dança da onça, dança arrebancerebandô, dança atira mulata atira, dança do cachorro, dança do tamacuaré, dança do camelão e a canção da dança do veado, são cantos que valorizam a fauna da região. “A dança da cutia é uma brincadeira, serve de diversão – eu sou o pajé que faz a cura do macaco na dança do macaco quando ele morre, é muito divertido, pois as crianças não conseguem ficar sem rir e nós adultos rimos devido às crianças rirem”. M.F.R., 79 anos (2021).

Então, a gestualidade, o movimento do corpo, no balanço pra lá e pra cá e mexendo com os braços e as mãos fazendo movimentos característicos de acordo com a cantoria de cada música significam a um animal. Isto é, cada dança se refere ao próprio animal. A duração da dança é de aproximadamente dez a quinze minutos cada uma.

E, enquanto que uns dançam, outros costumam comer massa assada, pé de moleque, chibé ou jacuba assistindo os parentes brincar. Percebe-se que a Dança

da cutia ela não ser restringe somente a aldeia Murutinga, ela também é dançada em outros lugares fora da aldeia Murutinga, por indígenas e/ou não indígena.

Nesse sentido, o tuxaua A.M. utiliza a Dança da cutia nas atividades culturais na aldeia Tauari. Mas, assim como ele, os demais aldeados reconhecem que a dança da cutia é pertencente e representa a cultura da aldeia Murutinga. Assim também, na escola estadual Novo Céu a qual estou gestora, estudantes não indígena apresentaram dançando a Dança da cutia como dança folclórica da região, tarefa esta, foi solicitada na 1ª Gincana estudantil/2021 do dia do estudante: Apresentar uma dança folclórica da região do Autaz-Mirim.

Mediante ao exposto, é de suma importância que o professor Mura utilize a realidade social e cultural na proposta curricular e nos planejamentos da escola Mura, que valorizem essas realidades no fazer docente comprometido com a educação escolar indígena, como também, na preparação de materiais pedagógicos e paradidáticos, conduzindo o processo educativo dinamizado e significativo, pois o professor Mura estará aprofundando seus conhecimentos naquilo que para eles se torna comum por fazer parte do seu cotidiano.

3.2 Dança da cutia na escola Mura

3.2.1 O processo de inclusão da Dança da cutia na escola Mura

Para nosso povo é importante os ensinamentos tradicionais e a preparação da criança Mura para a vida adulta aprendendo a desenvolver os hábitos cotidianos e adquirindo sua autonomia, tais como, participar na pescaria, na caça e na plantação; ir à escola, calçar e tirar o calçado; vestir e tirar a roupa; fazer artesanatos, pentear e marrar os cabelos; lavar as mãos; tomar banho, escovar os dentes; arrumar e tirar a mesa para as refeições; lavar louça; escamar o pescado e limpar a caça; tomar benção dos mais velhos; participar de jogos, brincadeiras e danças. Em tudo isso, a escola mura proporciona.

Uma vez identificada e reconhecida como manifestação cultural da Aldeia Murutinga como antes citado no capítulo anterior, a Dança da cutia se tornou para meus estudos o foco principal para se trabalhar a contextualização da realidade local, do cotidiano do estudante Mura com o processo educacional na escola a qual este estudante está inserido.

Para isso, foi necessário no período do curso de graduação em Pedagogia Intercultural como antes mencionado no subtópico na Introdução “Minha trajetória de vida acadêmica na Aldeia Murutinga” realizei no período de estágio de observação sem poder interferir na prática didática do professor Mura em sala de aula na Escola Indígena Municipal Manoel Miranda na Aldeia Murutinga, apenas fazendo anotações e registros de como se realizava o processo ensino e aprendizado em sala de aula de Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental.

E logo, como o estudante absorvia o resultado deste processo, assim, como recurso de coleta de dados o meu caderno de campo era específico para entregar as crianças para fazerem suas atividades escolares, o objetivo das observações era conhecer os conteúdos trabalhados em sala de aula e analisar se o currículo proposto estava alinhado à realidade cultural da aldeia e posteriormente, orientar os professores a importância de valorizar a cultura local na escola realizando um trabalho pedagógico voltado para a contextualização de ambas as realidades, estudante e escola, em um processo diferenciado e específico da educação escolar indígena.

A seguir apresentarei três casos como exemplos da turma do 2º ano do Ensino Fundamental, os nomes das crianças serão identificados por letra do alfabeto:



Figura 12 -Caso 1- aluno “A”.
Fonte: autora, 2022.

Caso 1 – No texto acima na turma do 2º ano “A” relativo à disciplina de Língua Portuguesa “A barata na careca do vovô”, este estimulou a oralidade e participação integral da turma na execução das atividades. Depois de copiar o texto no quadro

branco, a professora pediu que as crianças escrevessem nos seus cadernos e desenhassem a casa do vovô.

Em seguida, realizou a leitura grupal e posteriormente, fazia perguntas aos alunos sobre o texto, interpretando-o e utilizando a técnica de perguntas e resposta. Além disso, possibilitou um momento em que alguns alunos se referiam aos seus avós, aos velhos da aldeia e que esses devem ser respeitados pelos mais jovens. A criança mura com muito esforço escreveu o texto que estava no quadro branco, correspondendo às minhas expectativas, no sentido de registro de investigação.

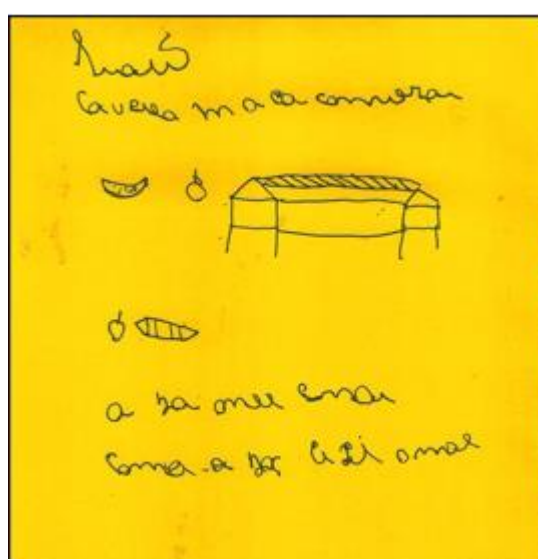


Figura 13 - Caso 2 – Aluno “B”.
Fonte: autora, 2022.

Caso 2 - Em análise, no próximo texto e o desenho no quadro branco feito pela professora do 2º ano “A”, possibilitou a compreensão da turma sobre o contexto da estória. A professora mura solicitou que os estudantes fizessem a cópia do texto em seus cadernos, realizando, posteriormente, a leitura coletiva. O estudante que estava fazendo suas atividades no meu caderno de campo chamou a atenção dos coleguinhas que ficavam próximos a ele, e o observavam fazer sua atividade no meu caderno, pois havia folhas de cores variadas para melhor dá destaque no material que eu estava coletando.



Figura 14 - Caso 3 – Aluno “C”.
Fonte: autora, 2022.

Caso 3- Ainda na turma do 2º ano “A”, a criança “C” se prontificou a escrever no meu caderno de campo. A estudante Mura retirava de seu caderno as atividades já copiadas do quadro branco de Língua Portuguesa relativa à escrita e leitura de palavras soltas relacionadas à realidade cotidiana mura, como nome de animais, frutas, objetos e outros. A professora Mura também solicitou que as crianças criassem frases com alguma palavra que estava no quadro e, posteriormente, escrevia no quadro as frases elaboradas pelos colegas e, conseqüentemente, realizava a leitura das mesmas.

O conhecimento prévio das crianças Mura permitiu que elas formulassem hipóteses sobre o que os textos apresentados estavam tratando, a formulação de hipóteses foi importante, pois as auxiliou a monitorarem constantemente suas compreensões uma vez que a estória usada, palavras e frases pela professora em sua aula não eram novidades para a turma em sala de aula.

É nesse sentido, do conhecimento prévio do estudante que se possibilita o professor contextualizar temas transversais no processo educativo em sua aula. Uma vez que, a legislação federal, garante que a Educação Escolar Indígena proporcione também aos povos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; garantindo mais, o acesso às informações e conhecimentos. Dentre estes temas transversais, a seguir em destaque de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), (1998, p, 87):

Terra e conservação da biodiversidade, auto-sustentação, direitos, lutas e movimentos, ética indígena, pluralidade cultural e educação e saúde que formam a base do projeto político que sustentará a construção curricular nas escolas indígenas brasileiras. Apresentados de forma simplificada, os temas são explicados em sua importância e atualidade. No entanto, são os professores, em acordo com suas comunidades, ao discutir seu projeto educativo e a programação curricular de suas escolas, que vão relacioná-los aos conteúdos de estudo nas áreas, tornando a aula mais prazerosa e adequada aos interesses dos seus alunos.

Esclarecendo que, cada escola indígena elabora seu Projeto Político e Pedagógico (PPP)²⁸. Então, uma vez contextualizado o conhecimento prévio da criança Mura na escola favorece o aprendizado de modo significativo, descomplicado, pois se utiliza no processo ensino e aprendizagem temas que para as crianças Mura faz parte de seu cotidiano, assim, a Dança da cutia se tornaria não conteúdo novo na escola, mas, a ação didática do professor direciona a obtenção para o estudante mais informações e a construção de novos conhecimentos referente à Dança da cutia que até o momento não estava inserido na proposta curricular da escola Mura.

Mediante as observações tanto do fazer didático e pedagógico do professor Mura e como também a reação dos estudantes quanto à aceitação dos conteúdos trabalhados, em reunião pedagógica com os professores em discussão e análise quanto à valorização da cultura local, enraizar e fortalecer a nossa identidade cultural na escola, todos reconheceram a riqueza de informações de se trabalhar a Dança da cutia no processo educativo e enfatizar sua contribuição na interação de conhecimentos e ensinamentos tradicionais na proposta curricular da escola mura, então, surge o Projeto Interdisciplinar “Minha cultura, minha identidade” proposto em sua perspectiva educacional que objetivava a possibilidade de conduzir para o âmbito escolar a manifestação cultural presente na aldeia tanto na teoria quanto na aula prática.

Mas antes, é preciso que o professor Mura no momento do planejamento tenha consideração as seguintes etapas: A *realidade* – realizar sondagem da escola, da comunidade que temos; a *finalidade* – estudar o tipo de escola que queremos; e a *mediação* – como contextualizar a escola que queremos (incluir a Dança da cutia)

²⁸ Bases legais: Constituição Federal (Artigos 206, 210 e 231), LDB (Artigos 3º, 12,13, 14, 15,23, 24, 26, 78 e 79). Está garantido na LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes Bases) a elaboração do PPP da escola, mas são os sujeitos da escola que garantem a sua realização. Plano Nacional de Educação (Objetivo 8º), Resolução03/CNE sobre Diretrizes Curriculares Nacionais (Artigos 1º, 3º, 5º, 8º e 10) e Convenção 169/OIT (Artigo 27).

com a escola que temos.

Ao pensar a escola Mura como educação diferenciada e específica valorizamos e fortalecemos nossa cultura, nosso saber visando à escola como ponto fundamental para desenvolver desde infância até a idade adulta a autonomia do nosso povo, como é primordial definirmos os objetivos e a função da escola Mura em relação à Dança da cutia, como manifestação cultural da aldeia, bem como, a análise das estratégias de ação didática e pedagógica que queremos alcançar através das letras da Dança da cutia, como recursos paradidáticos em sala de aula.

Então, para que fiquem enraizados todos os ensinamentos tradicionais de nosso povo, devemos procurar conhecer a nossa realidade em todos os aspectos, definirmos as finalidades e mediar o processo didático e pedagógico da escola Mura para alcançarmos o resgate de nossas memórias históricas, como também, o fortalecimento de nossa identidade cultural, através da escola Mura que queremos.

Não esquecendo que, o planejamento é flexível, com a possibilidade de constantes mudanças e adaptações conforme a realidade do momento, da situação que a escola e a comunidade Mura estar passando, podendo ser contextualizado com os acontecimentos atuais.

À luz da sociologia da educação, para Forquin (1993, p. 167), “a escola é também mundo social, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos [...]”.

O sociólogo traz a contribuição para os fatores sociais, políticos e culturais que influenciam na seleção, estrutural e transmissão dos saberes escolares, como também a autonomia da escola em trabalhar a proposta curricular diferenciado, no caso da escola Mura a pedagogia intercultural, com isso, a escola não pode ignorar os aspectos contextuais da realidade do aluno.

Em campo, deparamo-nos com o Mura Raimundo São Paulo morador da Aldeia Murutinga, ele cantou a música da dança da cutia, e das outras que fazem parte da série de danças do objeto em pesquisa, as quais foram gravadas em mídia, logo, depois de escritas em Língua Portuguesa, convidamos o professor E.M.B, professor em Linguística para traduzir os textos em Nheengatú, pois na aldeia os professores não se sentiram seguros em fazer a tradução por não terem habilidade na fala e nem na escrita da língua nativa. E os mais idosos não estavam dispostos a fazer.

Segundo Pereira, (2009, p.11), os Muras atualmente não falam mais a língua Mura e nem a língua geral (Nheengatú). De acordo com os relatos da professora M.A.B., 66 anos, (2022):

Foi feito uma pesquisa da dança da cutia para poder a gente traduzir aonde nós encontremos aqui na aldeia vários Muras falando umas línguas diferentes aí confundiu muito a cabeça da gente, por que a minha vó ela falava uma língua, a dona Nila que elas eram muitas antigas ela já falava outra língua. A minha vó dizia que aquela língua que ela falava era a língua geral, a gíria, essa língua que a Nila fala é gíria é língua geral ela dizia assim. E já a minha vó ela dizia eu já não falo, eu não entendo o que ela fala então a velha Nila dizia: puranga ara e a minha vó já dizia puranga ara que hoje a gente sabe que o Nheengatú que é a língua geral que falavam o Nheengatú [...] então juntamos esses tipos de línguas essas duas velhas elas falavam línguas diferentes, mas minha vó dizia que a língua que ela falava era a língua dos antigos dos Mura daqui da aldeia, agora a gente não sabe por que dona Nila falava outra língua [...].

Este processo de perda da língua foi lento e gradual. Portanto, a contextualização das realidades do estudante com a realidade escolar indígena deve ser considerada o *elo* entre a teoria e a prática no fazer didático em busca de resgatar as memórias históricas sociocultural do povo Mura.

Assim, é por meio da linguagem que as identidades são construídas e que a inserção social ocorre, de modo que o ensino da oralidade e da escrita assume centralidade no processo educativo, sendo, portanto, o meio de constituir subjetividades, fortalecer e construir identidades, estabelecer interações e integrar conhecimentos oriundos de diferentes esferas de interlocução, sobretudo a do mundo da arte e da ciência e, no âmbito desta, das diferentes áreas de conhecimento, para isso, precisamos analisar com olhos críticos os modos como o trabalho pedagógico vem sendo organizado na escola Mura.

Com esse olhar crítico observamos a riqueza de informações que as músicas da dança da cutia estarão contribuindo no processo educativo escolar, e proponho a utilização destas em montar uma cartilha com as letras das músicas produzindo-as e utilizando-as como textos paradidáticos em Língua Portuguesa e Nheengatú na sala de aula, possibilitando assim, a interação de conhecimentos professor/estudante; estudante/professor; estudante/estudante e professor/professor, possibilitando com essa ação a tão ideia da contextualização de realidades e a interdisciplinaridade da antropologia com outras áreas de conhecimento. A seguir a proposta de textos como recursos paradidáticos para se trabalhar a leitura e escrita com o estudante na

escola Mura.

DANÇA DA CUTIA Akuti Murasi

Cutia, cutia, cutia
akuti, akuti, akuti
Lembrança pra tua tia
Kuekatu né tia supé (4x)

Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuit uya
Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuti uya

Porque esse gambá nunca pára de bater
Marã ta kua mikura ti upitu unupá
Porque esse gambá nunca pára de bater
Marã ta kua mikura ti upitu unupá

Cutia é o bicho do mato é um bicho corredor.
Akuti nhaã kaapura ugustari waá uyana
Cutia é o bicho do mato é um bicho corredor
Akuti nhaã kaapura ugustari waá uyana

Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé

Au, au, au, au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé Au,
au, au, au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé.



Figura 15 – Cutia.
Fonte:



Figura 16 - cunhantã do Murutinga.
Fonte: autora, 2022.



Figura 17 - Dança do cutia.
Fonte: autora, 2022.

DANÇA DO MACACO Makaku Murasi

A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.

Pakuwa itawá uiku, te rexari macaco uú.

A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.

Pakua itawá uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer. Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer. Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer.

Abiu puranga uiku, te rexari macaco uú.

O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer.

Abiu puranga uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.

Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer. Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco comer.

Ingá itawaá uiku, te rexari macaco uú.

O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco o comer.

Ingá itawaá uiku, te rexari macaco uú

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.

Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.

Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.



Figura 18 - macaco/banana.
Fonte: autora, 2022.



Figura 19 - Índio Mura.
Fonte: autora, 2022



Figura 20 - Dança do macaco.
Fonte: autora, 2022.

DANÇA DO JACARÉ AÇU

Yakaré wasú murasi.

Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu
Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré
wasú

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis
Tasenui yakaré coroneu ta tempu.
Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis
Tasenui yakaré coroneu ta tempu.

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu.
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama
yakaré wasú
Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu.
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
a senui yakaré tinkanga tempu
Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu Açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyerdama yakaré wasú.
Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu Açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

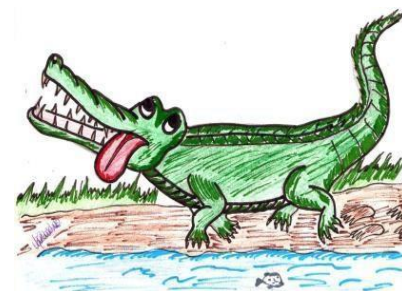


Figura 21 - Jacaré açu.
Fonte: autora, 2022.



Figura 22 - Dança do jacaré-açu.
Fonte: Meireles.

DANÇA DO CARÃO

Carão murasi

Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Quebra a asa do carão dois carão, dois carão
Rempena carão pepu mukuim carão, mukuim carão
Quebra a perna do carão dois carão, dois carão
Rempena carão pepu mukuim carão, mukuim carão

Dois é dois carão, dois carão, dois carão.
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão,
mukuim carão

Quebra um bocadinho carão, dois, carão, dois carão
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Pula um bocadinho carão, dois carão, dois carão
Carão repuri mirim, mukuim carão, mukuim carão
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Quebra a asa do carão, dois carão , dois carão
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Pula um bocadinho carão, dois carão, dois carão
Carão repuri mirim, mukuim carão, mukuim carão
Quebra um bocadinho carão, dois, carão, dois carão.
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão



Figura 23 - Carão.
Fonte: autor, 2022.



Figura 24 - Dança do carão.
Fonte: autora, 2022.

PAPAGAIO REAL

Parawá

Quem me ensinou a falar foi o papagaio real
 Awá umbué akuntari nhã parawaá
 Quem me ensinou a falar foi o papagaio real.
 Awá umbué akuntari nhã parawaá

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora
 Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
 Awá umbué awitá nhaã piramiri paranã turusu wara
 Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
 Awá umbué awitá nhaã piramiri paranã turusu wara

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora Foi, foi, foi,
 girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia

Awá umbué ayana nhaã Masarikua
 Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia
 Awá umbué ayana nhaã Masariku

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora
 Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a falar foi o papagaio real Awá umbué akuntari nhã
 parawaá
 Quem me ensinou a falar foi o papagaio real. Awá umbué akuntari nhã
 parawaá

Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora
 Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora
 Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia. Awá umbué ayana masariku
 praia wara.



Figura 25 - Papagaio Real.

Fonte: autora, 2022.



Figura 26 - Dança do papagaio real.

Fonte: Meireles.

Os textos paradidáticos propostos possibilitará a escola Mura material didático para trabalhar em sala de aula em todos os níveis de ensino. A Dança da cutia é uma realidade cultural que faz parte do cotidiano da aldeia, não se separa a manifestação cultural das ações política e sociais do Murutinga, em todos os momentos a Dança da cutia está presente.

Reproduzo a fala da Dr^o A.F.M.S., (2022): “a origem não é Murutinga, mas, ela não está mais só em Murutinga”. Com essa frase é permitido observar que a dimensão do estudo sobre a dança da cutia foi além do que eu esperava, estudo este que não posso dizer que está findado pois sempre é possível descobrir o quanto a dança da cutia tem seus significados independente em que lugar ela é apresentada, tanto pelo próprio povo Mura quanto a outro povo, dentro ou fora da aldeia.

CONCLUSÃO

É fato, a Dança da cutia saiu dos limites da aldeia Murutinga, não se tem mais o controle de suas apresentações a fora, a Dança da cutia já é conhecida entre outros povos e quem sabe, em outras nações, uma coisa é certa, o resultado final deste estudo também é uma conoa para conduzir a Dança da cutia pelos rios do nosso Amazonas e em cada parada nas margens do rio, nas aldeias vizinhas, nos municípios vizinhos e cidades pequenas e grandes, estados e capitais, a Dança da cutia vai marcar memórias e por onde passar todos a conhecerão e saberão de sua resiliência histórica.

Assim, espero que os resultados do estudo desta dissertação sirvam de apoio na elaboração do planejamento curricular da escola indígena Mura e que contribua no atendimento dos anseios e dos interesses da Aldeia Murutinga e da Escola Indígena Manoel Miranda no processo ensino e aprendizagem significativo, crítico e analítico, no intuito de fazer a prática docente experimental, contextualizando com a cultura, a língua e a valorização da identidade indígena, sem perder o foco de seus anseios educacionais tendo como norte o RCNEI.

Além disso, pode servir como base do diálogo coletivo, do replanejamento, da análise e reorganização curricular para reflexão pedagógica em todos os setores institucionais envolventes nas práticas da educação escolar indígena Mura no município de Autazes-Am, pois, pela ação coletiva que a escola Mura se fortalece. A escola Mura visa em atentar às necessidades específicas da aldeia no ambiente escolar, como também busca planejar a médio e a longo prazo, com o objetivo de construir a identidade própria da escola que chamamos de PPP, pois no PPP o planejamento, execução e avaliação de todas as ações da escola Mura estão inseridos, podemos afirmar então, que o PPP é um instrumento de luta e organização de uma instituição educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mura quando busca crescer profissionalmente e intelectualmente fortalece sua identidade intercultural, com isso, já não é mais somente Mura, mas por assumir acaba sendo parte de outras identidades: língua portuguesa, tecnologias e profissões, assim, nos prepararamos para acompanhar às evoluções científicas e tecnológicas que acontecem no nosso meio.

É preciso, portanto, que todos os que fazem parte desta luta por uma educação escolar indígena, tenham consciência de que as atitudes, providências organizacional dos currículos, acompanhamento direto aos professores Mura, aos estudantes, a família da aldeia e, principalmente os trabalhos pedagógicos em orientação escolar, devem olhar a educação escolar como experimentação conduzindo nosso povo para a formação continuada, buscando alicerce em nossos direitos constitucionais, como também, protagonistas principais na construção de uma nova história desta nação.

Portanto, para os Mura que lutam e enfrentam tudo aquilo que analisam como risco futuro à segurança de uma vida mais saudável de sua família e do coletivo quanto aos impactos sociais e ambientais causados pelo Projeto Potássio Autazes, resistirão até o último sangue para continuar a existir. Afinal, o protocolo de consulta serve para isso, para que todos estejam alinhado a qualquer decisão.

Com a chegada da mineradora em Autazes trouxe muitos reboliços de interesses primeiro dos lucros financeiros, então, os discursos políticos de trazerem benefícios para os aldeados, municípios com promessas de empregos e a ilusão do baixo desemprego na cidade de Autazes gerou esperanças às autoridades políticas partidária, mas, antes de tudo, o povo Mura está sendo consultado, através do nosso Trincheiras: Yandé Peara Mura – Protocolo de Consulta do Povo Mura os encontros nas aldeias estão sendo realizados da melhor forma possível, as lideranças discutem e analisam o futuro de nosso povo.

Para isso acontecer foi necessário a unidade do povo Mura de Autazes e do Careiro da Várzea em um único objetivo na elaboração do Protocolo de Consulta do Povo Mura e através desse protocolo a lei nos dar a garantia de sermos consultados e a empresa Potássio do Brasil até o momento está respeitando a legislação brasileira, estão seguindo os trâmites que foram impostos a empresa. Por conta da

suspensão do licenciamento ambiental que por seis meses até a deflagração²⁹ do procedimento do povo Mura, os trabalhos da empresa está considerada paralisada enquanto isso.

Contudo, surge o Movimento Popular Silvinita Autazes por parte dos não indígenas que se mobilizaram para se manifestarem apoio ao Projeto Potássio Autazes defendendo a ideia do progresso para o município, para os comércios, geração de emprego e renda a população principalmente o de baixa renda, defendem os benefícios que a empresa Potássio do Brasil trará para o município.

Com isso, a câmara municipal cria uma Comissão de Meio Ambiente, Minas e Energia como representação dos apoiadores ao Projeto Potássio Autazes, reunindo a população e representantes de instituições municipais, estaduais e Conselho Indígena Mura para discussão sobre a temática e esclarecimento sobre o andamento do processo do Protocolo de Consulta com o povo Mura.

A escola Mura como instituição e junto às lideranças e comunidade escolar buscaremos o reconhecimento legal da dança da cutia como patrimônio imaterial, assegurando-a como manifestação cultural específica da aldeia Murutinga. A ideia do registro em cartório é importante no sentido de proteger o direito autoral, mas é importante fazer uma reflexão mais além sobre isso e pensar que não se trata de um bem individual mas se trata de um bem imaterial e coletivo, esse registro em cartório em casos especial para um proteção face o uso por pessoas ou empresas comerciais ou até pesquisadores maus intencionados em relação ao material, mas isso não é o suficiente pensando nas finalidades do patrimônio imaterial que foi pesquisado.

Então, propõe-se seguir o caminho mais seguro e o mais correto: solicitar o tombamento via Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), para tanto, depois de reunir as lideranças da aldeia e comunidade escolar elaborar e encaminhar a correspondência à Superintendência do IPHAN do estado do Amazonas, ou à Presidência do IPHAN, e caso for necessário encaminhar até ao Ministério da Cultura.

A complexidade de desenvolver esse estudo e logo dissertar foi evidenciada ao longo da investigação na pesquisa de campo, “como trabalho científico, eu sei que ele está cheio de imperfeições e lacunas” devido à pandemia dificultou muitas

ações propostas para ser realizada em campo.

Este estudo revela o elo de conhecimentos e fortalecimento da cultura via educação escolar indígena que permite o contínuo estudo que realizei na aldeia Murutinga em aprofundar o conhecimento das manifestações cultural em destaque a Dança da cutia permitindo o respeito às práticas próprias de conhecimento da realidade do estudante, o qual não é um mero espectador, sendo o interlocutor da construção do seu próprio saber, com sua visão crítica, possibilitando ser uma pessoa participativa, autônoma, reflexiva e protagonista de sua própria história.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, M R, FARAGE, N. (orgs.). **Relatos da fronteira amazônica**: Alexandre Rodrigues Ferreira e Henrique João Wilckens. São Paulo: USP/NHII; FAPESP, 1994.

AMOROSO, M. **Presença Mura na Amazônia**. Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil ISA - Instituto Socioambiental, 2009.

AMOROSO, M.R. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/mura/print>. Acesso em: 21 de ago. 2021.

AMOROSO, M.R.; FARAGE, N. (orgs.). **Relatos da fronteira amazônica: Alexandre Rodrigues Ferreira e Henrique João Wilckens**. São Paulo: USP/NHII; FAPESP, 1994.

AZEVEDO, R.V. **Território dos “Flutuantes”**: resistência, terra indígena Mura e mineração de potássio em Autazes (AM). 2019. 299 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2019.

AZEVEDO. A.M.M. **Educação escolar indígena Mura e a orientação pedagógica para a proposta curricular da escola municipal indígena Manoel Miranda**. Pedagogia Intercultural; Autazes-Am: UEA/PROIND, 2004.

BARTH, F. Etnicidade e o conceito de cultura. Tradução: Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, n. 1, p. 2, 1995.

BENEDICT. R. **Padrões de Cultura**. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. (Coleção Antropologia). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

BOAS F. **Antropologia cultural/Organização** e tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2004.

BOURDIEU. P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil. S.A. Rio de Janeiro, 1989.

BOURDIEU. P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

BRASIL. Decreto Nº 8.072, de 20 de junho de 1910. Cria o Serviço de Protecção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais e aprova o respectivo regulamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8072-20-junho-1910-504520-publicacaooriginal-58095-pe.html#:~:text=Cr%C3%AAa%20o%20Servi%C3%A7o%20de%20Protec%C3%A7>

%C3%A3o,e%20aprova%20o%20respectivo%20regulamento. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRASIL. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Disponível em:<http://funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 3.454, de 6 de janeiro de 1918. Fixa a despesa geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil para o exercicio de 1918. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=3454&ano=1918&ato=b8b0TUq1keBpWT66c>. Acesso em: 08 jan. 2023

BRASIL. Portaria Interministerial n.º 559, de 16.04.91. Disponível em: <https://cimi.org.br/2004/06/21816/>. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília:MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais) em 20 de junho de 1910, de acordo com o Decreto n.º 8.072. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/rondon/principios-criacao-da-spiltn.jsp>. Acesso em: 18 aug. 2021.

CASTELLS. M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. Recurso digital. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FORQUIN, J.C. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRIAULE, M. **Dios de água**. 3. ed. Fata Morgana, 1996.

HALL. S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução:Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL. S. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik Organizadora. Belo Horizonte Editora UFMG, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. (Antropologia Social). Ed. Zahar, 1986.

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. California, Stanford University Press, 1967.

MAPA DE CONFLITOS. **Índios Mura aguardam demarcação oficial de suas terras**. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/am-indios-mura-aguardam-demarcacao-oficial-de-suas-terras/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

MELO, J.R. **A política indigenista no Amazonas e o serviço de proteção aos índios: 1910-1932**. 2007. 233 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

OLIVEIRA, J.P. Pluralizando Tradições Etnográficas: Sobre um certo mal-estar na Antropologia. **Cadernos do LEME, Campina Grande**, v. 1, n. 1, p. 2-27, 2009.

OLIVEIRA. R. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

PELS, Peter; SALEMINK, Oscar (Ed.). **Colonial subjects: essays on the practical history of anthropology**. University of Michigan Press, 1999.

PEREIRA, J.C. Educação e cultura no pensamento de Franz Boas. Ponto-e-Vírgula: **Revista de Ciências Sociais**, n. 10, 2011.

PEREIRA. M.L.C. **“Rios de Histórias”**. **Guerra, Tempo e Espaço entre os Mura do Baixo Madeira (AM)**. Brasília/PPGAS/UnB, 2009.

PETRONOTICIAS. **Petrobrás inicia venda de mina de potássio adormecida, em função da crise dos fertilizantes**. Disponível em: <https://petronoticias.com.br/petrobras-inicia-venda-de-mina-de-potassio-adormecida-em-funcao-da-crise-dos-fertilizantes/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

ROSHA, J. Mais um líder indígena é ameaçado de morte em Autazes. **Combate Racismo Ambiental**, 18 jul. 2013. Disponível em: <http://goo.gl/w1KF7Z>. Acesso em: 09 jan. 2023.

SANTOS, A.F.M. **Conflitos fundiários, territorialização e disputas classificatórias**. Dissertação (Mestrado em Ciência Farmacêuticas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SCOPEL, D. **Saúde e Doença entre os índios Mura de Autazes (Amazonas): processos socioculturais e a práxis da auto-atenção**. 2007. 146P. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA. A.G. [et al]. **Aldeias Indígenas Mura**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008. p. 231-232.

THOMPSON. J. R. **Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 2009.

TRINCHEIRAS: Y.P.M. **Protocolo de Consulta e Consentimento do Povo Indígena Mura e Careiro da Várzea, Amazonas.** Instituto Pacto Amazônico, 2019.

TYLOR, E.B. **A ciência da cultura.** In: CASTRO, Celso. Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Textos selecionados, apresentação e revisão, Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

WIKIPEDIA. **Murutiing.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Murutinga>. Acesso em 16 jan. 2021.

APÊNDICE A: CARTILHA

DANÇA INDÍGENA MURA

MINHA CULTURA, MINHA IDENTIDADE

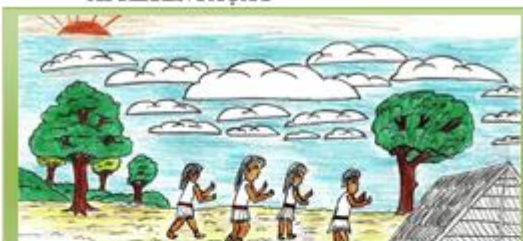
ALDEIA MURUTINGA

Danças Indígenas Mura



Minha Cultura, Minha Identidade
ALDEIA MURUTINGA

APRESENTAÇÃO



Dança da cutia: Minha cultura, minha identidade na escola Mura.

Olá!!!

Vamos conhecer sobre nossa cultura da aldeia Murutinga, a dança da cutia.

APRESENTAÇÃO

Além de dançarmos, a dança da cutia me propociona conhecer muitas coisas, como:

- ❖ leitura em língua portuguesa e Nheengatú;
- ❖ pinturas;
- ❖ instrumentos musicais;
- ❖ produzir minha roupa de malva;
- ❖ produzir meus acessórios;
- ❖ Canto;
- ❖ leituras com as letras das músicas em Língua Portuguesa e Nheengatú;
- ❖ Brincadeira de roda;
- ❖ Ser organizada;
- ❖ Trabalhar em equipe;
- ❖ E mais outras coisas boas.

O Projeto "Minha cultura, minha identidade" considero o elo construído entre a teoria e a prática na tentativa de resgatar as memórias e a valorização das raízes históricas do Povo Mura (2014).

Ana Mary Mello de Azevedo

ALDEIA MURUTINGA

A primeira Aldeia Murutinga era localizada em uma ponta de terra onde atualmente é o cemitério. Depois de muitos anos, os moradores se mudaram para outra ponta de terra, passando a morar nesse lugar que estamos hoje. Eramos vinte e nove famílias, vivendo unidas, trabalhando, caçando, pescando e ajudando umas às outras.

Atualmente, a aldeia Murutinga está localizada à margem direita do Lago Murutinga. Sua parte leste fica para o Igarapé Veneza. A parte oeste para o Igarapé do Curara. O norte para o Lago Murutinga e o sul para as áreas de mata.



LOCALIZAÇÃO



Fonte: Meireles

AQUISIÇÃO DA DANÇA INDÍGENA MURA (DANÇA DA CUTIA)

A dança da cutia é de origem da aldeia Jabuti em 1935. Então, Nila Nunes como pioneira das danças na Aldeia do Murutinga animava os demais aldeiaidos a participarem dos rituais das danças que demonstravam o respeito pela fauna da mãe natureza.

Com isso, Nila Nunes passou o ensino dos rituais das danças de geração a geração. Já debilitada da saúde em sua velhice, os próprios aldeiaidos se organizavam para dançarem nos encontros festivos da aldeia ou em festas juninas em outros lugares fora da aldeia Murutinga.

Na década de 90, as danças tornaram-se bastante conhecidas pelos não índios, devido suas participações nas festas juninas na Sede do Município de Autazes, tendo como organizador o Mura Antonio Mota que estando na Aldeia Murutinga trabalhava coletivamente com os demais indígenas valorizando sua cultura e sua identidade.

COREOGRAFIA

Sua coreografia é balançando o corpo pra lá e pra cá e mexendo com os braços e as mãos fazendo movimentos característicos de cada dança.

Cada dança se refere a um animal: dança da cutia, camaleão, papagaio, arara, veado, maçarico, sereia, jacundá, macaco, saracura e mulatinha. É de 10 a 15 minutos cada dança.

Durante a realização das festas era costume dos Mura comer massa assada, chibé ou jacuba.

DANÇA DA CUTIA



Fotos: Méireles

DANÇA DO JACARÉ AÇU



DANÇA DO CARÃO



DANÇA DO MACACO



DANÇA DO MACACO



DANÇA DO PAPAGAIO REAL



A confecção dos figurinos são produzidos pelos brincantes, famílias e moradores da aldeia. Ao terminarem suas apresentações os indígenas guardam suas roupas e demais utensílios dentro de saco plástico garantindo sua durabilidade e proteção contra insetos.

FIGURINO

Suas vestimentas são:

Saia de malva grande ou pequena colhida na mata;
Saia de envira da casca da castanheira;
Sutiã feito de *cuiá* e *malva*; *Sutiã* feito de palha de tucumã; *Sutiã* feito de malva e semente de lagrima de santa Lúzia e tento; *Brincos* de caroço de tucumã;
Colar de semente de morototó e seringa;
Tornazeleira e *bracelete* feito de malva e pena/papelão e pena;
Pulseira de caroço de açaí, morototó, pena de arara e galinha;



Fotos: Mézales

Cocar de semente de morototó e pena de arara; Chapéu de palha branca e pena de galinha; Chapéu de papelão e pena de galinha;
Cocar de tala da palha preta e pena de arara;
Cocar de tala de buritizeira e pena de arara ou de galinha.

INSTRUMENTOS

No mês de junho, os Mura dançam ao som de tamborim e gambá, durante três dias seguidos de festas.

Quando há necessidade eles esquentam no fogo o couro do tamborim para esticar, melhorando assim, o som dos batuques.

Gambá



Foto: Maura

TAMBORIM



PINTURAS

Os produtos naturais servem de recursos para se pintarem, como exemplo: semente de urucum, jenipapo verde, carvão;

Os adultos pintam as crianças e se pintam entre si, de modo coletivo se organizam para dançarem demonstrando sua identidade através de sua cultura.



LETRAS MUSICAIS / TEXTOS

PARADIDATICOS

Tradução: Edilson Martins (baniwa)

DANÇA DA CUTIA Akuti Murasi

Cutia, cutia, cutia
akuti, akuti, akuti
Lembrança pra tua tia
Kuekatu né tia supê
(4 vezes)

Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuit uyawá
Menina do Murutinga não deixa a cutia perder
Kunhantaĩ murutinga wara te rexari akuti uyawá

Porque esse gambá nunca pára de bater
Mará ta kua mikura ti upitu unupá
Porque esse gambá nunca pára de bater
Mará ta kua mikura ti upitu unupá

Cutia é o bicho do mato é um bicho corredor.
Akuti nhaã kaapura ugustari waá uyana
Cutia é o bicho do mato é um bicho corredor
Akuti nhaã kaapura ugustari waá uyana

Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé

Au, au, au, au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé
Au, au, au, au, au, au
Corre minha cutia pro cachorro num pegar
Reyana se akuti tiararam yawara upisika indé



Desenho: Valfone Prak
Pintar: Ana Melo

DANÇA DO MACACO Makaku Murasi

A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.
Pakuwa itawá uiku, te rexari macaco uú.
A banana está amarela, mas não deixa o macaco comer.
Pakuwa itawá uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer.
Abiu puranga uiku, te rexari macaco uú.
O abiu está maduro, mas não deixa o macaco comer.
Abiu puranga uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.

O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco comer.
Ingá itawá uiku, te rexari macaco uú.
O ingá está amarelo, mas não deixa o macaco comer.
Ingá itawá uiku, te rexari macaco uú.

Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.
Engole, engole, engole, mas não deixa o macaco comer.
Remukuna, remukuna, remukuna, ma te rexari macaco uú.



Desenho: Valfone Prak
Pintar: Ana Melo

DANÇA DO JACARÉ AÇU
Yakaré wasú murasi.

Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu
Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú
Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis
Tasenui yakaré coroneu ta tempu.
Jacaré foi convidado no tempo dos coronéis
Tasenui yakaré coroneu ta tempu.

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu.
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú
Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu açu.
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú

Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu
Jacaré foi convidado no tempo da seca grande
Ta senui yakaré tinkanga tempu

Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu Açú
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyerdama yakaré wasú.
Vira dama, vira dama, vira dama, vira dama jacaréu Açú
Remuyeré dama, remuyeré dama, remuyeré dama yakaré wasú



Desenho: Valdirene Prisk
Pintura: Ana Miko

DANÇA DO PAPAGAIO REAL
Parawá

Quem me ensinou a falar foi o papagaio a real
Awá umbué akuntari nha parawaá
Quem me ensinou a falar foi o papagaio a real.
Awá umbué akuntari nha parawaá

Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora
Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
Awá umbué awitá nhaá piramiri paranã turusu wara
Quem me ensinou a nadar foi o peixinho do mar
Awá umbué awitá nhaá piramiri paranã turusu wara

Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora
Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia
Awá umbué ayana nhaá Masariku
Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia
Awá umbué ayana nhaá Masariku

Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora
Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora

Quem me ensinou a falar foi o papagaio real
Awá umbué akuntari nha parawaá
Quem me ensinou a falar foi o papagaio real.
Awá umbué akuntari nha parawaá
Foi , foi , foi, girimbabu da minha senhora
Foi, foi, foi, girimbabu da minha senhora
Quem me ensinou a correr foi o maçarico da praia.
Awá umbué ayana masariku praia wara.



Desenho: Valdirene Prisk
Pintura: Ana Miko

DANÇA DO CARÃO

Carão murasi

Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão.

Quebra a asa do carão dois carão, dois carão
Rempena carão pepu mukuim carão, mukuim carão
Quebra a perna do carão dois carão, dois carão
Rempena carão pepu mukuim carão, mukuim carão

Dois é dois carão, dois carão, dois carão.
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão.

Quebra um bocadinho carão, dois, carão, dois carão
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Pula um bocadinho carão, dois carão, dois carão
Carão repuri mirim, mukuim carão, mukuim carão
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Quebra a asa do carão, dois carão, dois carão
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão

Pula um bocadinho carão, dois carão, dois carão
Carão repuri mirim, mukuim carão, mukuim carão

Quebra um bocadinho carão, dois, carão, dois carão.
Rempena mirim carão, mukuim, carão, mukuim carão.
Dois é dois carão, dois carão, dois carão
Mukuim nhaã mukuim carão, mukuim carão, mukuim carão



Desenho: Valdirene Prado
Pintura: Ana Mido

DANÇA DO VEADO

Suasú Murasi

Corre meu veado, corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar.
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.

E corre meu veado, e corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar.
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.

Esse veado é bom de pema, ta acostumado correr na terra grande.
Kua suasú uriku puranga sétima, uyana wera waã uwi wasú upé.
Esse veado é bom de pema, ta acostumado correr na terra grande.
Kua suasú uriku puranga setimã, uyana wera waã uwi wasú upé.

Corre meu veado, e corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.

E corre meu veado, e corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.
Esse cachorro é bom de caçar ta acostumado agarrar veado aqui.

Kua yawara marupiarã, uyukã wera suasu.
E corre meu veado, e corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar.
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.
E corre meu veado, e corre meu veado, e corre meu veado pro cachorro num agarrar.
Reyana sé suasú, reyana sé suasú, reyana sé suasú tiarama yawara upisika indé.

Esse veado é bom de pema, ta acostumado de correr na terra grande.
Kua suasú uriku puranga setimã, uyana wera waã uwi wasú upé.



Desenho: Valdirene Prado
Pintura: Ana Mido

DANÇA DO CAMALEÃO Suasú Murasi

Camaleão era um rapaz caidor rio dentro d'água
Camaleão nhaã yepé kurumiwasú ugustari waá uwá paraná upé
Camaleão era um rapaz caidor rio dentro d'água
Camaleão nhaã yepé apigá kurumiwasú ugustari waá uwá paraná upé

Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Repukuá camaleão repukuá ne pi asui em pú
Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Repukuá camaleão repukuá ne pi asui em pú

Ele chega dentro do salão
Usika murasi renda upé
Espia de canto a canto
Umaã kuati, asui mikiti

E encontrou uma garotinha e puxa logo pro salão
A'pe uwasemu yepé kunha mirim, usiki upurasiarama irumu

Camaleão era um rapaz caidor rio dentro d'água
Camaleão nhaã yepé apigá kurumiwasú ugustari waá uwá paraná upé

Camaleão era um rapaz caidor rio dentro d'água
Camaleão nhaã yepé apigá kurumiwasú ugustari waá uwá paraná upé

Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Cameleão repukuá, repukuá ne pi asui ne pú
Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Cameleão repukuá, repukuá ne pi asui ne pú
Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Cameleão repukuá, repukuá ne pi asui ne pú
Amarra camaleão amarra teu pé e mão
Cameleão repukuá, repukuá ne pi asui ne pú



Desenho: Valdeci Prado
Pintura: Ana Melo

TAMACUARÉ
Tamakuari

Chegou o tamacuaré que ele é o professor
Usika tamakuari áe umbuesara waá

costumado lecionar no Estado do Pará
Umbué waá Pará upé

Chegou o tamacuaré que ele é o professor
Usika tamakuari áe umbuesarawaá

costumado lecionar no Estado do Pará
Umbué waá Pará upé

Dança camaleão, eu não sei dançar
Repurasi camaleão ixé ti akuá apurasi
Sou rapaz bonito, mas não posso me agarrar
Ixé apigawa puranga maá ti apuderi ayumana.

Dança camaleão, eu não sei dançar
Repurasi camaleão ixé ti akuá apurasi
Sou rapaz bonito, mas não posso me agarrar
Ixé apigawa puranga maá ti apuderi ayumana.

Chegou o tamacuaré que ele é o professor
Usika tamakuari áe umbuesara waá
costumado a lecionar no Estado do Pará
Umbué waá Pará upé

Chegou o tamacuaré que ele é o professor
Usika tamakuari áe umbuesara waá
costumado lecionar no Estado do Pará
Umbué waá Pará upé



Dança: Volô da Prata
Pintor: Yawara Murasi (2008)

Dança camaleão, eu não sei dançar
Repurasi camaleão ixé ti akuá apurasi
Sou rapaz bonito, mas não posso me agarrar
Ixé apigawa puranga maá ti apuderi ayumana.

DANÇA DO CACHORRO
Yawara Murasi

Mas o cachorro é um cara inteligente
Yawara iriku ukuá sá

É do coração da gente
Aé yané rumuara

Agente não pode esquecer
ti yapudéri yané resarai aé

Mas o cachorro é um cara inteligente
Yawara iriku ukuá sá

É do coração da gente
Aé yané rumuara

Agente não pode esquecer
ti yapudéri yané resarai aé

Ei, ei, ei, ei, ei, ei, eiá o cachorro é inteligente
Ei, ei, ei, ei, ei, ei, eiá yawara uriku waá ukua sá

Agente não pode esquecer
ti yapudéri yané resarai aé

Minha canoa estar no fundo esperando passageiro
Sei igara tipi pe uiku, usarú uiku awá usuputari waá.
Minha canoa estar no fundo esperando passageiro
Sei igara tipi pe uiku, usarú uiku awá usuputari waá.

Atira mulata atira no toco da laranjeira
Reyapi, reyapi mulata laranja rupitá ruaxá
Atira mulata atira no toco da laranjeira
Reyapi, reyapi mulata laranja rupitá ruaxá



DANÇA ARREBANCEREBANDÔ Murasi

Arrebancerebandô cajueiro cajuá
.....akayúíwa akauwá
Arrebancerebandô vamos ver menina yáyá
.....yasú yamaã kunhantai yáyá

Batatinha quando nasce espalha rama pelo chão
Batata mirim mairamê usemu uyana iwí rupi

O amor quando se aparta deixa dor no coração
Yagustari ramê amum resé sasi yasã yané piáupé

Ei maroca mamãe te chama, diga a ela que eu não vou
Mamãe isenui indê maroka, rembeu ixupé tia asti.
Indagora cheguei do samba fui dançar serebandô
Kuirintu asika murasi sui apurasi sarebandô.

Arrebancerebandô cajueiro cajuá
Arrebancerebandô akayu waá, akuyá
Arrebancerebandô vamos ver menina yáyá
.....yasú yamaã kunhantai yáyá

Cajueiro pequenino carregado de flor
Akayu mirim siia waá putira
Eu também sou pequenino carregado de amor
Ixé yui kuaira mirim ma turusti se piá

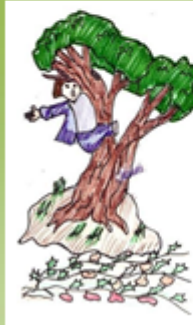
Arrebancerebandô cajueiro cajuá
Arrebancerebandô vamos ver menina yáyá
.....yasú yamaã kunhantai yáyá

Cajueiro pequenino quem te derrubou no chão
Akayü mirim awata umburi indé iwipe

Foi um golpe de machado que doeu no coração
de amor
ta munuka indé machado upé

Arrebancerebandô cajueiro cajuá
Arrebancerebandô vamos ver menina yáyá
..... yasü yamaã kunhantã yáyá

Estatinha quando nasce espalha rama pelo chão
Estata mirim mairamé usemu uyana iwí rupi
O amor quando lhe aparta deixa dor no coração
Yagustari ramé amum resé sasi yasá yané piá upé



Desenho: Valdirene Prado
Pintura: Ana Melo

DANÇA DA ONÇA Yawaraté murasi

Olha a onça te pega, deixa pegar
Remaã yawarete upisika indé, rexari upisika

Olha a onça te pega, deixa pegar
Remaã yawarete upisika indé, rexari upisika

Olha a onça te puxa, deixa puxar
Remaã yawarete usiki indé, rexari usiki

Olha a onça te pisa, deixa pisar
Remaã yawarete upiru indé, rexari upiru

Uma onça bonita é maracajá
Remaã yawarete puranga waá aé maracayá

É uma onça mancinha sosoarana
Yepé yawarate mirim sosoarana

Uma onça danada é maracajá
Yawarate tiwa yapuderi nham maracayá

É uma onça mancinha sosoarana
Yepé yawarate mirim sosoarana

Olha a onça te abraça, deixa abraçar
Remaã yawarete uyumanaindé, rexari uyumana

Olha a onça te abeca, deixa becar
Remaã yawarete abeca, rexari beca

Olha a onça te puxa, deixa puxar
Remaã yawarete usiki indê, rexari usiki

Olha a onça te beija, deixa beijar
Remaã yawarete ubejari indê, rexari ubejari

Olha a onça te pisa, deixa pisar.
Remaã yawarete upiru indê, rexari upiru

Uma onça danada é maracajã
Remaã yawarete yakuema waã aé maracayã

Uma onça atrevida sossoarana

Yawarete inharurwaã sossoarana

É uma onça danada sossoarana
Yawaratê yakuema waã sossoarana



Desenho: Valdirene Prato
Pintura: Ana Melo

DANÇA DO QUATIPURÚ **Akutipuru Murasi**

Lá vem, Lá vem, Lá vai, Lá vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru
Lá vem, Lá vem, Lá vai, Lá vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru

Quatipurú está doente e comeu murumuru
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru
Quatipurú está doente e roeu murumuru
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru

Lá vem, Lá vem, Lá vai, Lá vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru
Lá vem, Lá vem, Lá vai, Lá vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru

Quatipurú está doente e comeu murumuru
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru
Quatipurú está doente e roeu murumuru
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru

La vem, La vem, La vai, La vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru
La vem, La vem, La vai, La vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué uri akutipuru

Quatipurú está doente e comeu murumuru.
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru
Quatipurú está doente e roeu murumuru.
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru

La vem, La vem, La vai, La vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué usú, aikué uri akutipuru
La vem, La vem, La vai, La vem o quatipurú
Aikué uri, aikué uri, aikué usú, aikué uri akutipuru

Quatipurú está doente e comeu murumuru
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru
Quatipurú está doente e roeu murumuru.
Akutipuru imasi uikú umbau murumuru



Desenho: Valdiene Prado
Pintura: Ana Melo

Foto: Meireles



Professores (as)/ pesquisadores(as)

Ana Mary Mello de Azevedo
Roberta Braga do Carmo
Rubiane Carvalho Braga
Aida Carvalho Braga
Carliane Braga
Martiene Braga
Maria de Nazareth Barroso
Aglair Gomes da Silva
Allean Braga da Silva
Paulo Borges

Raimundo, Ana Mello, Carliane Braga



Foto: Meireles

REFERÊNCIAS

SILVA, A. G. da. [et al]. *Aldeia Indígena Mura*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2008.
AZEVEDO, Ana Mary Melo. *Educação escolar indígena Mura e a orientação pedagógica para a proposta curricular da Escola Municipal indígena Manoel Miranda*. Pedagogia Intercultural; Autazes-Am: UEA/PROIND, 2004.